

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

NUNES, Edson de Oliveira. Edson Nunes II (depoimento, 2013). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (4h 30min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Edson Nunes II
(depoimento, 2013)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Helena Maria Bousquet Bomeny;

Técnico de gravação: Ítalo Rocha Viana;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 01/07/2013 a 10/07/2013

Duração: 4h 30min

Arquivo digital - áudio: 5; Arquivo digital - vídeo: 6; MiniDV: 6;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Temas: Advocacia; Anos 1960; Armamentos; Atividade profissional; Ato Institucional, 5 (1968); Bibliografias; Bolsas de estudo e de pesquisa; Burocracia; Cândido Mendes de Almeida; Carreira acadêmica; Catolicismo; Ciência política; Ciências Sociais; Clientelismo; Congressos e conferências; Conselho Nacional de Educação; Corrupção e suborno; Direito; Ditadura; Economia; Editoração; Editoras; Educação; Empresas privadas; Ensino a distância; Ensino primário; Ensino privado; Ensino secundário; Ensino superior; Esquerda; Estados Unidos da América; Família; Filosofia; Formação acadêmica; Formação escolar; Funcionalismo público; Golpe de 1964; Greves; Ideologia; Imprensa; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); Intelectuais; Magistério; Marcha da Família Com Deus Pela Liberdade (1964); Medicina; Mercado de trabalho; Militância política; Ministério do Planejamento; Movimento estudantil; Movimentos sociais; Obras de referência; Oliveira Viana; Participação política; Pesquisa científica e tecnológica; Política; Políticas públicas; Portugal; Pós - graduação; Produção intelectual; Reforma Universitária de 1968; Repressão política; Rio de Janeiro (cidade); Sindicatos de trabalhadores; Universidade de Chicago ; Universidade Federal Fluminense;

Sumário

1ªEntrevista: 01.07.2013 Origens; o nascimento no interior do Rio de Janeiro e a perspectiva do estudo de medicina; a formação familiar; os primeiros estudos na cidade natal; a comunidade profundamente católica; a entrada no curso científico; as boas lembranças do ensino ministrado por profissionais não pertencentes a área; a vida estudantil; as lembranças dos primeiros estudos e do curso científico; estórias sobre o pai e a mãe; o convívio e características obtidas com a mãe; o hábito da leitura conseguido com a mãe; a ida para Niterói; a lembrança de 31 de março de 1964; a ida em 1965 para Niterói para prosseguir os estudos; o envolvimento com o Movimento Estudantil; os problemas com o Departamento de Ordem Política e Social; as lembranças acerca da Marcha da Família com Deus Pela Liberdade; a ambientação em Niterói com a mãe; a entrada na universidade; a orientação paterna para entrar na Faculdade de Medicina; a escolha por Direito e entrada na Faculdade de Direito; a decepção com o curso de Direito; a escolha por Ciências Sociais pelo dinamismo; o período de estudo simultâneo de Direito com Ciências Sociais; o desagrado com o trabalho de advogado; a efervescência política no curso de Ciências Sociais; a militância dentro do diretório da Faculdade de Filosofia e a eleição para presidente do diretório Oliveira Viana; memórias do Ato Institucional número 5; as prisões no regime militar e as passeatas contra os militares; o caso da prisão em Niterói com o delegado Agra Lopes; o engajamento político e as Ciências Sociais; a fuga para Friburgo em 1968; o afastamento ideológico das organizações paramilitares por não concordar com o armamento; lembranças da graduação em Ciências Sociais; os professores e o bom desenvolvimento intelectual; a Reforma Universitária; a divisão das faculdades e desmembramento da Faculdade de Filosofia; a eleição para representante do curso de Ciências Sociais; os impactos da Reforma no convívio de alunos; a relação da nova organização universitária com os movimentos de esquerda; a pós-graduação em Ciência Política; o interesse pelo mestrado no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); o começo do mestrado no recente IUPERJ e a estrutura do mesmo; os investimentos na pós-graduação brasileira à época; o cargo de diretor de pesquisa do IUPERJ; a falta do atestado ideológico para ganhar a bolsa do governo para o doutorado no exterior; a dissertação de mestrado e o doutorado; o interesse de estudo por assuntos pessoais; a ida para os Estados Unidos; o doutoramento em Ciência política; a chegada na Universidade de Chicago e a decepção com

a mesma; os estudos de amigos brasileiros na mesma universidade; a ida para Berkeley na Califórnia; o contato com diversas personalidades intelectuais; a volta para o Brasil; a banca e a defesa da tese de doutorado ainda nos Estados Unidos; a volta para o Brasil com cursos a ministrar no IUPERJ; o convite para ir para o governo ante a incapacidade sentida no IUPERJ; a boa formação acadêmica; a densidade do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense (UFF); a mais preparação para o mestrado no IUPERJ; a densidade de Berkeley; a falta de diversidade nos trabalhos e teses contemporâneos; o trabalho para desenvolver a tese de doutorado e a boa intervenção do orientador americano; os compromissos não acadêmicos; a amizade com Jorge Zahar; o trabalho com o editor de livros em revisões; a ligação da tese de mestrado com os trabalhos para Jorge Zahar; a criação da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e as discussões de método; o trabalho de Jorge Zahar em trazer as Ciências Sociais para o Brasil; a trajetória não universitária; as organizações governamentais de ensino no Brasil; a estruturação das instituições de ensino; a boa capacidade de algumas instituições de sobreviverem com bom ensino.

2ªEntrevista: 10.07.2013 A passagem pelo Ministério do Planejamento; a mudança de ambiente e de vida com a ida para o Ministério do Planejamento; a entrada de um grande número de intelectuais no Governo; os cargos de secretário-geral adjunto do Ministério do Planejamento e vice-presidente executivo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); a missão dada pelo ministro do planejamento para assumir o IBGE; a realidade ambígua ante os acontecimentos econômicos da época; a diferença da vida acadêmica para a atuação política e econômica; a corrupção em determinados setores do IBGE; a luta contra o clientelismo; a demissão do IBGE ante a negação de demitir grevistas; o aprendizado da cultura política; o olhar sobre suas ideologias mudando com toda a mobilidade de interesses na política; o entendimento de toda a relação política e partidária atrelada à teoria apreendida nas Ciências Sociais; discussões sobre a função social e ideológicas do Bolsa Família; os outros cargos exercidos; a volta à Cândido Mendes como diretor-geral; a ligação ao governo como representante do Ministério do Planejamento; a seguinte boa relação com os sindicatos dos funcionários do setor público; o término de cargos governamentais em 2010; o Conselho Nacional de Educação; a nomeação para o Conselho devido ao artigo produzido sobre as estruturas

burocráticas do Estado; as novas experiências com o Conselho; as organizações estudantis e suas relações com o governo; o entendimento da presença da corrupção nas entidades organizacionais; o Conselho nacional de Educação; o peso político dos interesses de empresas privadas sobre o Conselho; a excepcionalidade do ingresso como intelectual no Conselho; a independência de ligações com interesses privados; os oito anos e diversos aprendizados no Conselho; as Ciências Sociais no Brasil; a crítica ao modelo universitário precoce usado no Brasil; a análise e percepção da mentalidade do mercado profissional brasileiro como precoce; a profissionalização precoce e a não rara inutilidade do diploma em Ciências Sociais; a precariedade do sistema de bolsas para pós-graduação no país; as discussões no Conselho Nacional de Educação; a atividade de Marilena Chauí; as mudanças institucionais do ensino brasileiro; a falta de discussões conceituais para contextualizar a ideia de educação no CNE; as agências reguladoras e suas aplicações; a ligação com a Cândido Mendes; a tentativa de reprodução do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) no DataBrasil; a desistência da pesquisa aplicada ante as dificuldades da política brasileira; a opção por ligação a pesquisa sem descartar o empresariado; a experiência no magistério; a curta passagem por algumas turmas de graduação antes do doutorado nos Estados Unidos; a volta para o Brasil e a experiência na Escola de Governo como política e não didática; o título de doutor e a capacidade de pesquisa sobrepondo a de docente; a dedicação à carreira de empresário; a faculdade a distância AVM Faculdade Integrada e o cargo de Diretor-Geral; os cursos de graduação e pós-graduação; o circuito de conferências prestadas; o gosto por se manter ativo intelectualmente; outros debates recorrentes; a contemporaneidade dos estudos sobre movimentos sociais; a recorrência da imprensa no tocante aos assuntos temas de livros publicados; a estrutura acadêmica brasileira e portuguesa; a falta de reflexão brasileira sobre a deficiência academia e a possível ajuda lusa à estrutura universitária brasileira; as grandes influências literárias; a referência de Albino Forjaz Sampaio; influencias bibliográficas desde a infância à universidade e pós-graduação; conclusão e considerações finais.

1º entrevista: 01/07/2013

H.B. –Edson, antes de tudo muito obrigada por ter nos recebido, nos atendido. Esse é um projeto que eu tenho um carinho especial. E é um projeto que tem sido muito acompanhado por estudantes, jovens estudantes. E isso é um ponto de gosto para a gente. E o que a gente faz, em geral, é um pouco trajetória de vida não é, e a gente podia começar com o começo mesmo. De onde é que você vem? Lembranças de família, cidade, primeiros estudos, etc, etc, etc.

E.N. – Bom, eu venho da mesma cidade que você vem, não é isso? Portanto, você sabe muito bem, eu venho de Bom Jesus de Itabapoana, uma cidade do interior do noroeste fluminense, fronteira com o Espírito Santo. Uma cidade de identidade dupla, metade no estado do Rio e metade no Espírito Santo. E eu estudei nas duas metades. Estudei, nos estudos iniciais, até o que se chamava, final do ginásial em Bom Jesus do Itabapoana e o curso científico – porque eu ia fazer vestibular de Medicina – curso científico em Bom Jesus do Norte. Vestibular de Medicina porque pai médico, vizinhos todos médicos, amigos todos filhos de médicos, uma comunidade enorme de médicos, você não tinha muita escolha: você ia ser médico. Até eu me mudar para Niterói, porque os adolescentes não tinham como continuar estudando nas suas cidades, tinham que se mudar para fazer faculdade ou pré-vestibular.

H.B. – Mas eu não quero que você se mude ainda não...

E.N. – Ah, você não quer que eu me mude ainda não?

H.B. – Não.

E.N. – Está bem.

H.B. – Ainda não.

E.N. – Está bem. E aí, se eu não mudei, então... O que eu faço?

H.B. – Você estava falando disso: pai médico...

E.N. – Pai médico. Mãe veio a estudar posteriormente advocacia e Biblioteconomia, uma combinação estranha. Pai médico, os avós proprietários rurais. Uma família, eu acho que bem estabelecida pelos padrões, porque o meu pai veio estudar medicina em 1938, 39 que era uma coisa rara. Eu me lembro inclusive quando estava no primário, no ginásio, não eram muitos meninos que tinham os pais com educação superior... Uma coisa... Então meu pai veio a estudar Medicina em 38, 39, se formou em 44, voltou para lá para abrir o centro cirúrgico e a geração dele era mais estranha, porque não tinha escola. E tinha um mecanismo que eu acho até que o Brasil podia reviver. Tinham as bancas do Pedro II que viajavam para examinar as pessoas. Então... Pois é, a ideia é excelente porque você dá um padrão quase que nacional. Então, as bancas iam até Campos dos Goytacazes. Então as pessoas do norte, noroeste, do Espírito Santo, do estado do Rio viajavam para Campos dos Goytacazes, prestavam exame do Ensino Médio, tinham o diploma e podiam entrar na universidade. Não é má ideia. O país cresceu demais criança demais para fazer isso mas,...

H.B. – Mas o Dr. Waldir, é o nome do seu pai?

E.N. – Isso.

H.B. – Waldir Nunes. Ele é natural também de Bom Jesus? Não?

E.N. – Ele é natural de Bom Jesus, ele é natural de Bom Jesus. Meu avô, meu avô paterno também. Minha avó materna, Carmélia, eu nunca consegui identificar muito as origens dela, ela é de Carmo, Santo Antonio do Carmo, de uma família de origem suíça. Uma suíça claríssima, muito branca, dos olhos estranhos, porque ela tinha um olho azul e o outro olho branco, porque ela era cega de um olho... Eu não sei que história é essa.

H.B. – Mas você conviveu com os avós?

E.N. – Convivi muito com os avós, convivi deliciosamente com eles... Com uma vantagem: a minha avó, ela, quando se casou com o meu avô, eles foram morar na fazenda. Eles tinham uma fazenda mais perto da cidade e uma fazenda mais longe. E lá na fazenda, portanto eu imagino que a minha avó era uma moça de alguma escolaridade, porque ela era professora. E

ela tinha uma escolinha na fazenda. Depois eles se cansaram da fazenda e se mudaram para a cidade e ela abriu uma escola. Então a minha primeira... A minha família já estava envolvida com esse negócio de ensino particular de alguma razão. E eu comecei a estudar na escolinha dela. Muito novo, muito cedo. Eu quis ir para a escola muito cedo, fui com... Na época muito cedo, cinco, seis anos, e passei uns dois anos na escolinha dela até que... Era uma escola informal não era uma escola registrada...

H.B. – Era uma turma só? Ou várias turmas?

E.N. – Uma turma só, uma turma só, durante quatro, cinco horas. Na parte da manhã até mais ou menos uma hora da tarde, aí não tinha mais. Uma turma só, uma turma única em uma sala enorme, uma mesa cumprida com pessoas em vários estágios de aprendizagem ali...

H.B. – E você foi alfabetizado ali?

E.N. – Fui alfabetizado ali. Fui alfabetizado ali. Aprendi as operações...

H.B. – Ela que dava aula?

E.N. – Ela que dava aula. Ela sentava assim na cabeceira, aquela mesa, aquela porção de criança sentada, uns bancos... – bancos que vieram da fazenda, não é? Ela dava aula, alfabetizava, ensinava as quatro operações, você tinha que aprender a tabuada, aprendia noções básicas... Até que você não podia continuar ali, porque ela não dava certificado formal, então eu tive que me mudar para uma escola registrada, onde eu cheguei no terceiro ano primário... Segundo? Terceiro? Terceiro ano primário, que era onde achavam que eu ia ficar. E eu estranhei muitíssimo, porque eu estudava com a minha avó, com as crianças conhecidas, umas 30 crianças talvez. Fui para um ambiente estranho, formal, com professoras, com crianças uniformizadas, eu achei muito estranho... E fiquei um tempinho nessa turma. E aí depois, quando eu estava me acostumando me passaram para a turma de cima, aí eu me lembro que foi um horror passar para a turma de cima porque eu queria ficar onde já estava. E isso foi uma droga, porque eu fiquei nessa turma e acabei muito rápido o que eles chamavam de ensino primário e aí você não pode continuar, porque você não tem idade. Tinha uma regra

antigamente, que para você passar para o Segundo Grau, você tinha que ter 11 anos, tinha que ser o ano que você fazia...

H.B. – Eu escapei por dois dias... 28 de junho...

E.N. – Pois é. Era o ano que fazia 11 anos. Aí eu fiquei preso, fiquei retido ali no que eles chamavam admissão ao ginásio, aí repeti aquilo outra vez, fiz mais um ano e, não guardo muitas lembranças, exceto da passagem para o ginásio que havia uma promoção implícita, é que você andava de calças curtas até o primário e andava de calça cumprida no ginásio. E os tecidos eram muito ruins, era casimira, um ter... Uma coisa... Não existia tecido sintético. E se você nunca andou de calça cumprida, como diz um amigo, não tem perigo de dar certo você vestir aquilo porque espeta as pernas. Então eu passei uns meses indo para a escola de pijama por baixo da calça cumprida, para poder aguentar usar porque era muito, era um horror mesmo. Então o ginásio foi muito agradável... Helena estava na mesma turma...

H.B. – Ginásio Zélia Gisner

E.N. – Ginásio Zélia Gisner. Em um período muito agradável, uma comunidade educacional muito, muito simpática, profundamente católica. Havia orações antes de entrar em sala de aula, você ficava perfilado e fazia orações. O ginásio eu acho que foi...

H.B. – A gente cantava hino?

E.N. – Cantávamos hinos de vez em quando...

H.B. – É?

E.N. – É. Tinham os hinos, hinos católicos eu acho.

J.S. – Mas era uma escola particular ou pública?

H.B. – Particular.

E.N. – Escola particular. Eu nunca estudei em escola pública até o Brasil me dar um prêmio, mais tarde, na universidade. Eu sempre estudei em escola particular. Particular. Acabado aquilo aí a opção era vir para o Rio de Janeiro para estudar, que era o que eu faria em seguida, aos quinze anos. Mas nessa época criaram o curso científico, no Ginásio Coronel Antônio Honório, que era um ginásio do lado de lá no rio, no Espírito Santo. E era muito difícil você fazer um curso científico em uma cidade do interior. Porque, quem é que vai ministrar Química? Quem é que vai ensinar Zoologia? Biologia? Então tinha que recrutar professores. O de Química vinha de uma cidade de perto chamada São José do Calçado, seu Aderbal. Fumava um cigarro. Enfiava um cigarro na boca e fazia umas experiências químicas que às vezes não davam muito certo. Ele dizia que ia sair um precipitado amarelo, saía um precipitado azul. Mas fomos bem de Química. Meu pai dava aula de Biologia. Quer dizer, recrutaram médicos, recrutaram alguns químicos e engenheiros que encontravam por ali. O juiz de direito dava aula de Português e dava aula de Inglês. O libanês de plantão, o Jorge Obaica dava aula de Francês – claro, vinha do Líbano, falava francês.

H.B. – Uma experiência interessante, porque são profissionais liberais que vão dar aula. Você tem lembranças de como eram essas aulas?

E.N. – Eram muito boas as aulas, eram excelentes. Eu acho que isso é um dos erros que a gente acabou cometendo mais tarde, proibiu isso, até hoje é complicado isso. Inclusive quando eu estava na faculdade de Filosofia, depois a gente fala sobre isso... É, os profissionais liberais davam aula e eram pessoas com a vantagem... Eram pessoas com muita experiência de campo, não é isso? Os engenheiros e os médicos tinham que estudar um pouquinho, porque eu me lembro que papai tinha que estudar. Eu até ajudei papai a estudar biologia molecular, coisas que ele não... Quando ele estudou em 1939, 40 ainda não existiam, mas a recuperação para ele não foi difícil. O Jorge Obaica era um libanês romântico que nos ensinava muitas poesias em francês, fazia a gente ler poesia. O juiz de direito era também dedicado a poesias em inglês, então eu acho que foi um bom ensino. Eu fiquei lá no primeiro e no segundo ano voltado para... Porque científico? Porque você quando acabava o ginásio, você tinha... Ou fazia contabilidade, que era um título terminal – e virava contador – ou fazia o normal – ia ser professor – ou fazia o clássico ou científico. O clássico era para as Letras e Artes e o científico para Engenharias e

Medicina. Como eu ia fazer Medicina, eu tinha que ir para um lugar onde houvesse um curso científico e não havia clássico lá, você fez normal?

H.B. – Fiz normal.

E.N. – Fez normal. Foi para o segundo grau e fez o normal... Pois é, então, eu fiquei lá, vinha para Niterói, 66, para fazer o vestibular. Fui estudar em um curso da Universidade Federal Fluminense chamado Colégio Universitário, que era o colégio de aplicação da Universidade Fluminense. Um bom colégio, aliás, todos os colégios de aplicação são, está certo? E era um bom colégio e era um ano muito interessante porque logo após o Movimento Militar de 64, não é isso? Os jornais novos aparecendo, o jornal *Argumento*, uma porção de coisas competitivas e os alunos muito envolvidos com aquilo... Era uma turma só. Também médicos, químicos, físicos dando aula e eu ia, eu ia possivelmente ser aprovado no vestibular de Medicina, mas me deu uma nostalgia no fim do ano por culpa de um... Por minha culpa que eu não aguentava mais querer estudar Medicina e por culpa de um amigo meu advogado, um turco [risos], eu vou chamar de Melhim Namem Chalhub. Melhim era tão fanático por Direito, hoje ele é um autor jurídico importante, que ele... Aquilo... As conversas com ele me deixaram encantado com o mundo do Direito e aí eu fiz vestibular para Direito. Tive que correr para poder aprender latim o suficiente porque você tinha exame oral de latim, exames escritos e oral nas bancas de... E aí fui fazer o curso de Direito, o qual me decepcionou por completo em menos de seis meses de vida.

H.B. – Então eu quero voltar. Duas coisas eu queria voltar. Primeiro: a sua avó, professora, é avó materna? Mãe de Maria Augusta?

E.N. – É avó paterna.

H.B. – Paterna.

J.S. – Carmélia.

E.N. – Carmélia...

H.B. – É. Maria Augusta é a sua mãe, não é?

E.N. – Maria Augusta é minha mãe, é.

H.B. – E Edson, você tem lembrança especial de algum professor nessa primeira escolarização? O ambiente em casa era propício a estudo? Já tem essa experiência da avó que é formidável, mas como era essa relação sua, de casa com a escola?

E.N. – Bom a minha experiência... Eu acho que a experiência que eu tenho, a lembrança da minha relação com a escola era uma certa ansiedade incontrolável da minha mãe. Porque minha mãe morava no Rio de Janeiro, ela que é de origem também de Nova Friburgo, mas morava no Rio de Janeiro com a minha avó adotiva, minha mãe foi adotada, família de amigos, criavam filhos, etc, então eu tenho uma família de tias e primos e de fato não são, mas são. E mamãe fez o Ensino Médio e, eu tenho a impressão que ela tem uma... Nas minhas... Nas histórias que ela conta parece aquele filme *An Officer and a Gentleman*, oficial do Exército todo paramentado, papai era oficial do Exército da... Oficial do CPOR por causa da Segunda Guerra, ele ia se preparar para embarcar para a guerra... Então aparece aquele homem médico, oficial, todo cheio de medalhas, com espada não sei das quantas e mamãe... [risos]

H.B. – Largou tudo...

E.N. – Ah, não durou 0 tempo... A mamãe realmente muito bonita, tem fotos dela que... Impressionante! Tem fotos dela que parece até com a Ingrid Bergman em algumas fotos. Aquela mulher belíssima, aquele homem se encantou com ela e foram morar naquele fim de mundo que foi um desastre para ela. Ela achou aquilo horrível. Inclusive tem cenas, quando eles estavam noivos, mamãe foi visitar a cidade com as irmãs e era uma moça que andava de maiô de duas peças em Paquetá em 1940 e pouco, portanto chegar ali, em uma cidade em que você ia à missa, os homens de um lado e as mulheres do outro na igreja, não podiam ficar do mesmo lado...

H.B. – E o cotovelo tinha que estar coberto...

E.N. – Coberto... E elas foram ficar hospedadas na fazenda e resolveram visitar meu pai na cidade e vieram a cavalo de calça comprida. Foi um escândalo! Foi uma comoção na cidade. Papai teve que sair, pedir pelo amor de Deus que elas saíssem da cidade, voltassem para a fazenda, porque nunca tinham visto uma mulher de calça comprida e a cavalo também... Então ela conta... Eu tenho impressão que esses episódios, ela não contava dessa forma, mas eu tenho a impressão que são episódios traumáticos de transformação de vida, está certo? E aí, eu acho que uma mulher que vai sozinha para um lugar desse, você meio que fica refém, capturado não é? Estranha, do Rio de Janeiro, uma sociedade mais tensa no local, eu acho que a ida para lá não foi do gosto dela. E eu me lembro que rapidamente ela começou a se desvencilhar daquilo. Bom, mas aí é o seguinte, porque ela havia estudado pouco, ela... Eu não sei se por causa da relação com o meu pai ou por alguma coisa... Mamãe tinha uma lógica que o seguinte: ou você estuda ou a vida não vai dar certo. Então desde muito pequeno ela... Por exemplo, nós assinávamos os jornais do Rio de Janeiro, o que não era uma coisa normal. Eles chegavam atrasados, mas assinávamos os jornais, então muito cedo eu fui levado a me acostumar a ler Nelson Rodrigues, Antonio Maria, muito, muito pequeno, nas crônicas do jornal chamado *O Jornal*. Assinava algumas revistas, assinava a famosa *Seleção* do Reader's Digest para a gente ler e comprava muitas coleções de livros, porque havia caixeiros viajantes que andavam vendendo livros. Então eu comecei a ler realmente muito cedo, mas mais ou menos compulsivamente. Também porque, para ela se livrar da cidade, ela arranhou umas casas na praia, casa de praia, para onde ela ia em julho e onde ia novembro, dezembro, janeiro normalmente, fim do ano, e eu levava pilhas de livros para lá. Livros de aventura, [inaudível], os livros de Edgar Rice Burroughs, os livros do Tarzan eu sei praticamente quase de cor, os livros desses personagens das histórias, eu me lembro até hoje do nome dos animais e tudo o mais, do fantasma que anda, essas coisas... Eu tenho uma erudição de gibí que é um horror. Então eu tenho a impressão que a insistência da minha mãe na leitura é que levou a um certo...

H.B. – Era mais dela então?

E.N. – Era só dela. Era só dela. E isso eu acho que me ajudou a escrever razoavelmente bem e eu me lembro que já no ginásio às vezes eu fazia crônicas para os colegas.

H.B. – Nós todos.

E.N. – É? Lembro de uma ou outra só. Fazia crônicas para os colegas, trabalhos e tudo o mais, então... Mas eu não me dava conta que isto era uma aptidão que era inoculado por ela, eu acho que... A sensação que eu tenho é que veio... Minha mãe mais tarde veio estudar Direito e Biblioteconomia... Essa ideia dela de que o estudo é igual a ascensão... E acho que tem uma outra coisa, porque como o pai dela... A mãe dela morreu quando ela era muito cedo, o meu avô, português, vovô Romeu com muitas crianças, mamãe foi ser criada por uma outra avó, chamada vovó Áurea, e acho que eles tinham uma vida meio apertada. Então eu tenho a impressão que essa vida meio apertada, deu para ela aquela ideia de que de uma classe média que está entre ir para lá e vir para cá, esta ascensão, este medo do descenso, eu acho que criou uma noção de utilitarismo na vida...

H.B. – De ter que se preparar e de ter que ter o seu lugar...

E.N. – É. E o medo de descer, não é isso? Medo de voltar... Então acho que isso foi vital para que eu tivesse alguma memória de natureza literária e acho que isso talvez tenha ajudado a impedir um pouco a ida para a Faculdade de Medicina.

H.B. – Sim...

E.N. – É, e acho também que... Sei lá, havia também dessas coisas quando você está adolescente, uma certa resistência em seguir padrões que te imprimiram, não é? Então você meio que não quer seguir a trajetória do pai porque...

H.B. – O que o pai fez não é...

E.N. – É. Eu acho que um pouco de trajetória...

H.B. – Mas então você vem para Niterói em 64?

E.N. – 65, 66. 1964 eu ainda estava lá, eu me lembro de 31 de março... Porque meu pai era oficial da reserva, ele era o diretor do Exército local, o Exército brasileiro tem uns pequenos Regimentos no interior chamados Tiros de Guerra. E o Tiro de Guerra, o TG1, Tiro de Guerra número um é em Bom Jesus de Itabapoana. E o Tiro de Guerra, os meninos que estão em idade de servir o Exército no interior, se preparam por um ano servindo no Tiro de Guerra e depois ganham um certificado de reservista. Papai era o diretor do Tiro de Guerra. O Tiro era comandado por um sargento da ativa e papai era o diretor por ser oficial. E eu me lembro dia primeiro de abril, por aí, de madrugada, eu dormia em um quarto que dava para a frente da casa... Uma barulheira na porta de casa, gente batendo e eu acordo e tem uma meia dúzia de homens, cheios de medalhas e de uniformes na porta de casa de madrugada mandando chamar o meu pai... Eram os militares recolhendo armas, veja só. Eles foram recolher os mosquetões com medo, com medo de alguma revolução... Mosquetões era da Primeira Guerra Mundial, os mosquetões de 1914 que treinavam os meninos, uns fuzis velhos, horríveis. E aí papai teve que sair de madrugada, entregar os mosquetões para a briosa força de proteção contra a revolução... Contra as alternativas a 64. Então eu acho que essa é uma memória interessante que eu raramente lembro. E aí eu vim para Niterói era 60 e...

H.B. – [Que incrível isso!].

E.N. – É. Não, mas aí o que eu acho incrível são os militares pensarem o seguinte: "Vamos sair pelo Brasil recolhendo mosquetões", não é? Um negócio meio estapafúrdio não é? [risos] Eu nem sei quando devolveram e se devolveram esses mosquetões, esses fuzis... Os meninos estão lá ainda dando tiro pra todo lado, eu acho... Então eu vim para Niterói em 65 com essa... Uma época muito boa de vir não é, porque muito efervescente, já tínhamos tido umas escaramuças, em 65, com a polícia e tal...

H.B. – Você vem com dois anos do científico feito?

E.N. – Eu fiz primeiro e segundo ano do científico lá...

H.B. – Primeiro e segundo ano.

E.N. – Eu vim fazer o terceiro.

H.B. – E aí transferiu para cá.

E.N. – É, é... Mas já estava envolvido com o movimento estudantil nessa época desde lá...

H.B. – Mas quando você despertou para isso? Desde lá, Edson?

E.N. – Movimento estudantil? É. Eu era envolvido com a Federação de Estudantes local. Aliás, esses dias inclusive, alguém botou no *Facebook*, não sei se uma fotografia do primeiro congresso de estudantes de Bom Jesus de 1962... Estou eu lá sentado na mesa, compenetrado, com cabelo penteado, vestido pela mãe possivelmente para ir para a reunião... 62. Eu já saí de lá envolvido com isso, aí me associei muito à União Brasileira de Estudantes, à União Fluminense de Estudantes, da qual um amigo comum, não sei se você conheceu o Aires Athaides, era o presidente e fizemos um congresso lá em Bom Jesus, o DOPS foi parar lá, foi uma confusão. Impediram o congresso em 65. Então já tinha uma militância com o movimento estudantil naquela época e era estranho porque nós queríamos fazer o congresso, o DOPS não queria permitir e não conseguimos nos reunir, mas para provocar o DOPS na época a gente entrava, DOPS era o Departamento de Polícia Política, a gente entrava na procissão e eles andavam atrás na procissão, a gente ia cantando os hinos e os policiais atrás para saber o que a gente ia fazer, então era uma... Quase...

H.B. – Quanto mais andavam, mais cantavam...

E.N. – E era estranho porque quando eles chegaram lá, meu pai com aquela mania de: "sou do Exército", sentou-se no banco da praça, em uma árvore frondosa que tinha e ficou lá dizendo: "Quem é que vai prender esses meninos?", então ficou uma situação... E ele já tinha tido umas escaramuças com a polícia, mais ou menos um pouco antes disso porque havia um padre na cidade, que era esse padre que obrigava você a ficar mulheres de um lado e homens do outro...

H.B. – Padre Francisco.

E.N. – Padre Francisco... Apolinário? Apolônio?

H.B. – Ai...

E.N. – Padre Francisco. Padre Francisco Apolinário.

H.B. – Apolinário, é, é...

E.N. – O padre Francisco... Havia um hospital lá comunitário, no qual as enfermeiras eram freiras e era um serviço de caridade. E o padre Francisco queria que o hospital pagasse um dízimo para a Igreja pela presença das freiras. E aí aconteceu um negócio maluco que, meu pai que era um dos diretores do hospital, junto com outro médico, José Serodi, disseram que não iam concordar e fizeram greve de médicos, que é uma coisa estranhíssima. Greve de médico, você só tinha meia dúzia de médicos na cidade. Fizeram greve de médicos e conseguiram a solidariedade dos motoristas de praça – que os taxistas da época eram chamados de motoristas de praça. Então os motoristas de praça não levavam as pessoas na outra cidade. E aí ficou aquela confusão, o padre vai embora, os médicos não voltam a trabalhar... O padre foi embora e aí deu-se um cisma na cidade da Ciência contra a Igreja, quer dizer, os médicos seriam Ciência não é? E a Igreja botou uma faixa preta em volta da Igreja e no meio dia tocavam sino de enterro em luto pela saída do padre, do padre Francisco Apolinário. E o padre volta, volta com uma pequena, pequena brigadinha de polícia militar para ser restituído aos poderes da Igreja... Eu nunca vi uma situação... Parece coisa de novela de Dias Gomes. É... Volta com os policias lá para ser reintegrado aquele toque de... e aí excomunga médico, excomunga... Aí eu descobri que padre não excomunga ninguém não é isso? Aí ele voltou, ficou mais uns dias lá, os médicos continuaram em greve, o padre foi embora, nunca mais deu as caras, foi para São Fidélis onde adequadamente fundou a Marcha da Família...

H.B. – Com Deus pela Liberdade.

E.N. – Da família e da liberdade. Como é que é?

H.B. – TFP.

E.N. – TFP. Tradição, Família e Propriedade, que era um grupo de direita que tinha a Igreja Católica, complicadíssima, com os dragões eles andavam... Eles andaram lá, com esses dragões pendurados nos estandartes. Então, tivemos umas escaramuças com a polícia política de um jeito ou de outro, seja com meu pai seja eu mais tarde. Já em Niterói já cheguei um pouco mordido pela ideia de ambientação política, de discussão e curiosidade política.

H.B. – Quando você vem para Niterói, você tinha família? Você veio morar aonde? Como era?

E.N. – Aí eu acho que tem um contrabando da minha mãe que já queria fugir de lá. Que muito cedo ela começou a comprar apartamentos em Niterói. Qualquer coisinha que tinha, ela ia e comprava um apartamento. Então, quando nós viemos... Quando eu vim, eu vinha sozinho com dois amigos que vinham também fazer o científico, um é médico, o outro também foi também é médico e hoje já morreu. Um é o Branco... Nivaldo Velasco, que é médico em Bom Jesus, depois veio o Branco que também é médico agora em São Paulo e o José Privato, italiano, que morreu. E nós vínhamos os três morar sozinhos em um apartamento nosso. E obviamente, eu sou filho único, mamãe achou que não podia, aproveitou-se e aboletou-se em Niterói, de onde nunca mais saiu... [risos] Então, não tínhamos família, mas tínhamos onde ficar. Trouxemos algumas mobílias e ficamos ali, em Niterói, onde você conheceu, um apartamento na Álvares de Azevedo, depois um outro apartamento da Praia de Icaraí. Não, não tínhamos... Mamãe tinha muitos amigos da época, que ela voltou a rever, voltamos a conviver.

H.B. – Mas ela era do Rio ou de Niterói?

E.N. – Ela era do Rio.

H.B. – Do Rio, não é?

E.N. – Ela era do Rio

H.B. – Fazia diferença isso.

E.N. – Mas a... É fazia diferença. Ela era do Rio, mas eu acho que as amigas foram mudar, amigas casadas eu acho foram para Niterói... Mas o meu avô, mas é estranho porque o meu avô, o meu avô materno era de Niterói. Ele morava em um lugar chamado Barreto, acho que é isso, Barreto... Hein?

J.S. – Existe Barreto [hoje].

E.N. – Meu avô tinha vila de casas, vovô Romeu, ele tinha uma vila de casas no Barreto, umas oito casas pequenas, alugadas, ele morava em uma delas, me lembro de ter ido lá algumas vezes. Mamãe tinha uma irmã que morava, irmã de verdade que morava perto do meu avô e ainda tenho primos dessa linhagem materna de fato e tenho primos e tias da linhagem materna emprestada...

H.B. – Sim, então tinha referência de família, não é? Mas então, e aí você decide para o Direito?

E.N. – Decido para o Direito. Faço vestibular, sou aprovado.

H.B. – Dr. Waldir não achou estranho você mudar? Não teve tensão com isso?

E.N. – Olha, isso eu discuto tanto em outros fóruns... Porque eu acho que os homens daquela época tinham muita dificuldade em conversar com os filhos. A gente se ressentia muito disso, inclusive, eu converso até com amigos que são profissionais de saúde mental, eles dizem que era um inferno para os homens lidar com filhos. Normalmente quem conversava com os filhos eram as mães, mais com as meninas. E os rapazes ficavam por si, não é. A gente vivia na rua praticamente, toda noite eu chegava em casa, nessa idade, duas horas da manhã todas noites, com uma vantagem, que eu acho que é a vantagem que talvez tenha ajudado muito, é que eu ia ao cinema todo dia, toda noite. Passava um filme diferente todas as noites. Todas as noites nós íamos ao cinema. Eu lembro muito, muito de um filme que retrata... Muito parecido... Vocês conhecem um filme, do Bogdanovich, Peter Bogdanovich, chamado *A última sessão de cinema*. Que é um filme exatamente sobre uma cidade pequena, onde os meninos... Filme em preto e branco ainda que parece muito com essa trajetória nossa. Então, papai não conversou muito comigo sobre a minha mudança de orientação. Eu hoje, pensando bem, acho um

despontamento. Mas também, o seguinte, ele tinha um programa de vida para mim, eu acho, que não ia dar muito certo. Porque ele queria que eu fizesse faculdade de Medicina...

H.B. – Então ele chegou a verbalizar isso? Que gostaria que você fizesse?

E.N. – Ah sim... Mas não era preciso, estava implícito. É o subtexto. Todos nós ali daquela rua, República do Líbano, todos íamos fazer Medicina. Inclusive morava ali o pai da Maria Silvia (Marques). O Ruizinho foi fazer Medicina, o Marcos, o Branco foi fazer Medicina, o Celsinho... Vários ali. A rua toda era de médico e todo mundo ali fazer Medicina, era o subtexto. E obviamente o que ele esperava era que eu voltasse para lá e herdasse a prática dele e herdasse o lugar dele na cidade. Então, esse programa de vida não ia dar certo, eu acho. Ele não discutiu muito isso não, não... Eu hoje pensando retrospectivamente sinto que houve uma frustração ali, e acho que é uma coisa na socialização de meninos, nós estamos falando de quê? Década de 50, 60. Que é uma socialização meio, que se dá entre meninos, eu acho que agente ainda vê isso em alguns filmes italianos da época, não é isso? É, uma socialização muito primitiva.

H.B. – E Edson, a entrada em Direito, muito por essa conversa com amigo e... Decepcionou? Não decepcionou?

E.N. – Muito. Decepcionou muito porque esse amigo, o Melhim, que hoje *escreve* belissimamente bem porque o Melhim estuda filosofia, estudava Letras-Português e estudava Direito simultaneamente é... Me decepcionou por completo. Porque, primeiro eu não entendia direito aquilo. O nível de abstração das primeiras cadeiras de Direito era insuportavelmente ridículo. A matéria de introdução à Ciência do Direito era Filosofia Jurídica pura. Eu não sei para que ensinam essas coisas introdutórias aos meninos quando eles não têm abstração suficiente para entender. Aquilo para mim era um horror. Direito Romano ainda achava interessantinho porque era arrumado. Mas o Direito era não só decepcionante, como eram aulas *à la* Academia antiga, francesa, portuguesa. O professor lá em cima ditando aula com dois assistentes ao lado eram aulas ditadas, aulas com o sujeito... e turmas muito grandes, turmas de 150 alunos. Aquelas carteiras antigas, tipo anfiteatro assim, muito grandes, realmente enormes. E era uma decepção, porque eu não conseguia entender direito qual era o futuro daquilo, onde é que aquilo ia dar, e nada me atraía. Além do mais, eu comecei a achar que aquilo era fácil

demais e de fato eu acho que é isso, eu acho Direito uma disciplina muito fácil, porque, como ela é ensinada, ela é codificada demais, parametrada demais, ela não convida à reflexão, quando convida é abstrato demais, você não dá conta, então eu acho que tem um problema no ensino jurídico que cria mecânicos do Direito e aquilo foi me enchendo a paciência e eu queria estudar alguma coisa que fosse difícil. E, em 1966, era não só difícil como era chique, *chiquíssimo* estudar Ciências Sociais, porque Sociologia, Antropologia, etc, era a nova consciência do sistema universitário, não era isso? Movimentos muito intensos vindos dos cursos de Ciências Sociais. E aí eu fiz o vestibular para Ciências Sociais e era engraçado que a universidade... Você tinha que fazer dois vestibulares, você ocupava duas vagas.

H.B. – Dois cursos da mesma universidade.

E.N. – Dois cursos da mesma universidade. Você podia se matricular em um ou em outro, não podia. Você ocupava duas vagas. O que era um negócio ridículo, porque eu lembro como se fosse hoje, nas brigas depois de rua, em 66 e 68, que só existiam 150 mil estudantes universitários no Brasil. Isso é o número de alunos que a Estácio de Sá tem no Rio de Janeiro hoje. O total de estudantes universitários brasileiros no sistema público era de 150 mil universitários quando eu entrei na universidade. E o curso de Ciências Sociais foi um, foi um bálsamo de bem-estar, de alegria, de...

H.B. – Mas aí você combinava os dois?

E.N. – Eu estudava Direito de manhã, estudava Direito de manhã e estudava Ciências Sociais à noite.

H.B. – À noite.

E.N. – Quase... Comecei, cheguei a trabalhar em Direito um pouco. Eu fazia muitos júris simulados, porque eram os exercícios que você fazia, disputava a turma de terceiro ano contra o quinto, o quinto contra o terceiro... Ou disputavam faculdades contra faculdades. Nós disputávamos com a UEG, a Universidade do Estado da Guanabara. E os júris eram sempre... São sete pessoas no júri, a turma que tivesse quatro ganhava, a que tivesse três perdia, então

quando eu tinha quatro alunos da minha série no júri eu ganhava, quando... perdia o júri. Mas, tomei um certo gosto pelos júris simulados, um juiz de direito queria que eu fosse trabalhar com ele, eu quase fui, mas resolvi trabalhar com Direito Civil. Fui estagiar em um escritório de um advogado, que se transformou em um advogado importante, que era o deputado estadual Cassado, que era primo desse turco, do Melhim, era o Michel Salim Saad. Michel também um advogado que tinha estudado Letras, portanto escrevia muito bem. Fiquei estagiando no escritório do Michel Saad por uns... Por algum tempo. E era um horror porque eu não usava terno e eu tinha uns cabelos muito grandes, meus cabelos eram todos encaracolados, então as pessoas diziam que eu era o advogado mais estranho que elas tinham conhecido e eu...

H.B. – E ele permitia?

E.N. – Ele permitia, não achava ruim não... Eu era estagiário não é? Estava no quarto, quinto ano de Direito. Fiz algumas coisas interessantes que hoje me arrependo, por exemplo, tinha uma senhora que devia aluguéis ali na Álvares da Azevedo, eu fui lá, apertei a moça, ela me deu um cheque de pagamento e eu... Como advogado, aquilo me deixou tão constrangido porque... No final ela ia ser despejada... Bem no começo da Álvares da Azevedo, então foram experiências de advocacia que não me agradaram muito. Os júris ainda me agradavam um pouco.

H.B. - Nós já estamos falando de...?

E.N. – 72.

H.B. – 70.

E.N. – 71.

H.B. – Já tinha passado por um momento de muita efervescência política durante o curso de Ciências Sociais.

E.N. – Durante o curso de Ciências Sociais.

H.B. – Você quer falar um pouco disso?

E.N. – Quero. Eu ajudava na construção do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito chamado Diretório Acadêmico Evaristo da Veiga e participava muito do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia. Porque o curso de Ciências Sociais era... Vocês hoje não têm mais faculdade de Filosofia, mas a faculdade de Filosofia era uma faculdade composta por vários cursos nos quais você estudava para ser ou professor ou bacharel. Bacharel em Química ou professor de Química ou as duas coisas. Bacharel em Ciências Sociais ou licenciado em Ciências Sociais. Então a faculdade de Filosofia era um conjunto de cursos Matemática, Pedagogia, Biologia, História, Letras. E era uma faculdade razoavelmente grande, tinha mil e duzentos alunos. E tinha um Diretório Acadêmico que chamava-se Diretório Acadêmico Oliveira Viana. E eu, logo no primeiro ano, eu comecei a me integrar muito ao Diretório e no começo do segundo ano fui eleito presidente do Diretório Oliveira Viana. Foi uma eleição gostosa porque dos mil e duzentos votos eu tive novecentos, então foi uma eleição, quer dizer... Tinha uma camarada de direita e tinham as chapas todas de esquerda. O de direita não ia ter voto nunca, não é? Então tiveram poucos votos, fui eleito presidente do Diretório e essa militância me deu alguma exposição, porque aí você tem jornais, tem entrevistas, fica meio conhecido. Niterói é uma cidade pequena, ou seja, cidade pequena, poucos universitários no Brasil, você normalmente... Uma castazinha que chama a atenção em todos os sentidos. Isso foi bom por um lado, mas me valeu também ser preso por outro. Então, eu era considerado um – eu acho que por causa dos júris populares – eu era considerado um orador de massas, então eu tinha que às vezes eu ia para os comícios para falar. Não fui preso no famoso Congresso de Ibiúna da UNE, porque na hora de ir as organizações de esquerda resolveram que alguns iriam e alguns de massa ficariam no caso de ter um problema lá, para resistência. E eu fiquei na banda que não foi à Ibiúna. É... Isso já era 68... Tivemos dias horríveis, 13 de dezembro de 68 foi um inferno, que era o dia do AI-5: correrias, brigas... E aí eu me lembro, esses dias estavam brigando aqui na rua, e eu me lembro como se fosse hoje, aqui na São José, com as mesmas pedras portuguesas, jogando nos outros policiais – não esses, está certo? –, aqui nessas lutas de guerra. Eu fui preso algumas vezes, só uma que deu certo. Eu fui preso uma vez em 68, eu acho, 69, em um baile do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói onde os estudantes e os metalúrgicos, resolveram fazer um baile em conjunto, lá pelo Barreto afora, em um sindicato

que tinha lá e a polícia não queria, principalmente porque havia uma música que era uma música do Chico Buarque que falava: "Quantos tiras, quantos gorilas, mais de mil milicos em ação..." Música de carnaval não é isso? E a gente distribuiu aquele negócio, a polícia invadiu o baile, foi um inferno astral, alguns ficaram presos e eu consegui meio que escapar no meio da confusão, não fui preso e fui para a frente do DOPS esperar os outros serem soltos. Essa foi a primeira prisão. A segunda também não deu certo. Que foi aqui na Cinelândia, a gente ficava para esperar a passeata começar, a gente ficava rodando, fingindo que não tinha nada a ver com aquilo, até que alguém dava um sinal e a passeata se juntava. Obviamente que a polícia via aquele monte de adolescente e sabia que todo mundo estava ali... Só os idiotas achavam que estavam disfarçados, tá certo? Ou então marcava ponto, marcava ponto e ficava lendo o jornal *O Movimento* embaixo do viaduto ali, como se ninguém soubesse que você está ali esperando alguém, parado ali, lendo jornal de esquerda. E aí fui preso aqui com a Argelina. E a Argelina tinha uma cara de criança, novinha...

H.B. – Argelina Cheibub

E.N. – Argelina Cheibub. Argelina Maria Borges Cheibub. Com a Argelina e ele falou: "A moça pode ir embora. Cadê a sua carteira de estudante?". E o idiota mostrou. Aí ele falou: "O senhor está preso." E aí me botou preso ali na Cinelândia quando... Foi um dia que levaram todo mundo para o Maracanã e fizeram uma triagem com as pessoas, deixaram alguns presos e aí tinha um coração de mãe, que são aqueles ônibus muito grandes, uns caminhões enormes, onde vai todo mundo preso. E a fila para você ser preso ela vinha da Cinelândia, ela passava ali em frente da Biblioteca Nacional e a polícia toda enfileirada em frente à Biblioteca Nacional, naquela praça ali em frente à Câmara Municipal. E o coração de mãe parado na ruazinha bem em ali frente ao cinema Odeon, perto do Metro não, perto do Odeon, para cá. E aí a fila vinha, a fila vinha, fazia uma volta para entrar. Quando a fila fez a volta eu não fiz a volta [risos], eu continuei andando devagarzinho, mas eu tremia... E passei no meio do Exército, todo perfilado, devagarzinho, andei devagar perto deles, atravessei aqui, fui parar em Niterói. Mas o que acontece é o seguinte, é que na fila, o *Correio da Manhã*, que era um jornal maravilhoso da época, os repórteres do *Correio da Manhã* cada vez que a gente era preso em algum lugar, eles andavam pegando o nome das pessoas para não sumir, para as pessoas não desaparecerem. Pegavam o nome e perguntavam de onde era. E no outro dia saiu que eu estava preso, mas eu

não estava, porque eu tinha escapado e fui parar lá no muro da reitoria, lá na universidade. Da terceira vez deu certo, eu estava com a... Com essa moça *aqui*¹ no dia em que o Rockefeller, vice-presidente americano veio visitar a América Latina. E veio uma onda movimentos da América Central para cá, contra. E aí eles deram a ordem de prender os líderes de massa. E o Rockefeller ficou aqui acho que uns dois dias e eu andava com seguranças, eles chamaram seguranças, eram sempre três ou quatro pessoas por perto. E o homem foi embora, nove horas da noite. Nós estávamos indo para casa, eu estava indo para casa com a Helena, subindo a...

H.B. – Você falou: "Me leva em casa?"

E.N. – Subindo a Álvares de Azevedo...

H.B. – “Que eu acho que vão me prender...”

E.N. – É. Eu chego em casa e digo: "Ah Helena, eu acho que vou te levar até a esquina, porque o homem já foi embora, já acabou tudo". Pois foi esses 100 metros que estragaram a sopa, porque eu deixei a Helena na esquina e voltei, quando eu cheguei na porta de casa tinham dois caras com revólver na mão e me põem atrás de um Volkswagen, com revólver na mão...

H.B. – Quer dizer, eu fui te dar segurança, mas fui a última a saber...

E.N. – Foi a última a saber. Pois é. Aí me levaram para lá, me deixaram uns dias lá, me atazanando a cabeça... Não sofri nenhuma violência, mas havia violência por perto. O que tinha de paradoxal é que você ficava preso do Departamento de Ordem Política, que era na Avenida Amaral Peixoto, do lado do que hoje é a Câmara Municipal, do lado do que era a Assembleia Legislativa, e tinha um presídio atrás. Tinha um presídio geral embaixo onde ficava, tinha grade e tudo o mais e tinha um presídio especial em cima onde não tinha grade, tinham pequenas saletas é... Sem grade, mas só com aquela portinha, um pequeno vaso e um colchonete no chão, uns tinham colchonete e outros não tinham. E quem tomava conta dos presos políticos eram os policiais assassinos, que haviam sido condenados por assassinato. Inclusive um deles era um

¹ Neste momento, o entrevistado aponta para a entrevistadora Helena Bohemy.

sujeito famoso que tinha metralhado uma kombi de professoras e alunos em Itacoatiara, um lugar qualquer e estava lá no corredor e eles ficavam gritando com a gente. E quando eu fui preso, nessas coisas de classe média, foi muito estranho, porque eu tinha cartão de crédito, tinha um cartão do *Diners* que era um cartão de classe média, tinha algumas coisas de identidade que não combinavam e tinha algum dinheiro na carteira, então eles ficaram com a minha carteira e o assassino vinha lá todo dia e falava: "Luderança...", eu lembro como se fosse hoje, ele não sabia que era liderança não é, ele falava luderança estudantil, "Luderança? Posso pegar dinheiro na sua carteira para comprar comida?" E ele dava recibo e tudo. Porque a comida do presídio é muito ruim, a gente compra comida lá fora, custava não sei quanto, aí ele comprava comida lá fora para trazer e... E aí tem essas coisas do Brasil, estranhas, que eu fui depor algumas vezes com um delegado que... Vou fazer um parêntese aqui. Eu encontrei esse delegado depois, 1980 e pouco, no restaurante Rio's que era onde é o Porcão hoje. Era um restaurante chiquíssimo não é? E eu estou lá, presidente do IBGE, esperando gente de Brasília para almoçar, parado no bar e ele está me olhando de lá, com uma meia dúzia de pessoas e ele saiu de lá, e eu estou reconhecendo, esse homem me prendeu e eu não vou esquecer dele, ele veio para mim...

J.S. – Ele reconheceu o senhor?

E.N. – Ele me reconheceu de longe. Veio e falou: "Eu te conheço de onde?". Eu digo: "Você me prendeu em 1969." Ele falou: "Eu te maltratei?" Eu falei: "Não". "Eu te tratei bem e com respeito?". Eu digo: "Sim". "Você me faz um favor? Você vem aqui na mesa e fala com essa cachorrada toda aqui que eu te tratei bem?". Era tudo policial [risos]. E eu fui. Essas coisas... Isso é um paradigma do Brasil. Imagina isso então. Estava um ex-presos, um delegado com um monte de gente da polícia federal e do Exército e ele me apresenta e diz: "Você foi estudar no exterior?". Eu disse: "Fui". "Você fala inglês?". Eu falei: "Falo". "Você fala espanhol?". "Falo". "Você é doutor? Tem doutorado?". "Tenho", "Tá vendo? Fiz bem ao rapaz. Não maltratei ele..." [risos]

J.S. – Como se fosse um favor ele não ter maltratado não é? E não uma obrigação.

E.N. – Mas ele queria... Eu acho que ele estava... Ele chamava Agra Lopes. Eu acho que o Agra estava tão... Queria provar que ele... Ele era conhecido como Alemão, ele jogava vôlei na praia

em... Niterói é uma cidade pequena, você conhece, ele jogava vôlei na praia em uma rede perto da minha casa... Então, fui preso em 69 e os depoimentos também eram coisas desse sincretismo brasileiro, não só dessa vez, como você está depondo, está o delegado, o Agra Lopes, um assistente dele e um escrivão de polícia que digitava não é. Você, ele te perguntava e ele dita para o sujeito o que é que é. Enquanto o Agra vai lá para fora, para mostrar a competência dele, ele foi lá, ele tinha assim uma estante cheia de pastinhas, ele pegou umas pastas que eram as minhas pastas e me mostrou toda a minha vida e falou: "Vou te mostrar uma coisa aqui". Ai passava, era assim: "Passou aqui na estação das barcas um Aerowillys às dez e vinte da noite com uma loira não sei das quantas.". Eu sei até quem é, era a Angela. Angela Morena Leite. "Passou, foi a tal lugar, deu entrevista", mas tinha a minha vida *inteira* nas pastinhas para dar um show de competência, para assustar. E ele falou: "Eu ainda vou prender, Fulano, Beltrano e Ciclano para vocês aprenderem que não brincam com a gente.". E enquanto ele está apanhando a pasta o escrivão vira-se para mim e fala assim: "Seu pai foi oficial do Exército não é?". Eu disse: "Foi". "Ele é maçom não é?". Eu falei: "É". "Então eu sou seu tio."

J.S. – Ah!

E.N. – "Deixa que eu digito". O país é completamente alucinado. Não é isso? [risos] Eu não sei de onde ele descobriu que... Ele era maçom, papai era maçom, eu sei lá porque descobriram isso. Eu tenho uma experiência de prisão, de medo, etc, mas são, são diferentes das pessoas que sofreram de fato, porque eu acho que havia um critério, havia um critério nas prisões: as pessoas sabiam quem já estava envolvido de fato em organizações de esquerda pesadas e quem não estava. Ou quem estava prestes a ser recrutado. A sensação que eu tenho é que tinha um processo de *skringing*, de impedir que você desse um outro passo e funcionava, porque assusta realmente. Você preso, fica três, quatro, cinco dias desaparecido, ninguém sabe onde você está, não é? E ele acabou prendendo as pessoas todas que ele mencionou que ia prender.

H.B. – E soltaram você porque?

E.N. – Ah mandaram... Aí humilhação, aí a humilhação só piora, porque mandaram buscar meu pai na cidade, lá no interior. Lá vem meu pai e me entregaram a ele, como se eu fosse um retardado, está certo? Você se sente humilhado três vezes. Você já foi preso e ainda tem que

encontrar seu pai na delegacia e eles te entregam, para provar mesmo que você não vale nada, entregam você, liberam você, libertam você nas mãos do seu pai. É uma infantilização não é? Mas ainda bem... Eu ouvia aquelas gritarias, aquelas coisas que aconteciam por lá, mas eram distantes.

H.B. – E você acha que o fato do Dr. Waldir ser quem era, alterou ou porque você era uma liderança que ainda não representava um engajamento tão profundo assim? Ou as duas coisas?

E.N. – Eu acho que era uma combinação, eu acho que uma combinação porque eles sabiam... Nós tínhamos sido... Nós tivemos que fugir em 13 de dezembro de 68, no AI-5 e fomos nos refugiar em uma casa em Friburgo. Ficamos lá, uma meia dúzia de camaradas discutindo o momento político e vinha gente da cidade, do Rio, trazer mantimentos e dar notícias para nós... E lá nós fizemos... O Tião, Sebastião Carlos Velasco Cruz estava junto, Sérgio **[inaudível]** eu acho que estava... Não sei se estava... O Sebastião eu lembro que estava. E lá nós fizemos um seminário de uns dias e chegamos à conclusão de que nós íamos nos afastar do movimento porque, o que acontecia é o seguinte: eles vinham trazer mantimentos para nós e um dia veio o Orlando Paiva e veio o Arizinho, e o Ari era um homem, um rapaz delicado, suave, inocente e eles estavam sendo recrutados para fazer panfletagem na porta dos sindicatos e eles achavam que era um dever cívico fazer panfletagem nos sindicatos de São Gonçalo, Barreto... Mas havia muitas metalúrgicas por ali... Panfletando na madrugada e as pessoas já estava armadas. Esses meninos estavam indo em carros com comboios de gente armada. E nós achamos que aquilo era um absurdo. Inclusive viemos a saber que no dia 13 de dezembro, quando a gente foi escondido, eles me puseram, duas pessoas da organização... Que veio até depois a explodir caldeiras, roubar bancos e tudo o mais é... E nos puseram em um carro, vendados, para nos levar para o esconderijo, só que o esconderijo era em Niterói, no Saco de São Francisco. Eu morava ali e conseguia descobrir ou menos onde eu estava. Esta casa onde eu fiquei guardado durante umas duas, ela foi estourada semanas depois. Descobriram um arsenal de bombas, de armamentos... O Navega, você lembra do Navega? O Navega foi identificado lá e eu acho que era eu, não era o Navega, por causa do óculos e tudo o mais... Navega foi preso por conta disso. Então nós ficamos um pouco assustados na nossa fugazinha e chegamos a conclusão que nós não podíamos validar um processo no qual tinha gente armada, levando gente desarmada sem saber que havia arma para uma coisa cuja a expectativa era o confronto. E a expectativa era o

confronto, de fato. E eu comecei a ver isso, porque logo que voltei começaram a me recrutar para a organização e o recrutamento já era realmente bem intenso em termos de missões, ações armadas e tudo o mais. Então, eu acho que ficou claro também em 69, que nós já éramos uma dissidência contrária ao uso de terceiros por causas, que é uma coisa que eu acho que a esquerda sempre complicou não é, porque os fins justificam os meios? E nós pegamos uma grande discussão, Tião e eu em uma assembleia enorme na Fluminense, em que a gente denunciou que não era possível, você não pode levar estudante desarmado, inocente para panfletar em um lugar na expectativa do conflito militar. Então, acho que o fato talvez de saberem um pouco isso e um pouco talvez da, um pouco de Exército ainda do meu pai talvez tenha ajudado, mas acho que o que ajudou mesmo não foi ele não, foi o fato de saberem que nós estávamos nos afastando do movimento potencial...

H.B. – Já sabiam tudo seu... Dentro daquela pastinha.

E.N. – Já sabiam um pouco. Pasta e tudo para te atemorizar.

H.B. – Então Edson, então você... Sim?

[FINAL DO ARQUIVO I]

H.B. –queria perguntar a você da sua lembrança de professor que mais tenha te impressionado ou colegas, ou esse... A sua lembrança desse tempo de graduação. Em Ciências Sociais.

E.N. – Está bem. A entrada em Ciências Sociais, eu acho que foi uma maravilha, porque sair daquele mausoléu de Direito, eu me lembro de alguns bons professores de Direito até, mas sair do mausoléu de Direito e entrar em Ciências Sociais tinha uma série de coisas. Primeiro, em 68, era um curso mítico. Um curso mítico, não é? Tinha o curso da PUC e o da Fluminense, era um curso brabo porque os cursos começavam... Nós começávamos as aulas às 17h30 da tarde e acabávamos às 22h30 da noite. Era um curso longo, era um curso pesado. Nós entrávamos de dia na faculdade. Saíamos 22h30 da noite. E era um curso que tinha uma estrutura muito diferente de hoje. Por exemplo, só de Estatística nós tínhamos quatro semestres

e meio. Estatística, Matemática e Métodos, eram quatro semestres e meio. Eu me lembro. Agora professores, alguns eu morro de pena deles, mas eu tenho lembranças adoráveis. O que eu tenho mais pena de todos, mais lembrança, era o *Julio Cezar Melatti*. O Melatti era um antropólogo... Você conhece o trabalho dele? Não? O Melatti é um antropólogo de primeiro mundo, está certo. Colega de turma do Roberto DaMatta. Viajaram juntos para os Estados Unidos em *Castanheiros*, não é isso? O Melatti era tímido [risos] e ele dava um curso, belíssimo curso de Antropologia, a sério. E nós não entendíamos as coisas que ele passava.

J.S. – Coitado.

E.N. – E ele passava os trabalhos voltavam uma porcaria, mas ele ficava tão frustrado, mas ele era tão delicado, que ele não tinha coragem de brigar. Ele só expressava tristeza, eu me lembro do rosto dele de decepção com a qualidade dos trabalhos que a gente apresentava.

H.B. – Quantos alunos na turma?

E.N. – Uns 30 alunos, 35. Universidade pública, não é? 30 alunos, 35. Dos cientistas sociais que ficaram conhecidos, Argelina, Sebastião Carlos Velasco e Cruz, acho que é isso. De carreira mesmo? Talvez só.

H.B. – Ademir não era dessa turma?

E.N. – Não, Ademir fez Economia. Eu lembro então do Melatti, um professor excepcional, aquele que empolgava a gente. Um professor de Ciência Política, chamado José Nilo Tavares, que é... A gente, além que gostava dele, a gente ria muito, porque ele começou na primeira aula, ele sentava na mesa e ele tinha uns gestos assim²... E ele, a primeira aula dele foi sobre a contemporaneidade do não coetâneo. E obviamente ninguém entendia nem qual era... Nenhuma dessas palavras que ele estava querendo dizer, o que era contemporaneidade do não coetâneo. E tinha que ler um livro... de teoria geral do estado em espanhol, como é que ele chama? Heller, um livro do Heller difícil. Mas o Nilo era um grande professor e um grande amigo. O Melatti

² Nesse momento, o entrevistado imita os gestos do antigo professor, que consistia em girar os dedos no ar.

era um grande professor e um grande amigo. E em seguida... Há lembranças assim memoráveis. Um é um velho antropólogo chamado Luiz de Castro Faria, que foi uma, um marco na vida, eu acho, de muitos estudantes. O Castro, o velho Castro, era um antropólogo que formou outros antropólogos. Ele era do Museu Nacional. Junto com ele tinha um antropólogo jovem, chamado Wagner Neves Rocha, que era um rapaz quase genial, mas com a carreira... Não escrevia, não conseguia. Tinha um... Mas um professor excepcional. E aí dois ou três assim que fizeram metade da trajetória intelectual, uma moça chamada [Stela] Silva, [Stelinha], que estudava Sociologia na USP e o Francisco Ferraz, cientista político também da USP. Eram noivos até. Dois professores que nos puseram para ler os clássicos e davam aula aos sábados. Nós fazíamos aulas especiais aos sábados. E era adorável porque a [Stela] principalmente, ela tinha um, uma vitalidade com a Sociologia e o prazer de ler de Florestan Fernandes a Weber, ler com cuidado. E uma pequena turma que queria estudar no sábado. Então são memórias... Da [Stela], a [Stela] hoje mora na França.

H.B. – Na França.

E.N. – É, na França. De vez em quando vem aqui, às vezes. A [Stela] assim, era o tipo da orientação intelectual que você, me lembro do sorriso dela e da relação dela com os livros. E, alguns livros só existiam em espanhol e alguns só em inglês e a Argelina e eu, fazíamos as traduções, porque eu dava aula de inglês... Eu dava aula de inglês de tarde para ganhar uns tostõeszinhos. E a gente traduzia os textos. Então além da [Stela], do Francisco Ferraz, uma outra professora soberba era a Celina. Celina Vargas do Amaral Peixoto Moreira Franco. A Celina tinha mal acabado o mestrado, que ela acabou o mestrado...

H.B. – Agora só Amaral Peixoto.

E.N. – Agora só Amaral Peixoto. Ela tirou o Moreira Franco rapidamente. Exatamente. [risos] Celina foi uma professora *excelente*. E ela... E a gente era uma época de mobilização muito grande, a gente resistia com algumas coisas, não queria ler textos que não fossem politizados. Eu me lembro que ela mandou a gente ler o livro do Nestor Duarte – que ninguém lê mais hoje – o livro do Nestor Duarte chamado *Os Donos do Poder* e eu fiquei uma fera com aquele livro. Não: *Os Donos do Poder* é o Faoro é a Ordem Pública e *Ordem Privada* e não sei das quantas.

É... O livro do Nestor. Mas eu fiquei uma fera com o livro do Nestor Duarte, eu achei aquilo idiota, imbecil, ideológico. E eu me lembro até hoje dos comentários. Eu disse no fim... Tinha que fazer uma resenha, eu disse no fim que eu não tinha paciência para aqueles textos ideológicos. Ela escreveu em latim: “Precisa ter mais paciência e aprender a ler...” Eu me lembro até hoje a letra vermelha da Celina. [risos] Então, eu acho que nós tínhamos professores, Francisco Biato, que dava aula de Economia, o professor Amilcar, de Estatística que era *soberbo*. A sensação que eu tenho que o curso de Ciências Sociais da Fluminense teve um período de glória durante alguns anos por várias razões. Primeiro, professores excepcionais, gente que estava começando a carreira, acabando os doutorados com muita fome e de aplicação. Ah sim, duas coisas eu acho, duas coisas. Eu acho que tinha um grupo de professores recém-concursados que estavam procurando carreira na universidade pública e acho que os, a extração dos alunos, pelo menos uma parte da turma eram alunos de classe média alta. Talvez mais. Talvez mais de uma parte da turma. Talvez mais. Eu acho que havia pouca gente que você identificasse com estratos de renda mais baixo ou extração operária. Eu acho que nós estamos falando de classe média consolidada, de média para cima. Filho de proprietários de empresas, filhos de profissionais liberais, gente com imóveis próprios. Classe média alta mesmo, de cidade, eu acho.

H.B. – Tradicional.

E.N. – É. Eu acho que fazia diferença, porque a extração do curso... Não só dos cursos de Ciências Sociais. A extração das licenciaturas mudou toda no Brasil. Mudou tudo. Ele se pauperizou de uma maneira... E isso aconteceu, eu acho também, por causa do charme. O charme da movimentação, a ideia de que aquilo era um farol intelectual onde você podia fazer coisas e aprender, atraía pessoas. Então eu acho que o curso ficou muito bom por essas... A combinação de alunos, com a combinação de professores. Aí veio a Reforma Universitária que foi um desastre porque até agora não acertaram a conta disso porque veio uma comissão dos Estados Unidos estudar a reforma universitária para o Brasil e houve, a reforma universitária foi decretada por uma coisa que chamava decreto-lei, que é pior do que medida provisória.

H.B. – Mas o ambiente para a reforma de 68 pegou as universidades de maneira muito ativa, Edson, você fez parte muito dessa...

E.N. – Pegou. Nós criamos comissões paritárias no Brasil inteiro.

H.B. – Sim.

E.N. – Tinha um professor de Filosofia, Alberto Coelho de Souza, beirava a genialidade e nos ajudava muito nas comissões paritárias. Mas a reforma, quando foi proposta a reforma universitária, foi uma mobilização muito intensa de resistência, de resistência contra a reforma, mas a Fluminense era dirigida por um reitor desses homens que você guarda na lembrança, chamado Barreto Filho. Barreto era um médico, doutor em Medicina, tinha sido diretor da Faculdade de Medicina. Dessas figuras que você carrega para a vida, como homem, ele que inclusive ajudou a me achar quando eu estava preso. O Barreto era um médico democrata convicto, universitário, de vida universitária. Então ele nos apoiava muito, nos recebia com frequência. Eu me lembro, é... Logo assim que fui, começou o processo de reforma eu fui eleito representante do curso de Ciências Sociais, porque a Faculdade de Filosofia foi dividida. Foi dividida em cursos separados, então destruíram, acabou a Faculdade de Filosofia e ela se separou. E o Barreto nos recebia, naturalmente, porque nós estudávamos na reitoria. O curso era na reitoria. Ali onde hoje tinha o cinema por ali atrás. E eu me lembro – por isso que eu lembrei do Arizinho, que eu dizia que eu achava ruim, que eles levavam o Ari para levar panfleto –, o Ari ficava tão nervoso para falar com ele – que o reitor se chamava de magnífico, não é? – e o Ari, muito assim, chamava ele de maravilhoso. Aquele jeitinho dele: “Ai maravilhoso.” Não me esqueço até hoje, eu digo: “Ari, o homem não é maravilhoso.” [risos] “O homem é magnífico.” Então, [risos] o Barreto, ou seja, eu estou descrevendo o seguinte: uma universidade que manteve durante esse período um caldo de universidade muito intenso. Tanto o diretor da faculdade... De gente, mesmo os professores de direita, como o Rosalvo, que era um professor de Latim, Letras, que era o diretor da faculdade de Filosofia. Um homem digno, tinha um caldo... E eu acho que ainda tinha uma outra coisa que o Brasil piorou depois é que mesmo os movimentos muitos ideológicos, eles eram de baixa partidarização, portanto, as hostilizações eram mais genéricas, era mais direita e esquerda do que pequenas manias, que eu me lembro das pequenas manias quando começaram a se organizar... Um camarada da Colina, eu acho, para provar que o outro da Polop me pegou um dia em um canto e perguntou: “Qual é a natureza da revolução brasileira?” E eu não tinha a menor ideia. [risos] A natureza

era que o Brasil estava sendo tomado por várias crescentes de camponeses que estavam se revoltando lá no Araguaia e iam derrubar o Brasil. Então eles foram para o Araguaia, alguns morreram lá e alguns subiram para aqui, para a Serra da Mantiqueira não sei das quantas, para ficar, fazendo focos guerrilheiros. Então, eu acho que antes dessa partidização muito grande a tensão esquerda e direita era mais genérica. Eu acho que os professores também eram menos partidizados e a universidade ainda não tinha sindicalizado o corpo docente. Que é uma coisa que acontece muito mais tarde, a sindicalização muito brutal. Então a Reforma Universitária nos dividiu e esse decreto, que chama Decreto-lei 5.540, que é o decreto da Reforma Universitária, que ele dividiu a Universidade, mas não botou conteúdo, ou seja, se dividiu assim, você tinha que ter um Centro de Estudos Gerais, o modelo americano maluco, que era assim... O modelo americano, o que era? As universidades são fora da cidade, elas são longe e as pessoas moram lá. Então, tinha que acabar com a Praia Vermelha, tinha que fazer o Fundão, porque a universidade teria que ser residencial. A Fluminense ficou complicada porque não tinha onde carregar um campus, porque essas universidades, como a Fluminense, ela foi feita a partir da consolidação de pequenas faculdades isoladas. Elas foram se juntando. Aqui no Rio também, foram juntando faculdades que viraram universidades. E a reforma nos pegou de uma maneira interessante porque primeiro acabou com a noção de turma, que existia até então, criando a noção de crédito.

H.B. – Talvez tenha sido o impacto maior dessa convivência entre estudantes, talvez.

E.N. – Até a minha geração não aconteceu muito porque o sistema não deu muito certo. O Centro de Estudos Gerais que era uma ideia americana para evitar uma profissionalização precoce dos estudantes – a ideia é boa só que ela foi aplicada torta. Você fazia créditos... E aí separaram as faculdades. Os professores de Matemática foram ficar em Matemática e Estatística, os de Economia, em Economia, não estavam mais nos mesmos departamentos. Isso começou a complicar, porque o Departamento de Economia mandava o pior economista para dar aula para Ciências Sociais. O Departamento de Estatística mandava o pior... O mais forte ficava na origem, então meio que ajudou a depauperar a qualificação. Mas a reforma foi aceita, engolida e em Ciências Sociais nós criamos um diretório de Ciências Sociais e História e ficaram juntos. Eu não sei se ainda são juntos. É o Instituto de Ciências Humanas e Filosofia e aí eu acho que eu, graças a Deus, eu perdi a minha primeira eleição. E no final de 69 houve

uma eleição para o Diretório Acadêmico Che Guevara. Aquilo ali era encrenca certa. Puseram o nome de Che Guevara no Diretório Acadêmico e eu fui candidato com Marquinhos Figueiredo. Marcus Figueiredo era da turma anterior à minha. Fui candidato com Marcus Figueiredo, levamos uma surra de um pessoal organizado de esquerda, muito mais de esquerda do que a gente. Aí já tinha muito mais esquerda para lá. E você sabe que alguns desses camaradas sumiram. O Ivan, que estudava História, desapareceu. Quem mais? Tem mais algumas pessoas desapareceram, foram mortas de fato, porque começou, aí começou uma fase muito... Hoje em dia a gente pode falar, mas na época não podia, uma fase romântica do movimento de oposição que era: primeiro criar os focos, sumiam pessoas por quatro cinco meses porque iam para a mata se preparar para a guerrilha e começaram a fazer algumas movimentações armadas. Maria do Carmo, por exemplo, Juarez, algumas pessoas depois ficaram presas durante muito tempo e movimentos muito violentos. Tendo perdido essa eleição, eu acho que me tirou um pouco do circuito

H.B. – E como que a pós-graduação, porque esse é um momento muito originário ainda não é, dá pós-graduação. Como é que isso te pegou?

E.N. – Bom, a pós-graduação você...

H.B. – Primeiro... A primeira noção que você teve lá? Tem que ver com essa... Com esse... Com essa eleição perdida, tem que ver com balanço. Como é que é para você?

E.N. – Não. Tem que ver com estar trabalhando em um escritório de advocacia. Eu não aguentava mais ficar trabalhando naquele escritório de advocacia e o mestrado em Ciência Política me atraía muitíssimo. Eu fui fazer o mestrado porque eu sabia que tinha a possibilidade de ter bolsa de estudos.

H.B. – Mas como é que você tinha notícia do mestrado?

E.N. – Olha o Iuperj acabava de ter sido criado há pouco tempo. O Iuperj foi criado em 69... É... Como é que tem notícias do mestrado? Acho que edital, a informação de que tem um curso de mestrado ali em Botafogo. Eu acho que vem de...

H.B. – Era um pouco único também.

E.N. – Era um pouco único. Eu me lembro da Cecília, irmã do Tião, que veio fazer, da Cléa Sarmiento. O Tião, eu, íamos fazer o mestrado na expectativa de ter bolsa, mas não... Só havia duas ou três bolsas. Eu passei em quarto lugar, já não...

H.B. – Não teve...

E.N. – Foi até bom para eu saber, porque depois eu sabia, eu vim a saber que eu nunca mais ia conseguir uma bolsa de estudo do governo brasileiro porque eu tinha sido preso. Nem para sair para os Estados Unidos. O mestrado me tirou do curso de... Me tirou da faculdade de Direito e me botou nessa outra trajetória e o Iuperj estava começando, não é isso? O Iuperj era muito moço, com professores... Inclusive com uma trajetória de professores, porque você tinha duas estruturas de pós-graduação no Brasil: uma que é a que veio morrer depois, que era a estrutura da USP, que era uma estrutura francesa, em que você entra com projeto de tese, para isso se tem um projeto de tese, tem *um* orientador...

H.B. – Mais tutorial, não é.

E.N. – Uma tutorial, não tem aula. As pessoas... A Argelina se matriculou em São... A Argelina... Nós nos dividimos. Argelina se matriculou no doutorado da USP, com o Leôncio Martins Rodrigues. Você então apresentava um projeto e ia lá, às vezes, uma vez por mês, passava dois dias. Era um sistema tutorial. E o Iuperj era um sistema à lá americano de aulas pesadas. E aí tinha uma certa oposição entre as duas coisas. O sistema do Iuperj era considerado um sistema de direita, um sistema de direita, um sistema pouco e... Não tinha aquela erudição que a USP gostava, achava que tinha. E aí começamos a tomar aulas de Ciência Política, muita Metodologia, muito Métodos e técnicas, que era uma novidade e aí no mestrado eu acho que aí começa uma outra vivência com intelectuais de marcar trajetórias na vida. Dois principalmente. Um já morreu, que é o Edmundo Campos Coelho, que era um sociólogo de... Notável, um rigor e uma competência, como escrevia bem o miserável. E o outro era o Wanderley Guilherme dos Santos. O Wanderley, o Wanderley se fosse americano, ele hoje

seria um cientista social daí do andar de cima. Porque o Wanderley não é que beira a genialidade, não. Ele tem traços de genialidade em Ciências Sociais que são inacreditáveis. Então, eu comecei a trabalhar com ele, mas logo que eu comecei a trabalhar no Iuperj, começou a acontecer uma coisa. Começou um programa nacional de pós-graduação, de apoio à pós-graduação, que era o programa que o secretário-geral adjunto do Ministério do Planejamento, que também era vice-presidente do CNPq, chamado eu... Peluzo. Peluzo não. É quase isso aí. Peluzo é o do Ministério do Supremo. E ele criou o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o FNDCT, que tinha um caminhão de dinheiro, que botava na, aqui na Finep para apoiar novos, novos institutos de pesquisa, em Física, Química, o CPDOC se beneficiou do... Chamavam de Finepão na época. E o Iuperj entrou logo no começo disso com um dos vice-presidentes lá que era o Bruno da Silveira, que também morreu, marido da Ana, e o Iuperj ganhou uma dotação grande do FNDCT e era dinheiro de graça, era dinheiro...

H.B. – Acho que é Pelúcio, não é?

E.N. – Pelúcio! Pelúcio, é. Acho que é Pelúcio. O Pelúcio trabalhava com João Paulo dos Reis Velloso que também era um ministro excepcional voltado para ideia de que você tem que capacitar o país e criar ilhas de excelência. Bom, aí o Iuperj virou, de Ciências Sociais era o único no Rio de Janeiro e o Museu Nacional era o outro. A Fundação Ford também apoiava muito nessa época. Você tinha um pouco de recursos da FORD, um pouco de recursos do FNDCT e o Iuperj começou a fazer umas coisas que me atraíram muito, que era contratar projetos. O Wanderley era um homem intelectualmente tão irrequieto e *tão* genial, que ele conseguia ao mesmo tempo escrever os trabalhos que o consagraram como, talvez, um dos principais cientistas sociais do Brasil, não é isso? Ao mesmo tempo ele tinha um sentimento de prático de aplicação que era impressionante. Sobre, estudos sobre elites organizacionais, elites burocráticas, elites políticas, estudos sobre previsão de futuro, que era uma metodologia que na época a gente trabalhava junto. Depois a Escola Superior de Guerra, começou a desenvolver. E aí começamos...

H.B. – Análise prospectiva.

E.N. – Análise prospectiva... Belzinha, Isabel Gomes Figueiredo, Isabel R. O. Gomes de Souza, que fazia. É... Está na Federal aqui, não é? Então o Wanderley começou a constituir um negócio que era interessante que era uma base de pesquisa acadêmica e uma base de pesquisa contratada. E essa base de pesquisa contratada, ela cresceu de tal ordem, que o Iuperj pôde ficar se sustentando algum tempo e criou, teve a Cândido Mendes apoiou muito, o Cândido apoiou muito na época, para criar a nova sede do Iuperj ali na Rua da Matriz, 82, para onde foi passado o mestrado e o prédio antigo do Iuperj na Paulino Fernandes ficou como Instituto de Pesquisa. E muito moço, por isso é que... Muito já, rapidamente no outro ano, eu era coordenador de um grupo de pesquisa. E o Wanderley recebeu um convite para ir lecionar em Madison e me pegou em um canto e diz: “Olha, chegou a sua vez.” Eu digo: “Minha vez de quê?” “Você vai virar o diretor, coordenador geral de projetos.” Eu tinha 26 anos, talvez. E aí virei o que hoje seria diretor de pesquisa do Iuperj, dessa massa de projetos contratados. E esse negócio andou bem. Eu acho que uma das poucas derrotas do Iuperj vai um pouco depois quando acaba com isso. E eu fiquei ali, então, simultaneamente, estudando e dirigindo projetos de pesquisa, vários projetos de pesquisa.

H.B. – Você estava aí o quê? No primeiro, segundo ano? Porque o mestrado nessa época era mais longo.

E.N. – O mestrado durava uns quatro anos.

H.B. – Quatro anos.

E.N. – Isso eu estava já no segundo ano de mestrado. Segundo ano do mestrado. Nós tínhamos projetos do Sebrae, projetos Finep, projetos de empresas grandes governamentais, a Semor, que era Secretaria de Modernização e Reforma do Estado, do Governo Federal, também contratava alguns projetos conosco. Então, tinha muito projetos sob contratos que permitia duas coisas: permitiam que o Iuperj existisse precariamente, porque a Cândido Mendes mantinha mais ou menos precariamente o mestrado, o Iuperj, e ele vivia dessas dotações. Nós, inclusive, gerávamos dinheiro suficiente para repassar para a Cândido Mendes. Nós pagávamos *overhead* à Cândido Mendes nessa época. E essa separação ficou então o Iuperj na Rua da Matriz e o Iuperj de pesquisa na...

H.B. – Na Paulino.

E.N. – É. Eu fui para a Rua da Matriz com o resto, porque como eu era diretor, eu tinha uma sala de lá, mas eu coordenava a parte de pesquisa. Mas isso criou um dissabor miserável na história dessa instituição, não só dessa, está acontecendo outra vez aqui. A área de pesquisa ficou tão grande e ela gerava tanto dinheiro, que ela criava uma descompensação, porque nós é que contratávamos os professores, como consultores dos projetos. Então os professores tinham um salário da Cândido Mendes que sempre atrasava e o salário dos projetos não atrasava. E eles normalmente dobravam o salário deles. E era realmente o, você sabe que isso era uma quantidade de recursos apreciável, que eu acho que é a trajetória que a Fundação Getúlio Vargas aperfeiçoou depois. Mas o Instituto de Pesquisa ficou tão grande, que os professores resolveram acabar com aquilo. Acabaram com aquilo em 78.

H.B. – Foi uma deliberação interna ou foi falta de financiamento?

E.N. – Foi deliberação.

H.B. – Deliberação?

E.N. – Foi uma deliberação interna. Porque é o seguinte, eu saí daqui para os Estados Unidos em 78, e eu ainda era diretor de pesquisas e um ano e pouco depois que eu estava fora. Eu saí, inclusive o Iuperj me ajudou a sair, me deu bolsa de estudo, me ajudou a pagar porque eu não podia receber... Havia competição de bolsa do CNPq e da Capes. As pessoas que participavam lá me disseram: “Você tirou primeiro ou segundo lugar, mas você não vai receber porque você não tem atestado ideológico.” O atestado ideológico era alguém que tinha... Era a polícia que dizia que você tem uma ideologia boa. Então sem o atestado ideológico você não tinha bolsa e eu não tive bolsa. E o Iuperj me ajudou a sair, quando eu fui negado eu já estava admitido em Chicago e a minha ex-mulher, Márcia, admitida na *Northwestern com o Howard Becker é... Eu não ia poder sair do Brasil. Aí aconteceu um negócio adorável, o Gilberto Velho, Simon Schwartzman, Roberto DaMatta, Mário Machado, Wanderley Guilherme, Amaury de Souza, o Shepard Forman, que era um antropólogo que dirigia a Fundação Ford, o Gilberto e os outros*

foram à Fundação e disseram: “Você tem que tirar esse casal do Brasil.” E a Fundação na época tinha um... O governo Carter que veio ao Brasil e deu uma bronca nos militares porque tinha uma política de proteção de direitos humanos e tudo mais, por acaso tinha uma dotação de recursos de direitos humanos, e a Fundação Ford me deu uma bolsa para sair do Brasil com base no fato de que eu era proibido de sair do Brasil, a não ser que alguém me tirasse daqui.

H.B. – Mas bolsa era para você, ou para você e Márcia?

E.N. – Não, a Márcia tinha bolsa.

H.B. – Ah, tá.

E.N. – A Márcia tinha uma bolsa de solteira, porque aí sim, aí nós... Aí desde a universidade, eu acho bom voltar um pouquinho, desde a universidade nós tínhamos, já tinha um outro conjunto de influências intelectuais que era para o lado do Museu Nacional, porque a Márcia era...

H.B. – Márcia Bandeira de Mello Leite.

E.N. – Márcia Bandeira de Mello Leite. A Márcia era sobrinha de uma historiadora, que morreu há pouco tempo, a Maria Yedda Linhares e sobrinha de uma antropóloga linguística, de uma linguista chamada Yonne Leite. Ione era professora do Museu e Yonne era... Eles muito ligados ao antropólogo que criou o programa do Museu, que ajudou a criar o programa do Museu, chamado Roberto Cardoso de Oliveira, e o Roberto conhecia a Márcia de pequena, então convidou a Márcia para ser de iniciação, trabalhar com ele como iniciação científica. Então, desde o primeiro ano da faculdade, a Márcia trabalhava com o Roberto Cardoso. Roberto foi para Brasília, para ajudar a criar lá e a Márcia ficou como pesquisadora assistente do Roberto DaMatta, com quem viajou para os Apinajé, inclusive na época. Então veja, nesse caso, a Márcia do lado dela com historiadores, com os antropólogos, etc, nos mergulhou em um outro círculo de amigos muito intenso de Antropologia. E o, aí o exemplo que eu jamais vou esquecer é a presença do Roberto DaMatta, porque é um pancado genial, adorável e de novo genial. O

Roberto é de fato um homem que tem uma válvula estranha de criatividade. Um homem muito delicado, então, criou um, uma combinação entre a trajetória da Márcia no Museu Nacional com o Gilberto e o Roberto e a minha trajetória no IUPERJ criou um, eu acho que eu caldo de cultura acadêmica, de discussões interessantes.

H.B. – Muito favorável.

E.N. – É.

H.B. – Mas Edson, antes de você ir como é que foi a sua dissertação, quer dizer, de mestrado? Saía dessa experiência de pesquisa?

E.N. – Saía, saía. Minha dissertação de mestrado foi o seguinte. Muito cedo eu aprendi uma coisa, que eu tinha que transformar em objeto de estudo as coisas que eu estivesse fazendo. E, por exemplo, coordenação de grupos de pesquisa, virou um objeto de estudo meu. Eu comecei a estudar sobre estruturas organizacionais, estruturas organizacionais burocráticas versus estruturas organizacionais de organizações de inteligência, que são organizações de pesquisa e tudo mais e a minha dissertação de mestrado veio daí, chama-se: *A Divisão Social do Trabalho e a Prática de Pesquisa*. É uma dissertação que é basicamente teórica, estudando os clássicos que estudaram divisão social do trabalho e vendo de que maneira aquilo se aplicava a grupos de pesquisa que se separam ou são associados a estruturas universitárias. Então, a tese de mestrado veio daí. Na época eu tinha muita timidez, porque eu não tinha certeza se eu tinha uma veia acadêmica, então meio que eu escondia um pouco isso. Agora quando eu releio, me irrita um pouco. Porque, primeiro, eu escrevia melhor do que eu escrevo hoje e acho que o trabalho está realmente muito bem feito, mas eu tinha um pouco de vergonha porque eu não achava que eu tinha o caldo. O caldo, eu acho me misturava com USP, aquelas coisas, não é. Então, a dissertação de mestrado vem disso. Mas, a dissertação que eu queria ter feito e não deu tempo era sobre a Revolta das Barcas, que era uma monografia que a Fundação Ford me deu um dinheirinho para fazer, na época e eu era louco com aquele tema. Eu me lembrava da Revolta das Barcas quando era pequeno, no salão de barbeiro da minha cidade lendo *O Cruzeiro*, a revista *O Cruzeiro*, encantado com cenas de violência, daqueles homens vestidos com as roupas das mulheres. E aquilo ficou na minha memória, enquanto eu não estudei aquilo

eu não sosseguei. Então quando eu estava... Mesmo fazendo, eu queria fazer a Revolta das Barcas, chamava-se *A multidão violenta* e era uma época que tinha uma porção de gente estudando isso, porque tinha muito quebra-quebra de ônibus, de bonde, de trem, tinha uma porção de manifestações. Tinha, inclusive, gente de São Paulo estudando isso também. E eu não pude fazer isso porque eu acabei o relatório de pesquisa e eu achei que ele não tinha consistência teórica para ser tese de mestrado. Então deixei de lado e fui fazer essa outra que tinha um pouco de consistência. Eu queria então que a Revolta das Barcas se transformasse em tese de doutorado também, que não consegui fazer.

H.B. – Bom, mas ela já é um livro?

J.S. – É.

H.B. – Você vai, pode publicar do jeito que está. Talvez fosse uma boa hora essa.

E.N. – É, mas ela é muito... Ela é muito... Eu pensei nisso. Pensei nisso, mas ela é tão, tão acadêmico, tão acadêmico que não...

H.B. – [Não sei], reler. Mas, então vamos lá. Porque é que você vai para os Estados Unidos? Quer dizer, já se falava que a formação mais... O Iuperj tinha uma forte...

E.N. – O Iuperj era um...

H.B. – Influência nisso. Enfim, todos fizeram, não é.

E.N. – É. E era no imaginário universitário fluminense um instituto de direita. Era o lugar onde os liberais, não é, Wanderley, Simon, Amaury, inclusive três provocadores notáveis, não é? Impossível de aguentar as provocações desses três, então, era considerado de direita. E eu acho que tinha uma força muito importante na trajetória da Márcia. A Márcia, a minha mulher, ela era encomendada para ir para os Estados Unidos, pelo Gilberto, pelo Roberto DaMatta, pelo Roberto Cardoso, meio que era, era a trajetória natural. E vários amigos que estavam em Chicago achavam que a gente tinha, que eu devia ir para Chicago, estudar Ciência Política e

ela naturalmente para a *Northwestern*, que é do lado de Chicago com Howard Becker, que tinha estado no Brasil. E já tinha aceitado a Márcia como aluna de doutorado. Então ir para os Estados Unidos virou uma, uma coisa...

H.B. – Quase natural, não é? Entendi.

E.N. – Natural. Nós teríamos ido em 77, mas ela achou que tinha que ter filho antes de ir e aí o Gilberto achou ruim, porque como é que pode? E tivemos um filho e fomos embora com bebê para lá e acabou dando certo de todo jeito. Mas a trajetória era Evanston, para ela, e Chicago, por causa do Alexandre Barros, que tinha, que estava lá trabalhando e por causa do Philippe Schmitter, que era um brasilianista conhecido. Então foi essa razão que fomos parar em...

H.B. – Mas você acabou não ficando em Chicago...

E.N. – É que é o seguinte. Eu tinha na cabeça que eu devia ir para Berkeley, não só porque como eu estudava movimentos sociais, eu era encantado com as encrencas que existiam em Berkeley. E Berkeley tinha encrencas federais. Tinha polícia federal, tinha avião ameaçando jogar bomba na Universidade. Aquilo ali era o, a área de São Francisco era o foco de uma contracultura. Então Berkeley para mim era um encanto. Além de ser um encanto, tinha um monte de gente que tinha estudado lá, como o Regis Bonelli, economista tinha estudado lá, o Pedro Malan, tinha estudado lá. Tinha uma série de economistas que tinham... O Carlos Hasenbalg tinha estudado lá e um outro sociólogo que marcou a minha vida chamado Fernando *Uricoechea*, um sociólogo e historiador colombiano.

H.B. – Colômbia?

E.N. – Venezuela? Não, Uruguai era o outro, era o... Uruguai era um parecido com um amigo do Julio, o Salinas. Um homem erudito, um homem... Um weberiano, historiador weberiano maravilhoso, e Berkeley para eles era assim o lugar para você ir. E eu tinha isso como lugar para ir. E Chicago de fato é uma decepção, porque primeiro, veja que maluquice, você vem do Rio de Janeiro, eles estavam assaltando todo mundo na cidade do Rio de Janeiro, eu morria de

medo de Chicago, achando que podia ser morto em Chicago. Chicago tem um sistema estranho porque quando você chega a primeira orientação que você tem é com o chefe da polícia. Os alunos estrangeiros são recebidos em um auditório grande, são todos juntos e o chefe da polícia se vangloria do fato de que se você tirar o telefone do gancho, o telefone que tem nas esquinas de Chicago, um telefone branco, 30 segundos a polícia chega onde você tirar o telefone do gancho. E aquilo me assustava, mas embora, se eu tivesse um pouco mais de competência pessoal, não devesse ficar assustado, porque a Universidade de Chicago era um quadrilátero de uns 12 quarteirões, mais bem policiados do que um quartel militar, havia ali proteção perfeita. Mas, Chicago me irritou muito por causa do... Anoitecia muito cedo, quatro horas. Hein?

H.B. – Clima.

E.N. – Quatro horas da tarde era noite e eu, nós morávamos em Evanston, que é longe. Eu ia de carro para Chicago. Por alguma razão meu santo não combinou e não combinou principalmente com o Schmitter. Não houve uma... Uma coisa que me irritava muito, era que nós éramos tratados em Chicago, junto comigo tinha um outro rapaz aqui que é dono da, do Instituto de Pesquisa Sensus, o Ricardo Guedes, o Ricardão. Ricardão e eu estávamos no mesmo ano. Argelina já estava, Argelina chegou antes da gente. Belzinha estava em Madison e o Schmitter tratava a gente como se fosse realmente gente do terceiro mundo. Ele te olhava por cima, te tratava com uma certa arrogância. Ele não pode, ele tinha que ser chamado de *Philippe*, que é o nome de europeu. Aquilo me dava uma gastura e ele realmente era um homem que não deixou bons amigos eu acho entre alguns brasileiros não. Eu vou te contar um caso, não vou contar o nome do santo, mas é o seguinte: um amigo meu que foi, que estudava métodos quantitativos e estudava marxismo. Quem dava marxismo era o Adam Przeworski, que era assim o sonho de qualquer pessoa que estudava marxismo. Agora, o Adam quando você fazia o curso de introdução marxismo com ele, tudo bem. Se você quisesse fazer o segundo, você tinha que ir para Economia, o famoso Departamento de Economia de Chicago, estudar Econometria. Se não, não estudava Marx. E esse amigo meu quantitativo, tirou aquilo de letra, foi fazer Econometria e resolveu fazer uma tese de doutorado sobre estratégias da burguesia brasileira, investimento *versus* movimento operário, mostrando que tem, aquelas coisas que o Adam estuda, que existem grandes movimentos em que a burguesia entende como é que o operariado se move, como é que a estrutura de investimento varia conforme a estrutura

das lutas. Então ele tinha que estudar produtividade, tinha que estudar investimento na indústria brasileira e estudar o papel do Partido Comunista na década de 30, trinta e pouco. Ele acabou a tese, uma tese bem feita, arrumada. Na hora da apresentação o Schmitter disse para ele: “Mas, você tinha que entrevistar. Você está falando que os líderes do Partido Comunista fizeram isso, você tinha que entrevistar os líderes do Partido Comunista para poder documentar a história.” E não deixou ele acabar de apresentar a tese. E aí eu me lembro que de noite, em Evanston, eu estava conversando com *Howard Becker, que é o paradigma da Sociologia Qualitativa, e contei para o Howard. Eu digo: “Howie, olha o que aconteceu hoje. Ele falou que tinha que ter essa entrevista agora esse rapaz vai ter que ir para o Brasil e fazer isso.” O Howie falou: “Não. Diz a ele para inventar.” Eu disse: “Como Howie?” “Certamente se ele inventar vai dar no mesmo. Porque o seguinte, ele não tem as fontes escritas? Ele não tem as histórias? A memória dessa gente não vai ser melhor do que o documento que você tem e a reconstrução histórica do que eles falaram de 30, 40 vai ser mais incorreta possivelmente do que a documentação que você tem. Diz a ele para inventar e não será desonestidade intelectual.” Eu não acreditei no que eu ouvi. [risos] Até hoje eu admiro esse homem. Até hoje eu admiro esse homem.*

H.B. – E ele fez?

E.N. – Não fez, ele não fez. Ele não voltou, não inventou.

J.S. – Não teve coragem. [risos]

H.B. – Mas como é que você vai para a Califórnia? O que você teve que fazer? Algum professor ou algum dos seus amigos?

E.N. – Não. Eu falei com o Schmitter que eu queria ir, ele me disse que tinha um aluno dele que era professor de Berkeley e ia falar com ele. O Schmitter foi lá duas vezes e não falou nada com ele. Eu vim a saber depois. E aí eu conversando com o Alexandre Barros, que tinha sido colega desse camarada de Berkeley, ele falou “Edson, você pode ir para lá a hora que você quiser. Eu falo com o David que é meu amigo”, e isso se deu em duas, três noites. Ele falou com o David, o David me ligou de lá, disse: “Se você vier, eu aceito.” Eu falei: “Você tem

alguma referência?” Eu digo: “Tenho. Eu dou a referencia do Alexandre e te dou a referência do Howard Becker.” Ele ligou pro Howie, o Howie falou: “Eu teria os dois aqui como assistentes meus, se quisessem.” E fomos para Berkeley por aceitação do David que estava recrutando latino americanistas e brasileiros para trabalhar. E aí mudamos de uma hora para outra. A Márcia não teve que sair do doutorado dela, porque ela já tinha feito o primeiro ano inteiro. O Howard fez um programa de leituras com ela, porque ele tem casa em São Francisco. Então facilitava porque então ela tinha contato com ele permanente em São Francisco. Nós convivemos os anos todos juntos lá. A ida para Berkeley foi uma mudança de paradigma. É engraçado. Em Chicago eu tinha grandes amigos, densidade cultural, densidade intelectual, mas eu acho que Berkeley fez toda a diferença. Por quê? Porque é uma macro universidade e ela te dá um contexto intelectual que é meio esquisito. Por exemplo, eu me lembro de estar na Biblioteca Central, sentado no chão mexendo nas coisas, estou vendo um camarada sentado, um camarada de gole rolê, do lado do tucano, era o Foucault, sentado do lado, mexendo em livros. Ou então você vai em Sociologia e está lá o Habermas dando aula, com aquele lábio leporino dele, dando aula. Ou o Fernando Henrique, que veio depois. Então você tinha gente de toda natureza. Historiadores maravilhosos. Tinha um historiador argentino chamado Tulio Halperín. Tulio era uma *genialidade*. Então, Berkeley tinha aquele contexto multi universitário que Chicago tinha também, mas eu acho que Chicago é mais, era mais recôndito. Os departamentos talvez sejam mais autocontidos.

H.B. – Mais formal também, não é.

E.N. – Talvez, talvez mais autocontidos. Eu não sei. Eu não consegui entender muito a natureza da vida universitária de Chicago não.

H.B. – E você viveu o quê? Cinco anos em Berkeley?

E.N. – Fico seis anos em Berkeley.

H.B. – Seis anos.

E.N. – É porque aí, aí nós tínhamos decidido... Alguns brasileiros tomaram essa decisão, nem todos cumpriram. Porque na nossa trajetória anterior quando começamos a fazer o mestrado é que era ainda... Os brasileiros iam lá, faziam os créditos de doutorado, tinham o projeto aprovado e vinham para casa fazer tese. Aí passavam três, quatro, cinco anos aqui, catando dados para fazer tese. Grande parte deles jamais fez. Edmundo Campos, jamais fez tese de doutorado. Cesar Guimarães, jamais fez tese de doutorado e vários outros. O Clóvis Brigagão veio fazer depois. Vários outros vinham para cá, se perdiam, e quebravam o contexto. E a gente decidiu que ia para Berkeley, nos Estados Unidos, e só voltava com a tese pronta. O que te pede seis anos de trabalho, e por isso que eu acabei ficando para voltar com a tese, com a tese pronta. Comecei a trabalhar lá, podia ter escolhido ficar, mas aí não dava para ficar porque tinha abertura em 85 era... A gente só pensava em voltar por causa da abertura democrática. Agora, Berkeley é uma experiência... Bom, você esteve lá³. É uma experiência única, não é, em termos intelectuais. A Universidade é tão diversa, os cursos são tão misturados que você faz curso de Antropologia, faz curso de Sociologia, de Economia, História. Frequenta aulas de Biologia Básica, começava aquelas confusões sobre divisão de genes. Você consegue nos cursos básicos disso aí. Começa uns cursos de computação, tinha uma briga toda sobre a interpretação de Freud na época. Então, era aquilo era aquele caldo. Caldo permanente.

H.B. – E esse tempo que você ficou lá esse apoio da Ford, você tinha alguma sinalização de que podia voltar e trabalhar no Iuperj?

E.N. – Pois é. Isso foi um erro de cálculo meu. Eu achava que tinha. Eu achava que eu era...

H.B. – Você defendeu, então, a tese lá?

E.N. – Defendi.

H.B. – Quem era seu orientador?

³ Pergunta direcionada à entrevistadora Helena Bohemy.

E.N. – David Collier. É... David Collier, uma historiadora da banca, uma historiadora chamada Linda Lewin e um cientista político italiano, uma fineza de homem, chamado *Giuseppe Di Palma, de Política Comparada. Eu achava que eu tinha lugar no Iuperj porque era a minha casa natural. Eu saí com bolsa deles... Depois de alguns anos o CNPq acabou me dando uma bolsa. Já quando acabou, depois de 80 o Brasil começou abrir um pouquinho, não é isso? 82 por aí. E eu voltei para o Iuperj com tese de doutorado pronta, com uma série de cursos que eu queria ensinar. Eu queria ensinar...*

H.B. – 88 ou 89?

E.N. – 85. Eu saí daqui em 85. Quer dizer, em final de 77, 78 é... E voltei com o curso de Política Comparada para ensinar, voltei com o curso de Desenvolvimento, Modernização e Sistemas Comparados e levei uma rejeição imediata muito forte porque eu era pesquisador, como é que eu podia querer ser professor? E não existia mais o cargo de pesquisador, então eu voltei para um limbo no Iuperj. E me deram uma sala – e uma sala que era muito frequentada porque eu trouxe um computador, todo mundo ia lá visitar o computador. Eu tinha comprado um computador no final da década de, começo de... 80, eu comprei o primeiro computador. Até meu professor disse: “Os latino-americanos introduziram a computação no departamento.” Nós compramos antes deles. E eu fiquei no Iuperj meio no limbo. Eu não podia lecionar, eu não tinha uma atividade de pesquisa mais. Tinha um salário pago por RPA, não tinha contrato. Então é uma situação, uma situação um pouco tensa. Eu tinha gasto, meu dinheiro todo. Eu não tinha mais poupança, eu não tinha mis nada e tinha um jeito de viver, mas aí acontece uma sorte porque o todo, um bando de gente que estava vindo dos Estados Unidos, Pérsio Arida, Andrea Calabi, que tinha feito dourado lá também, foi Secretário do Tesouro, Paolo Zaghen, que foi presidente do Banco do Brasil, todo mundo, tinha um monte de gente, Geraldo Reis, que fez Sociologia das Organizações, eles estavam montando o governo com João Sayad e o Tancredo Neves, estavam montando a estrutura de Economia. E eles me pediram para participar da montagem, porque eu sabia, eu falava inglês, eu falava espanhol, eu sabia os negócios de computador. Todo mundo adorava negócio de computador. [risos] Eu sabia uns negócios de computador e tinha coordenado um programa, eu tinha dirigido... Durante Berkeley – a gente pode voltar a isso – eu dirigi durante muitos anos um programa conjunto de Berkeley e Stanford sobre o Brasil. E aí me convidaram para ir para o governo e foi o emprego

que eu arranjei. Em março de 85, no dia 15 de março, eu estava... Eu era secretário-geral adjunto do Ministério e eu não tinha ideia do que era esse posto, que vem a ser o segundo sujeito depois do ministro. Eu não tinha *ideia* do que era a burocracia e essa... E também não eram só essas pessoas, o Fernando Henrique tinha ficado em Berkeley durante praticamente um ano, eu era professor assistente dele. A Márcia era professora assistente da Ruth. Então isso criou um caldo de conhecimento com São Paulo, com o grupo de São Paulo, todos que estavam por lá, que me tirou do Iuperj. Eu não saí do Iuperj por completo. Eu continuei associado ao Iuperj, mas acabei sendo tirado de alguma maneira. Porque não tinha lugar mesmo para figura do pesquisador.

H.B. – E porque é que não podia ser professor? Se já era doutor?

E.N. – Porque vinha um racha do passado muito grande entre pesquisadores e professores. Os professores eram chamados de *staff*. O *staff* era a posição de elite. Os pesquisadores eram os condenados da terra. E você não podia passar de uma coisa para outra. Então quando você extinguiu a posição de pesquisador, os professores passam a ditar a lógica e o futuro do Iuperj, e eles começaram a fazer uma opção em ficarem totalmente empregados da Cândido Mendes, meio que foram perdendo o dinamismo, de vender projetos. Aliás, o Simon escreveu um artigo sobre isso. E disse: “Quando acabaram com o grupo do Edson, o Iuperj começou a mudar.” Eu não podia ser professor. A verdade é o seguinte, eu não ia ter conseguido ser professor. E... Até que me pediram a sala... Um dia eu estava... Pediram a minha sala e eu entreguei a sala e fui embora, nunca mais voltei. É, eu acho que são essas coisas dessas divisões que vão acontecendo no tempo que não tem muita explicação e para te falar a verdade foi uma... Não sei o que poderia ter acontecido, porque você fica sem contexto acadêmico onde você se preparou para viver como professor a vida toda.

H.B. – Engraçado que se reproduziu em um centro de pós-graduação a divisão que acabou muito fortemente dividindo a universidade entre pesquisa e ensino. A gente sabe completamente que não precisa essa divisão e, no entanto, isso se deu lá.

E.N. – Mas eu a...

H.B. – Você acha que isso é...

J.S. – São complementares, não é.

E.N. – Aconteceu na Coppe⁴, não é?

H.B. – É. Exato. Mas um balanço que você possa fazer da pós-graduação. Dessa sua experiência que foi... Você, como estudante no exterior. O Iuperj daquela época te preparou bem, foi diferente, era sintoniza... Enfim, como é que você vê a experiência, sua, de formação na pós-graduação?

E.N. – Eu acho que quem me preparou bem foi a Universidade Federal Fluminense porque a Fluminense era um curso tão robusto, e tão diversificado em termos de Sociologia e Antropologia e Ciência Política de alta qualidade nas três pontas, e nós éramos alunos tão bons, que a gente leu uma massa que nos deu robustez e nós aprendemos uma coisa que as pessoas não aprendem mais, aprendemos a história da disciplina. Não aprendemos só o conteúdo não. Você entendia a história das disciplinas e o conteúdo das disciplinas. O que nos deixava, em termos de pós-graduação, melhor do que muitos outros alunos que não tinham esse caldo. E melhor do que os alunos americanos em geral, porque os alunos americanos não vêm de um curso de Ciências Sociais, ele vem de um curso de [inaudível] geral. Então, essa densidade que eu acho que veio da Universidade Federal Fluminense me preparou para o Iuperj, que era um curso mais focado, e permitiu degustar melhor Berkeley. Tanto é que quando eu não consigo fazer a tese de doutorado sobre a multidão violenta e eu começo a ver o que eu ia estudar, e se eu pego, por exemplo, um livro que, da minha tese de doutorado, que é das gramáticas políticas do Brasil, é um livro que é uma mistura de Economia, de Antropologia, de Ciência Política, de Organizações Complexas, é uma literatura tão variada e parte dela veio da tese de mestrado, parte dela veio das multidões violentas, parte dela vem da [Stelinha] Silva, *Bendix* e os outros. E a gramática política é simplesmente Antropologia. O Clifford Geertz dizendo que cultura é gramática, não é mais... Você precisa da cultura, precisa da gramática para falar. Então, é e Berkeley permitiu intensificar isso. E a presença, cheio de brasileiros por todo meio, como Roberto DaMatta passou um tempo lá lecionando, o Fernando, a Ruth, Manuel Castells. Eu

⁴ Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, da UFRJ

acho que a densidade da Fluminense se somou muito bem à densidade de Berkeley, melhor do que o IUPERJ, porque o IUPERJ já veio com o foco. E eu acho é onde... Por isso é que, por exemplo, eu gosto da minha tese de doutorado, mas ela já está, ela já é uma tese fora do tempo. Porque a minha tese foi escrita em 80 e... Até acabar em 84, praticamente 85, e é uma tese que é uma interpretação do Brasil e já não se faziam mais interpretações nessa época. Você estudava problemas. Quantos votos deu não sei a onde, o estudo disso aqui, procedimentos não sei das quantas. Os nossos alunos hoje estão mais orientados hoje estão mais orientados para estudar problemas do que fazer interpretações. Há mais de 20 anos talvez, você não estimula... É, verdade. Você não estimula mais interpretações do Brasil, que eu acho que a gente tem que retomar isso um pouco até mesmo para provocar os estudantes. Não se aceita. No IUPERJ não tem teses de interpretação, você tem teses de tópicos e aí isso daí eu acho que cria uma disfunção para pós-graduação. Isso que só uma universidade pode te dar, que é assim... Tanto à Fundação Getúlio Vargas se aplica isso, quanto no Museu, quanto no IUPERJ, falta a Universidade. Falta a diversidade. Falta gente diferente. A profissionalização das Ciências Sociais no Brasil, que o IUPERJ ajudou a fazer, tanto ajudou a fazer que a USP reformou o seu curso para ficar parecido com o do IUPERJ, em seguida vem os outros bons cursos, Federal do Rio do Rio Grande do Sul, Federal de Minas Gerais, Pernambuco, quer dizer, são cursos todos montados na mesma... É uma profissionalização muito estrita e me impressiona várias coisas. Primeiro, as pessoas não estudam a disciplina, elas estudam problemas. E a gente discutiu algumas vezes nos Estados Unidos, inclusive, com alunos o seguinte: você não se especialize, você se especializa em ser cientista político. E depois você pode cambiar de problemas facilmente ao longo da vida. Claro que você vai ter que pegar um problema ou outro para fazer a sua tese, mas se você for especialista na disciplina, conhecer a história da disciplina, você terá... E você sabe que tem um trabalho, um livro da... Está aqui ó: *Futuro da Educação Doutoral*, da *Carnegie Foundation* e eles dizem exatamente isso. Ele diz o seguinte: o PHD tem que ser entendido como o timoneiro da disciplina. É o sujeito que garante que a disciplina se reproduz. A obrigação dele é treinar outros timoneiros. É claro que em algumas áreas é difícil. Física é impossível, porque o menino faz alguma coisa aos 23, 24 anos, ou não faz mais, não é isso? É difícil você conhecer a disciplina com 23, 24 anos. Mas exceto algumas áreas, a densidade de que você... Se você se entender como responsável pela transmissão da disciplina a geração futura te põe para pensar no doutorado de outra maneira. Tentei discutir isso com o doutorado do IUPERJ aqui e não passa. As pessoas não... Essa perspectiva sobre que o

doutorado deveria ser uma disciplina e você, portanto podia fazer uma série de cursos na disciplina e deixar para afunilar lá no problema mais na frente e não insistir no menino ou na moça, no rapaz, de que não tenha um problema na cabeça enquanto não tiver mais tempo... Você não precisa... De novo, assim como você profissionaliza advogado cedo demais, e médico, você está profissionalizando doutores cedo demais. Você não precisa entrar em lugar nenhum sabendo o que você vai estudar. Você dá uns dois três anos de cursos e vai surgir do convívio com os professores, vai surgir um tema. Eu acho que essa orientação de pós-graduação não vai prosperar no Brasil porque como a gente não tem universidades, os departamento são separados. A Fundação tem um bom curso, mas é o curso da Fundação. O Iuperj é um bom curso, mas é o mestrado e o doutorado do Iuperj e é tudo, e as pessoas vão ficando mais iguais. Além do mais, como você tem uma política de citação mútua, você tem uma estrutura, uma economia de citação mútua no Brasil, não é isso? Se você estiver no meio você é citado, se você não estiver, não é citado. Eu acho que isso está... Não tem o que fazer. É o que o Brasil é, nós resolvemos fazer essa universidade. Precocemente profissionalizada na base, precocemente profissionalizada no doutorado. A Fluminense não era isso, mas é por causa do movimento político na época também. Você tinha que discutir tudo. Hoje não tem mais.

H.B. – Talvez seja [inaudível] também. É... Porque, uma curiosidade: porque é que se o ambiente era tão favorável, a Revolta das Barcas não pôde ser objeto lá?

E.N. – Porque é muito pequeno.

H.B. – Pois é, o tema era pequeno?

E.N. – É. Meu orientador, o David... David era um homem... – se aposentou esse ano – David é um homem notável, um homem de um *rigor*, professor de Ciência Política Comparada e professor de Metodologia, criou inclusive agora uma área de Metodologia Qualitativa, na Associação Americana de Ciência Política. O David achava que era pequeno demais e que eu devia ser provocado para saltos mais intensos. Eu achava que era a cara do doutorado americano. Estuda um probleminha, vê como é que foi na União Soviética uma coisa parecida com essa, vê as revoluções na França, pega o Charles Tilly, vê os movimentos sociais, *puf!*

Tinha uma tese de doutorado. Era o que eu achava. E graças a Deus ele não me deixou fazer isso. Porque ele disse: “Não faça isso porque você precisa de uma outra visão de...” Ainda bem que, mas já é uma tese fora do tempo, não era para ter acontecido. E a Revolta das Barcas, vista de outro lado, ela também uma base de dados muito primitiva, porque é só uma revolta. Quantas revoltas tem no Brasil para você estudar, quantos movimentos de violência? Então para americano não era bom, nem como caldo histórico, nem como caldo de número de eventos, metodologicamente. Eu entendo a objeção. E aí eu tive que inventar essa outra mistura que começou lá embaixo, lá no Iuperj, com a ideia de insulamento das funções técnicas das organizações. Você proteger o corpo fundamental de uma organização da briga externa, que era o que os militares um pouco tentavam fazer, tá certo? Proteger as empresas públicas, ou proteger o grupo de pesquisas do Iuperj da encrenca [inaudível] porque eles chamavam o [technical] [inaudível]. Um pouco vem daí, dessa mistura de...

H.B. – Experiência, não é?

E.N. – De experiência, de tentar entender, que o que eu achava que estava acontecendo. É... Eu não acreditava que tese tinha algum valor, tinha algum valor analítico, porque você veja, eu acabei esse negócio em 85 e ficou desaparecida por aí até 97. Por quê? Porque eu fui trabalhar no governo e de novo, a minha autocrítica, eu acho, com relação a minha capacidade acadêmica é tão rude, é tão brutal, eu acho que eu valho menos do que... Isso é um problema que eu tenho que resolver em outras instâncias, que eu meio que escondo os trabalhos. Quem achou esse negócio foi o Bresser Pereira. Encontro, eu estava no governo, encontro o Bresser lá na minha sala e ele disse: “Edson, você tem que publicar aquele negócio.” Eu digo: “Que negócio?” Ele falou: “A sua tese de doutorado.” O Bresser é um rato de biblioteca de tal ordem, que ele lia as microfichas, porque tinha um sistema de microfilme de tese de doutorado que não existe mais. O sistema de microfilme de tese de doutorado que era em Michigan, na central americana de microfilme. Você via a tese de doutorado, você comprava o microfilme da tese. Ele tinha comprado o microfilme da minha tese e ele disse: “Não só você vai publicar, como eu vou financiar a publicação.” E ele pagou metade da primeira edição com o Jorge Zahar e o Jorge não queria, porque o Jorge se recusava a lidar com o governo. Então veja, é uma tese que pode ter, hoje olhando de fora, pode ter esse certo valor, mas eu não tinha ideia.

[FINAL DO ARQUIVO II]

H.B. – você teve uma, um dos livros, inclusive que você organizou, que é um livro conhecido da *Aventura Sociológica* foi com a Zahar e talvez você pudesse contar um pouco dessa sua relação com o editor, com o Zahar e o lugar disso na sua...

E.N. – Está bem.

H.B. – Vida acadêmica.

E.N. – A relação com o Zahar vem do Gilberto Velho, o grosso do Gilberto Velho porque é... Márcia e eu, jovens estudantes é... Trabalhando. Eu dava aula de inglês, dava aula de pré-vestibular, passei muito tempo fazendo essas duas coisas, aulas de inglês e pré-vestibular e precisando de mais dinheiro. Então o Zahar nos dava, o Gilberto nos recomendou para a gente fazer revisões técnicas para Zahar. Ele fazia, o Otávio Velho fazia e nós começamos a fazer durante muitos anos revisões técnicas da Zahar, com a vantagem que o velho Zahar, ele era um sujeito que ficava em uma sala, não sei se você chegou a ver. Chegou?⁵ Ele ficava em uma sala enorme, cheia, empilhada de livros, ele perdido no meio daqueles livros, aquele homem encantador ali e ele recebia a gente. Recebia aqueles meninos. Ele conversava com os meninos. E então eu fui desenvolvendo uma relação com ele muito próxima através das revisões técnicas e às vezes ele pedia opinião sobre coisas que devia traduzir ou coisas a publicar. Simultaneamente, enquanto eu estou ajudando a fazer as revisões técnicas – a Márcia fazia algumas traduções, metodologia e outras coisas –, eu começo a trabalhar na tese de mestrado sobre a divisão social do trabalho e a prática da pesquisa. Encasqueto que tem uma coisa para aprender que é a lógica da descoberta, em vez da lógica da pesquisa abstrata. E que a lógica da descoberta é que era o trato que você faz no dia-a-dia e que as pessoas não estudavam. Que eu dizia: “Eu estou aqui no meio de uma porção de problemas. Eu tenho os problemas teóricos para resolver, tenho um monte de disciplina para cá, mas eu tenho um problema aqui que à

⁵ Aponta para Helena Bomeny.

medida que eu vou fazendo as coisas, primeiro, eu tenho que inventar. A metodologia não dá conta. Eu tenho que adaptar, eu não tenho os meios.” Não tinha computação suficiente. A gente processava coisas na PUC e saía carregando uma pilha de cartões furados para passar no computador da PUC. Então a lógica da pesquisa, a lógica de ação da pesquisa começou a trazer a ideia para um problema que não era ensinado que era: “Como é que você faz quando você tem que fazer uma pesquisa mesmo?” E você tem que ou improvisar, ou criar, ou se aproximar, não da lógica da formulação, mas da lógica da prática aplicada. E *Aventura Sociológica* não é outra coisa a não ser isso. É um começo de conversa que eu comecei a ter com várias pessoas, sobre a necessidade de documentar o processo pelo qual *cientistas* fazem a pesquisa. Porque o meu trabalho de mestrado ele é a divisão social do trabalho, mas ele era de uma área chamada Sociologia da Ciência, que eu tinha consumido toda por causa desse... Por causa desse trabalho eu comecei a consumir a literatura de Sociologia da Ciência. E aí eu comecei a perceber que a Sociologia da Ciência tinha um problema complicado, que era como que físicos, químicos, biólogos e cientistas sociais resolvem na prática os problemas que tem que adaptar. E uma vez que a narrativa, quando a narrativa da pesquisa ocorre, essa coisa não aparece. Você narra a pesquisa como se a sua pesquisa fosse muito arrumadinha, muito perfeita, você não teve problema nenhum, você não teve que inventar nada, não teve que criar, adaptar. Então eu percebi que tinha uma, para... Para os cursos de Ciências Sociais e para nós um pedacinho que era olhar por dentro, esmiuçar como se fazer pesquisa. O nome *Aventura Sociológica* vem daí e o subtítulo, que é objetividade, exatamente objetividade, método, paixão e não sei o que. Objetividade, método, paixão e técnica uma coisa qualquer. Eu acho que é isso. Eu tenho ele ali. E... Até o Roberto DaMatta falou: “Não bota esse negócio de paixão em Ciências Sociais, não que isso não vai dar certo.”

H.B. – Não vai dar certo.

E.N. – Mas deu, deu. Ficou bem. *Objetividade, paixão, improviso e método*. Objetividade, paixão... Que era exatamente o que eu estava observando que estava acontecendo conosco: objetividade, paixão, improviso e método. Então *A Aventura Sociológica* vira um memorando que eu perguntei ao Jorge Zahar se eu fizesse ele topava e assim, fiquei impressionado, porque um menino de vinte e poucos anos. Nós estamos em 70 e... Já estava com quase 30 anos. Estamos em 76 por aí. 76. E ele disse: “Se você fizer, eu topo.” E aí eu convidei as pessoas,

o... Aspásia, Hélgio Trindade, Edmundo Campos, o Gilberto, Roberto DaMatta. E era uma época interessante, porque hoje se você quiser fazer um negócio desses você vai sofrer para arrancar artigos das pessoas, não é isso? [risos] O Cláudio Moura Castro. E os artigos vieram...

H.B. – Rápido, não é?

E.N. – Rapidamente. Tânia Salem, é... Artigos muito bons. Fernando Uricoechea. Fernando Uricoechea. Artigos de excepcional qualidade e é uma coletânea que era uma... Para se resolver problemas práticos. Também porque muita gente, nós estávamos criando a ANPOCS na época. O Iuperj estava na... E as pessoas rodavam pelo Iuperj muito porque a criação foi ali, na Rua da Matriz. Então as conversas evoluíram naturalmente da porta do escritório para o corredor ali e *A Aventura Sociológica* nasceu disso. Filho da Sociologia da Ciência, que era filha divisão social do trabalho e a prática da pesquisa. Depois até a Ruth fez uma *Aventura Antropológica*, a Ruth Cardoso. *A Aventura Antropológica*. Então o Jorge resolveu que editaria isso, editou e eu fiquei encantado porque a capa do livro, eu acho encantadora, é um quebra-cabeças. É um quebra-cabeças que vai... E obviamente o livro se esgotou rápido e nunca mais vai ser editado porque...

H.B. – Você acha que os problemas não são mais esses?

E.N. – Acho que os problemas são exatamente esses, mas...

H.B. – Porque não pode ser reeditado?

E.N. – Eu tive... Pensei em reeditar, celebrar 30, 40 anos de um livro desses. Não era má ideia. Pensei em fazer, mas aí comecei a ver, ele é muito datado, por um lado.

J.S. – Mas ele é muito lido.

H.B. – Ele ainda é, não é?

J.S. – É.

E.N. – Ele é lido, mas ele tá na internet de toda maneira, não é isso? Ele é usado em cursos de Ciências Sociais até hoje. E ele não foi reeditado por isso, porque ele é muito lido e as pessoas copiam o artigo que querem. Ninguém compraria um livro desses. As editoras não querem. É. Verdade.

H.B. – Porque já está em domínio público.

E.N. – Não, mesmo na época ele perdeu, a segunda... Não teve a segunda edição, porque uma das coisas que o Jorge Zahar descobriu é que as coletâneas, elas eram importantíssimas... Porque o Jorge fez de fato foi trazer as Ciências Sociais para o Brasil, de uma maneira que ninguém fez, não é isso? Botar em português e no Brasil a literatura essencial através de coletâneas harmônicas feitas pelos meninos os dois Velhos, mais os outros que faziam. Isso criou uma modernidade das Ciências Sociais no Brasil. Mas ele descobriu muito rápido isso: que ele criou uma coisa que ninguém teria feito e criou meio que um destino negativo para ele por causa do xerox. Você copia um artigo. Você vê uma coletânea dessa... Eu mesmo usava uma Sociologia das Organizações, que eu dava aula para o quarto ano de iniciação, tinha a Sociologia das Organizações os alunos liam dois ou três artigos. Então de fato não vende. Então eu acho que reeditar...

H.B. – E ele fez muito, não é. Os textos básicos todos. Eram assim...

E.N. – Na volta dos Estados Unidos, ele, quando começou a redemocratização, nós criamos uma coleção nova, que eu acho que era *Interpretando o Brasil*, Apresentando o Brasil, eu era do conselho editorial. Fizemos alguns pequenos livrinhos. Eu acho que você até achou eles aqui, que eram pequenos livrinhos na tentativa de... Agora era interpretações aplicadas do Brasil, que tinha o Sérgio Abranches, tinham vários outros... Então, a Sociologia... Veja só, tudo o que eu estou descrevendo exceto, eu acho que a tese de doutorado, são frutos de *insights* de problemas pessoais. A Revolta das Barcas é o menino fazendo o cabelo lá no Bom Jesus de Itabapoana com a Revista *O Cruzeiro*. Eu lembrava das fotos de tal ordem que eu fui, eu sabia aonde eu ia...

H.B. – Onde você ia procurar.

E.N. – No *O Cruzeiro* consegui comprar os arquivos do *O Cruzeiro* para poder... As fotos são inclusive, comprei o *copyright*, não é.

J.S. – Nossa!

E.N. – É. É. Que eu lembrava que me marcou tanto. Olha só, problema objetivo, tese de mestrado, problema objetivo. Como é que organiza esse grupo de pesquisa. *Sociologia da Ciência*: esse raio aqui é ciência ou é uma porcaria aplicada, como as pessoas achavam na época? Era vendido, não é? Você tinha o estigma de estar vendendo trabalho. Então é ciência ou é porcaria aplicada? E *A Aventura Sociológica* é um pouco exatamente isso.

H.B – O desafio da pesquisa.

E.N. – Mas você sabe o que eu acho que tem legal aqui e de novo eu acho que é a Fluminense que está no pé disso? É você conseguir trazer os problemas que você está convivendo para um contexto disciplinar. Você pode pensar neles como problemas banais de carregar uma mesa ou pode pensar em pensar neles como as Ciências Sociais andaram vendo essas coisas. É o jeito que eu consigo funcionar e eu acho que ele tem uma virtude, que é o que *A Aventura Sociológica* nos diz: você tanto sai da teoria quanto você sai do problema. Você vem de lá para cá ou daqui para lá. E as pessoas não tiveram vergonha, de Simões escreveu, o Alexandre Bastos, as pessoas não tiveram a vergonha de confessar o quanto improvisaram, não é isso? O quanto improvisaram. Então o convívio com o Jorge Zahar foi soberbo. Inclusive quando ele morreu, a missa de sétimo dia do Jorge foi encantadora porque não foi... Foi um coquetel em uma livraria. Os amigos todos foram, e a Cristina, filha dele falou: “Edson eu estava mexendo nos papéis de papai. Achei bilhetes seus, trocando bilhetes com ele sobre livros, sobre...” Eu acho que é estranho porque o Jorge era um homem maduro e nós éramos crianças. Ele convivia com crianças...

H.B. – Muito bem.

E.N. – Com uma facilidade, não é isso? Mas, ele adorava o Gilberto. [inaudível] era... Acho que o Gilberto era o sabor do bom humor dali da editora, tanto do Jorge quanto da Cristina.

H.B. – Mas vamos voltar eu acho, certamente à essa... Porque no fundo você está falando de uma experiência universitária que não se reproduziu dessa maneira.

E.N. – Que não virou universitária.

H.B. – É. Depois você vai ter uma experiência imensa no Conselho Nacional. Acho que essa reflexão voltará, de alguma maneira.

E.N. – Mas antes disso eu comecei a mexer com reforma do estado porque eu estava trabalhando no governo. Fui fazer um livro sobre agências reguladoras porque eu vinha trabalhar com reforma do estado o Bresser no executivo, o Moreira Franco no legislativo na reforma. De novo, transformando as coisas em...

H.B. – Experiência.

E.N. – Em experiência. O IBGE foi a experiência mais notável nesse sentido. Não só o IBGE o IPEA talvez. Talvez... Eu não sei nem se a vida universitária devia ser do jeito que nós estamos desenhando mais. Quando você está dizendo novos papéis para os meninos. Eu não consigo entender porque tem um texto que o *Albert Hirschman* acabou, que é hoje outro... Acabou usando, chama-se *Uma coisa engraçada aconteceu no caminho do supermercado*, *Something funny happened on the way to the market*, que é mais ou menos o que está acontecendo com... No Brasil, está certo? Nós viramos um negócio que é sistema universitário privado, cassado pelo... Estimulado pelo governo com o governo com raiva dele, por um lado. O setor público meio desorientado, subinvestido e alguma coisa engraçada aconteceu no caminho do mercado porque algumas coisas deram certo. A Fundação Getulio Vargas, está dando certo. Ou seja, a Fundação hoje é um patrimônio imobiliário, dinheiro para todo lado, tanto no Rio quanto em São Paulo. Uma coisa engraçada aconteceu no caminho do mercado, porque, por exemplo, a Fundação deu certo e a Candido Mendes deu errado. O Iuperj deu *totalmente* errado. Então veja, eu acho que o Brasil colocou, deu errado em um certo sentido de que não tem, não tem como se garantir para o futuro. E a Fundação não tem problema com

o futuro. Nunca mais vai ter. Então veja, você pensa na Fundação, você pensa no Ibmecc, você pensa em outras instituições brasileiras que estão se estruturando nesse “alguma coisa engraçada aconteceu no caminho do mercado”. Alguns viram que tinha uma trajetória acadêmica que ia mudar de cara, não é?

H.B. – No caso da Fundação foi diferente porque é uma instituição que nasceu para a formação de recursos humanos para a modernização do estado, não é? Ela depois é que ela está se configurando hoje mais como...

E.N. – Pois é, mas a Fundação...

H.B. – Uma instituição de ensino propriamente, embora a Ebape tenha sido mãe, não é nisso.

E.N. – Pois é, mas o que aconteceu com a Fundação é que...

H.B. – Mas as universidades é que são... O IUPERJ, no caso é que é mais... O primeiro não é? Quer dizer, o IUPERJ do qual a gente está falando.

E.N. – Não, mas você pega três, você pega três que tem o mesmo problema. Pega a PUC do Rio, pega o IUPERJ, pega a FGV. Os três foram expulsos do colo do governo em 85. A Fundação... A Fundação, o IBAM, eu sou o presidente do IBAM, outro, o IBAM foram expulsos do colo do governo em 85. O governo tinha rubricas permanentes para essa gente no orçamento. A Fundação era do orçamento, que o Edmar Bacha chamava “dos ralos”. Nós acabamos em 85, 86 com todo o dinheiro da PUC, todo o dinheiro da Fundação, todo o dinheiro do IBAM, todo o dinheiro do IUPERJ. Quando eu digo que alguma coisa engraçada aconteceu no mercado...

H.B. – Não, tudo bem.

E.N. – Foi isso. Quando o governo saiu, acho que...

H.B. – Quem resistiu?

E.N. – Algumas organizações se reorientaram. A PUC se *refez!* Aa PUC é um negócio maravilhoso. E a Fundação se refez de um jeito que na época foi muito criticado, quer dizer, vê ali um [inaudível] neoliberal, um golpe de direita, aquelas coisas que a Fundação meio que ainda faz ainda, uma certa... Tem um olho na planilha, outro na produção. Mas a Fundação descobriu rápido, por exemplo, que não é na graduação que ganha dinheiro. Isso é uma definição brutal de vida. Você ganha dinheiro nos projetos e mantém a graduação porque aí faz outras coisas, prestígio e tudo mais. Nem na pós-graduação *stricto sensu* você ganha dinheiro. Isso é uma redefinição. Gente, isso é uma reorientação de vida. Uma organização que nasceu para ser do estado fez a... Você lembra da crise. Mais de uma, não é. A Fundação passou por ciclos de reconstrução. A PUC, não tenha dúvida e o Iuperj... A Candido Mendes teria sido, talvez, uma outra instituição que poderia ter se encontrado nesse caminho para o mercado. E algumas foram embora, outras... A Gama Filho foi-se. A Santa Úrsula é um fantasma que anda... Então tem um negócio interessante que acontece com o sistema de ensino superior brasileiro, que é a chegada do mercado e a saída do governo primeiro, não é. Primeiro sai o governo, em 85, e aí o mercado começa a acontecer depois. Nós ainda não acabamos esse ciclo. Nós não sabemos direito o que é uma universidade privada de fato. Exceto as católicas, que tem estrutura de universidade, cara de universidade e jeito de... Principalmente a do Rio. A de São Paulo também. As outras um pouco menos, mas a do Rio é a quinta essência do... Definição do que é uma universidade moderna. E a Fundação está no meio do caminho, ou seja, ela é um *think tank*. Ela é uma instituição de pesquisa, ela é uma instituição de ensino. Ela é uma mistura híbrida de um novo animal. De um novo tipo de organização que está surgindo no Brasil.

[FIM DA 1º ENTREVISTA]

2º entrevista: 10/07/2013

H.B. – Edson, eu hoje queria orientar a entrevista pela... A sua volta, a gente retomar um pouco a sua volta ao Brasil. Você nos disse da outra vez que você voltou com uma expectativa de que ficaria no Iuperj, até explicou o que foi que aconteceu, que não deu. E logo em seguida, mais ou menos em seguida, você tem uma oportunidade de trabalho em Brasília, na administração pública federal, onde eu acho você permaneceu muito tempo. E é uma avaliação...

E.N. – Muito tempo.

H.B. – Muito interessante, porque ela tem um impacto, eu acho, inclusive na sua produção intelectual e seria bom que a gente fizesse esse percurso de um cientista social na administração pública, se você acha que fez alguma diferença a sua formação e o seu desempenho nesses lugares e como é que você vê essa sua passagem pelo Estado brasileiro, no fundo, é... Agora, não é? [inaudível].

E.N. – Está bem. Eu que uma coisa que eu, se você permitir, tem um episódio bem-humorado que bem ilustra isso. Quando estava no final do governo militar, o presidente João Figueiredo, com uma comitiva enorme, foi fazer uma visita de estado à China e para ir para... Na ida ou na volta da China, eu não me lembro bem, eles se hospedaram em São Francisco, ali na Union Square, em um hotel que tinha ali. E, nós éramos estudantes, ou seja, era novembro. Estava acabando... 84, já estava perto de ter o governo civil. E resolvemos fazer uma manifestação dizendo que... Porque nós tínhamos ouvido falar que aqui no Brasil tinha um dragão das Diretas que andava pela rua. Nós achamos que ideia era boa, fomos em Chinatown, alugamos um dragão enorme e aí fizemos umas faixas dizendo: “Dragão das Diretas ataca em São Francisco.” Ocupamos a Union Square por completo e era...

H.B. – Uma mobilização dos brasileiros lá?

E.N. – Dos brasileiros da Bay Area inteira. Veio gente de Stanford, gente de Santa Cruz, gente... Aí descobrimos um monte de garçom, motorista de táxi, apareceu uns camaradas com uma bateriazinha, mas *entupiu* de gente a Union Square, eu tenho até as fotografias disso e o FBI veio para proteger o presidente, isolaram a rua em frente ao hotel e a rua ficou deserta e eles perguntaram quem são os organizadores, obviamente sobrou para mim porque eu já tinha acabado, eu já não podia perder mais a bolsa, não podia nada, já estava para voltar para o Brasil, sobrou para mim.

H.B. – A bola da vez.

E.N. – Sobrou para mim e para a mãe dos meus filhos, para a Márcia. Fui lá eu como organizador e o FBI falou: “Olha, se vocês não fizerem violência, vocês podem fazer o que quiser aqui desde que não fiquem parados...”, a gente ficava rodando, “E não façam violência nenhuma.” “Pois é, mas nós queremos entregar uma carta ao presidente.” Claro que ele não recebeu ninguém, mandou os diplomatas receberem a gente, nós fomos lá, entregamos a carta, mas nesse processo, porque o Figueiredo estava viajando, tinha uma série de televisões, tinha jornais. A gente até avisou, porque a gente conhecia alguns, e me aparece o Sergio Motta Mello, não me esqueço do nome. Sergio Motta Mello de São Francisco para *O Globo* eu acho, ou *Manchete*, uma das duas. E o Sergio me pega no meio da rua em frente ao hotel onde estava o Figueiredo e fizemos uma longa entrevista. Eu falei aqueles desaforos todos, que a gente falava sobre a ditadura e tudo mais e passou aqui. Eu sei porque a Maria Hermínia viu, me avisou que tinha visto. Passam-se três meses eu estou de terno e gravata saindo do Palácio do Planalto, onde era o gabinete do Ministério do Planejamento e vem o Sergio Motta Mello entrando, ele parou e falou: “Um de nós dois está no lugar errado.” [risos] Eu falei: “Pois é, Sergio. Você vê. Estava lá no meio da rua, agora estou aqui vice-ministro do Planejamento.” Então é uma mudança tão brutal, que é isso: um de nós dois está no lugar errado, está certo? Você está na universidade, no outro dia está no Palácio do Planalto com um carro preto, com aquelas placas verde e amarela é um negócio muito estranho. Então, mas foi uma mudança de vida muito robusta porque primeiro éramos... Nós assumimos posições muito altas e era um monte de gente que tinha vindo de doutorados no exterior e nós todos nos conhecíamos. O grosso era economista...

H.B. – De lá.

E.N. – De lá. De doutorados, de seminários. O grosso deles de economistas e eu...

H.B. – Você quer citar nomes?

E.N. – Ah, Andrea Calabi, Pérsio Arida, Paolo Zaghen, que foi presidente do Banco do Brasil. Andrea foi presidente do BNDES, foi secretário do Planejamento. O João Sayad, que era ligado, ou seja, tinha um volume de doutores e recém-doutores por ali nessa hora. E eu vim para... Comecei a avaliar, observar o Estado, que eu tinha estudado, mas nunca tinha, tinha

participado. A entrada no Estado foi muito assustadora, porque nós tínhamos histórias dos militares. Então nós, civis, muito novos, tínhamos medo. Tinha medo até das secretárias, eu digo. Porque não sabia se... Porque tinha aquela ideia de que todo mundo era corrupto. Todo mundo... A verdade é que a ideia era muito preconceito, porque os funcionários são pessoas decentes, responsáveis de bom alvitre, mas começam a acontecer uma série de coisas que você não entende. Por exemplo, eles insistiam que alguém me embarcasse nos aviões. Eu não conseguia entender, como é que alguém vai me embarcar no avião? Eu entro no avião. Mas não, iam umas pessoas, uns estafetas que ficavam lá para receber no aeroporto, te entregar o cartão de embarque, te levavam em uma sala vip e aí você entrava primeiro no avião, pegavam depois. Isso tudo...

H.B. – Você acha que isso é liturgia de poder ou de poder militar?

E.N. – Isso é liturgia de poder militar, eu não tenho a menor dúvida. Que foi mantida por um tempo. Os congressistas ainda mantêm isso, principalmente os senadores. Os senadores têm base aqui no Rio para recebê-los e para receber lá, tirar cartão, botar em sala vip, etc. É uma liturgia de governo militar, que foi acabada por pressão da chamada Comissão das Mordomias, que foi até o secretário, do que tinha da Comissão das Mordomias, para tiramos esses privilégios todos. Mas, eu só estou descrevendo isso como uma simbologia muito pesada de uma mudança de vida que era muito significativa, porque você não está acostumado com essas coisas. Mas a entrada também foi muito interessante porque nós começamos a discutir coisas muito, muito, muito rápidas. Reformas do estado e pessoas como Sérgio Abranches se juntou à gente, vários pesquisadores do Ipea para discutir reforma do estado. Começou-se a montar rapidamente a ideia do Plano Cruzado, feito em portas muito fechadas. Então eram planos muito grandes. Quer dizer, você está de uma hora para outra lidando com a moeda, lidando com o Estado, são transformações muito robustas. Por conta dessa estadia em Brasília, eu era secretário-geral adjunto também do Ministério do Planejamento, e era vice-presidente executivo do Ipea, porque o Ipea é um órgão de pesquisa, essencialmente de pesquisa, que precisava de um executivo que funcionasse lá. Então eu...

H.B. – Quer dizer que era... Foi simultâneo isso.

E.N. – Era simultâneo porque havia uma... – agora acabou isso – administração indireta dessas fundações, eram administração indireta. Elas tinham um espelho. Para contratar pessoas nós usávamos administração indireta, que pagava bem. Não era funcionário público. Você podia contratar no plano de carreira da fundação, ou da autarquia, e o presidente do Ipea era o mesmo secretário-geral, então... Mas como o secretário-geral era de fato vice-ministro, não podia ficar lá, eu virei o secretário adjunto e o vice-presidente executivo. Esse espelho acabou depois que criaram o tal do regime jurídico único, mas havia esses dois lados do Estado, da administração direta e administração indireta. O Plano Cruzado, que veio logo em seguida, criou uma politização muito grande de alguns assuntos, principalmente da moeda, do valor da moeda, do valor político da moeda. E aí começou a acontecer uma crise complicada entre nós do Planejamento e o pessoal da Fazenda, que era o problema dos índices de preços. Porque o Plano Cruzado criou o congelamento de preços. As pessoas começaram a vigiar e começaram a sumir os objetos, porque o congelamento não dava conta. A carne sumiu, aí puseram uns helicópteros para procurar uns bois no pasto, para provar que os bois existiam. A coisa mais ridícula que você pode imaginar, um helicóptero procurando bois nos pastos do Mato Grosso para provar que existia carne, que eram os fazendeiros que estavam escondendo. E os produtos nos supermercados, tinha aquelas, você lembra, você tinha “fiscais do Sarney”, que iam ver se o preço subiu ou não. Aí aconteceu uma crise muito severa entre o pessoal do IBGE, cujo presidente era um dos autores do Plano Cruzado, o Edmar Bacha, e o seu vice-presidente, que era chamado diretor-geral, que era o Regis Bonelli, era um economista de alto coturno, coautor de vários trabalhos com o Edmar. E o pessoal da Fazenda queria que o Edmar batizasse o índice, que a Argentina veio fazer agora recentemente, meio que batizasse o índice de preços, que fosse expurgando as coisas que eles achavam que eram...

H.B. – Inflacionárias.

E.N. – Que eram inflacionárias. Isto deu uma, um conflito *bem* intenso entre a Fazenda e o Planejamento e o Edmar acabou se afastando, logo no começo de 86. Ele com a diretoria dele e nesta época por... sei lá, por um conjunto de coincidências o ministro João Sayad, que era quem nomearia o presidente do IBGE, tinha vindo ao Rio visitar o governador, que era o Moreira Franco, que era casado com a Celina Moreira Franco, que era presidente do Arquivo Nacional, e ele no jantar perguntou: “A senhora, está sendo bem tratada? A senhora tem

orçamento?” Ela falou: “Nem lhe conto. Eu tenho um ex-aluno lá que garante um orçamento do Arquivo Nacional conforme eu quero. Nunca fui tão bem tratada no Ministério do Planejamento como agora.” Entre isto e eu participar como Ministério do Planejamento na feitura do orçamento federal para cultura, ciência e tecnologia, educação, nós fizemos uma divisão. Os economistas cuidavam da área dura, transporte, toda... Coisa que economista gosta e deixavam para mim aqueles que coordenavam as coisas leves. Então isso me deu uma conexão *renovada* com o meio científico, acadêmico, Gilberto, os antropólogos, os físicos da SBPC, com quem eu comecei a conviver por causa de valor de bolsa, orçamentos, tudo o mais, mas esta frase, eu acho, da Celina... Quando aconteceu a crise eu já tinha levado o ministro para falar com os cientistas, algumas vezes, ele chegou para mim em uma noite e falou: “Eu preciso de um presidente do IBGE que tenha as seguintes características: seja respeitado pela comunidade técnica-acadêmica, que tenha apoio político no estado do Rio, que conheça a comunidade político-científica, que seja do local e tenha que um certo *savoir faire*.” Eu digo: “Vai sobrar para mim.” Ele falou: “Certamente. Então você vá para o Rio assumir o IBGE e garanta uma coisa: que não haverá politização do índice de preços.” Então a minha vinda para o...

H.B. – Quer dizer, razão da saída do Bacha.

E.N. – A razão da saída do Edmar Bacha. Eu tive que vir inclusive. Posse lá, posse aqui, com tudo mais. Tive que ser nomeado pelo Presidente da República e tudo mais. O discurso foi esse: *não vão* politizar os índices de preços! E de fato conseguimos que não politizasse. Mas foi uma... Eu já entrei no meio de um conflito... Mas éramos todos amigos, portanto, não houve conflito com o Edmar nem com os outros. O Chico Lopes também trabalhava conosco na época, o Chico tentou ajudar nesta crise do Edmar, não conseguimos, com o pessoal da Fazenda e a minha vinda para o IBGE se deu logo no meio de uma greve, porque nós estávamos vivendo, por causa dos congelamentos, por causa da moeda nova, nós tínhamos greves o tempo todo. Paralisa o tempo todo dos funcionários públicos. Os funcionários das fundações, porque o IBGE, CNPq eram como se fossem empresas públicas, eles eram fundações, eles não eram servidores públicos. Então tinha plano de carreira próprio, tinha salário próprio, então uma greve do IBGE era a greve de uma empresa pública. Assim como a greve do Banco Central.

H.B. – Um pouco como a Casa Rui.

E.N. – Um pouco como a Casa Rui, mas hoje todos são funcionários públicos, mesmo sendo fundação eles entraram por... Porque a constituição de 88 criou a ideia do regime jurídico único, então saiu todo mundo das fundações e autarquias e passou para regime jurídico único. Estas greves começaram a ser uma atividade brutal da presidência do IBGE e eu acho que a minha formação acadêmica ajudava muito. Porque você tem um treinamento em Ciência Política, você tem um treinamento em conflitos, e ajudou muito a entender aquela encrenca que se dava e essas greves começaram a se repetir até que houve uma decisão do... O João Sayad saiu, não era mais ministro, tinha entrado no lugar dele o Aníbal Teixeira, que também havia saído posteriormente, e o ministro nessa época era o João Batista de Abreu, que em uma reunião em Washington em algum lugar lá qualquer com... Eles chegaram à conclusão que era preciso quebrar a espinha dorsal do movimento sindical estatal organizado. E para quebrar a espinha dorsal era preciso demitir as pessoas exemplarmente. E aí foi uma situação interessante, porque o Delfim Netto, na época, dizia: “Bom, vocês podem até tentar. Eu enquanto estava no governo militar tentei e não tive o menor sucesso. Se vocês vão tentar, vocês vão quebrar a cara onde os militares quebraram”, que era acabar com o movimento sindical organizado. É interessantemente esse adernamento à destra, à direita do governo Sarney. Tinha do lado contrário o SNI [Serviço Nacional de Informações] e todos os estrategistas da área militar, que diziam: “Os camaradas da política não estão entendendo nada. É hora de negociar, é hora de acompanhar esses movimentos.” E aí eu fiquei no IBGE em uma situação completamente ambígua, tinha o vice-presidente da República, o Marco Maciel, que era a favor da negociação. Tinha o general, presidente do SNI, como é que é o nome dele? Eu vou lembrar o nome dele. Tinha o general, presidente do SNI. Nós vamos ter que descobrir o nome...⁶ Me chamava para conversar e disse: “Olha, eu vou.. Você vai resistir até o fim. Se você for demitido, que eu acho que você será em algum momento, você vai ser o primeiro a saber. Eu vou te avisar daqui que você vai ser demitido.” Então é a coisa mais estranha do mundo, você vinha dos Estados Unidos, brigando com o governo militar, foi para a rua contra o governo militar, chega no Brasil, os civis querem correr atrás de você e são os militares que te...

⁶ Ivan de Sousa Mendes.

H.B. – Seguram. [risos]

E.N. – Que dizem: “Vá fazer, negociar com os sindicatos porque a realidade é outra.” Então, eu fiquei um tempão nessa pressão entre grevistas e...

H.B. – Mas esse é um lado interessante para a gente ouvir porque no fundo é, é um intelectual na política. Quer dizer, isso, isso cria e muda o lugar e cria um tipo de tensão que a gente não conhece na vida acadêmica, digamos.

E.N. – Não, você não só não conhece na vida acadêmica como...

H.B. – O que é que acontece? Altera a posição ou você olha de uma maneira diferente ou revê o que pensava. Como é que você vê?

E.N. – Olha, eu acho que o poder altera por completo a perspectiva e, como já disseram, muito poder altera ainda mais rapidamente. Nós tínhamos muito poder. Nós mudamos a moeda do país, ou seja, é uma equipe que mudou a moeda do país e que tinha entrado... Porque essa equipe toda tinha sido escolhida pelo Sarney, pelo Sarney não, pelo Tancredo. Esses ministros não eram ministros do Sarney, eram ministros do Tancredo. Então era um grupo muito ligado ao PMBD, essencialmente ligado ao PMDB e o poder altera, ou seja, a gente vive em reuniões, em discussões que são... Pareceriam marcianas para você três meses antes. Você imagina eu estou em dezembro, em Berkeley, na rua, contra a vinda do Figueiredo e estou em março, em quinze de março no Palácio do Planalto. É meio que uma passagem muito rápida, então altera. Mesmo com uma formação acadêmica, com uma formação intelectual, você tem um outro aprendizado, porque tudo você entendia sobre a política brasileira é mais ou menos verdade e mais ou menos não é bem do jeito que você pensava. Primeiro, não é toda estrutura do setor público que é corrupta, tem estrutura que trabalhou para o governo militar, mas continua mantendo a decência e tudo mais. Tem uma estrutura completamente corrupta e ao mesmo tempo você descobre que tem um aparelhamento do setor público pelos políticos. O IBGE era um alvo enorme disso. O IBGE tinha 15.000 empregados.

H.B. – Mas não é um instituto de pesquisa? Não se protege disso?

E.N. – Não, você não tinha o que a gente na gramática política chamaria de insulamento burocrático, não. As coisas que estavam protegidas eram as coisas que eram essenciais para o estado. O IBGE é uma... Era uma rotina que, como você era presidente de uma coisa da qual você tinha poder de contratar e demitir, ele era completamente administrado por interesses políticos. Eu não sabia disso. É outro aprendizado. Eu não sabia disso, que alguns deputados me procuraram para dizer. O primeiro que me procurou foi Álvaro Valle. Você veja, já morreu. O Álvaro Valle disse: “Cuidado, porque isso aí é um vespeiro de empregos políticos. Todo mundo emprega gente no IBGE no Brasil inteiro. Você tem milhares de municípios, você tem praticamente uma agência do IBGE em cada município do Brasil. Você imagina um cabide de emprego mais interessante do que isso?”

Juliana Souza – Facilita, não é.

E.N. – Emprega o cunhado do prefeito, o genro, onde for, está certo? E podia nomear à vontade. E no governo Sarney ele sabia usar *perfeitamente* bem essa estrutura de patronagem e clientelismo quando não era ele próprio que usava no Maranhão para povoar as coisas que ele precisava lá. Isso criava uma, além dessas greves, por exemplo, que eu sei que era a frente sindical da batalha. Você tinha a frente técnico-política que era moeda, índice de preços e pesquisas do IBGE e você tem uma frente política que é empreguismo, clientelismo e *difícil* porque eram pilhas de pedidos. Cartões e pedidos, telefonemas, visitas de congressistas, visitas de deputados locais, visitas de gente do estado do Rio, dos outros estados que queria nomear... Por exemplo, uma briga permanente era saber que eram o delegado do IBGE no estado, o IBGE tinha um delegado em cada estado. Então isso era um assunto político, que é... Os coordenadores do IBGE, assunto político. Coordenadores locais, assunto político. Até recenseadores...

H.B. – Não era concurso, era nomeação.

E.N. – Não era concurso, porque era uma empresa você não [inaudível] quem quisesse. Só virou nomea... Concurso depois do... Eu não sabia o que fazer. O Álvaro Valle tinha me avisado ele dizia: “Olha, ele chamava a gente no Palácio e dizia as empresas nas quais a gente podia

contratar e dividia o número de empregos. Os militares faziam isso com frequência. E eu comecei a perceber que o Álvaro Valle estava me dizendo uma coisa que era verdadeira. Por sorte, na época eu conhecia bem o Miro Teixeira, que é um craque em política, um homem correto. Eu falei: “Miro, eu estou enlouquecendo. Eu não sei o fazer. O que é que eu faço? Eu estudei isso tudo, mas não sei o que fazer.” Ele falou: “É porque você não entende nada de política mesmo. Político não precisa que você nomeie, ele precisa da resposta. Então é o seguinte, de hoje em diante você pode dizer não para todo mundo. Não precisa nomear ninguém que eles pedirem, mas não deixe de responder ninguém. Porque eles precisam do seu cartão com a sua assinatura, dizendo: ‘Caro congressista fiz tudo o possível, da próxima vez...’ Eles... Com esse cartão ele se explica com o chefe político dele. Ele não precisa do emprego, ele precisa do cartão.” O diabo de deputado chegou na hora certa.

H.B. – Menos dois mil. [risos]

E.N. – Menos dois mil. O Miro Teixeira chegou na hora certa. Ou seja, aí eu comecei a aprender que a linguagem política, da patronagem, ela tem o emprego e tem a gentileza da troca, da economia simbólica do processo político, não é isso? Então cartões lindos assinados para todos os deputados com “Da próxima vez...” Pronto, isso diminuiu um pouco da tensão.

H.B. – Mas a greve continuava.

E.N. – As greves continuavam e a *Presidência* da República tinha o seu rescaldo pessoal ao qual você não podia dizer não, que a ordem do presidente da República, e na época a *família* do presidente da República, pessoas ligadas a ele que queriam nomear pessoas, normalmente um monte delas no Maranhão, você não tinha como dizer não. Às vezes vinham levas de 20, 30 e aí por isso que estragava essas instituições técnicas, porque o IBGE tinha cinco diretorias, Geotécnica... Geodese e Cartografia, Estudos Econômicos, Administrativo e Informática. A Geodese e Cartografia plenamente técnicas, projeto Radam, imagens de satélite. Índice de preços e pesquisa, técnico. Informática, técnico. Essa diretoria de Informática era a maior diretoria da casa. Ela era tão inchada que você não tinha onde botar as pessoas todas para trabalhar porque todo mundo que eles mandavam contratar você lotava na diretoria de Administração. Tanto é que nós começamos com... Quando o Edmar entrou tinha mais de 16

mil, quando eu entrei tinham uns 15 mil, quando eu saí já tinham uns 12 mil funcionários. A gente conseguiu, ia diminuindo. Mas essa luta clientelista mostra que nem órgãos técnicos como esse se protegem adequadamente em um contexto dessa... As greves continuavam e aí quando elas foram piorando e aconteceu uma coisa estranha que nós, por isso que eu acho que o SNI tinha razão, eles: “Nós temos que começar a administrar a relação com os grevistas porque vai haver uma hora vai haver uma crise, na qual eles não vão conseguir sair. Se eles não conseguirem sair pode ter um bater de cabeças que não interessa a ninguém.” Exatamente o que começou a acontecer. Os meninos faziam greves, assembleias muito pequenas com pouca representação, as greves ocorriam e eles tinham demandas que às vezes você não conseguia atender e eles não conseguiam sair da greve. Então esse impasse eu assisti, que era um impasse complicado porque as pessoas não estão contrárias, você é a favor de parte das demandas e não consegue sair da greve. Alguns partidos viram isso antes. O Partido Comunista viu isso rápido. Procurou formalmente dizendo: “se tiver que demitir, demita e a gente fica com você”. Eu não acreditava neles, porque eu achava que é mentira, eu não ia demitir as pessoas. Aí veio uma ordem de demitir dez funcionários no primeiro dia de greve, vinte no segundo, essa ordem foi dada à Petrobras, Banco do Brasil, IBGE, Banco Central, várias estatais. Que eu me lembro de ter me reunido com os presidentes das estatais no Rio, já que eu havia concluído, aí volta o cientista político, eu havia concluído que o abismo sindical do governo estava na Avenida Chile, que era em torno dali, BNDES, IBGE, aqui que se fazia o movimento sindical brasileiro. Furnas... Então como eu entendia que o inferno astral, o triângulo das bermudas da política sindical estatal era no Rio de Janeiro, eu tentei criar um pequeno grupo de presidentes das empresas que estavam aqui para ver se – Dataprev – para ver se a gente conseguia trabalhar junto as greves, mas não conseguimos e veio a ordem, de demitir dez no primeiro, vinte no segundo. Aí eu comecei a me insurgir, porque eu já tinha visto isso na ocupação da França, não é isso: mata o alemão, mata dez franceses. Eu digo: “Esse negócio parece ocupação francesa, não vou fazer.” E ao não fazer, (deixa ele)⁷. Ao não fazer eu decretei que eu ia ser demitido, porque o SNI me avisou de manhã e disse: “Olha, não passa de hoje. Se prepara que você vai ser demitido até de tarde.” Quatro horas da tarde mais ou menos, puseram no Jornal Nacional, demitido o presidente do IBGE porque se recusou a demitir os grevistas. Então foi uma

⁷ Neste momento da entrevista, o entrevistado estava referindo-se ao ventilador, quer dizer, solicitava que o deixassem deixá-lo ligado na posição onde estava.

passagem de uns dois anos, que ela tem uma série de desdobramentos interessantes. Primeiro, eu era funcionário do Ipea, então eu queria voltar para o Ipea como pesquisador. O ministro lá que deu a ordem, a quem eu desobedeci, não queria que eu voltasse, mandou me apresentar para trabalhar em Brasília, então já tinha uma confusão infernal, porque eu já estava no Rio de Janeiro, como que eu vou me apresentar em Brasília? Então aí volto eu para o mundo da política. Encontro Rafael de Almeida Magalhães e digo: “Rafael, eles estão me botando de volta.” Ele disse: “Eu sou secretário de cultura, eu te requisito.” O Rafael me escondeu no governo estadual até passar a crise lá e eu poder vir para o Ipea de volta. Anos depois, veja só, eu estou no Conselho Nacional de Educação. O Conselho Nacional de Educação é que delibera credenciamento em universidades, credenciamento de centros universitários, começa a ligar para a minha casa, não outro que José Sarney, para falar comigo e eu não atendia. Ele ligava para cá, eu disse que tinha saído, ligava para casa, eu disse que não estava, e ele até que pôs a chefe de gabinete dele, Emília, que era minha amiga de muito tempo para falar comigo. Disse: “Olha, o presidente quer falar com você.” Ele era presidente do Senado. “E ele acha que você não quer falar com ele.” Aí eu disse: “Está bem, então eu falo com ele.” Aí me liga e me trata como se... Ela falou: “Olha, ele mandou dizer que essas questões políticas brasileiras na cultura política brasileira...”

H.B. – São assim mesmo.

E.N. – “Não deixam mozza. Não é para deixar mozza. Ele fez o que tinha que fazer, você fez o que tinha que fazer, você saiu bem. Vocês não têm nada um contra o outro.” E aí passei a conversar com ele com certa frequência. Fui à casa dele algumas vezes. Um homem educadíssimo, finíssimo, te esperava vestido de jaquetão, educado... É um circuito, não é? Do militar ao civil, de volta ao civil, ou seja, é um aprendizado sobre traços da cultura política e traços da cultura tecnocrática que você conhece à distância, mas de dentro eles têm uma cara diferente.

H.B. – Isso muda a maneira de pensar a... A ciência social, o que você tinha feito, a teoria que você tinha trabalhado na sua tese, que resultou nesse livro⁸?

E.N. – Não, a teoria não. Muda a sua perspectiva sobre como ver o mundo, desde a ideologia até as emoções porque você... A gente é educado para ver o mundo através das suas divisões ideológicas, dos seus conflitos, ou das emoções que levam aos conflitos e você começa a entender que esse mundo se articula exclusivamente em torno dos interesses, que o resto da conversa é enchimento, porque as pessoas se arrumam em torno dos interesses e não em torno dos valores. Comecei a perceber... Então muda alguma coisa, porque eu pensava que os valores eram mais estáveis. Comecei a perceber que os valores funcionam em função dos interesses da época. Aí eu me dei conta que eu sabia disso. Que era um dos livros, alguns livros, que eu carregava comigo, que era o livro do Albert Hirschman chamado *From passions to interests* [*The Passion and the Interest*].

H.B. – Das paixões aos interesses.

E.N. – Das paixões aos interesses, em que ele mostra exatamente quando você... Que a domesticação das paixões e dos valores é quando o capitalismo... Aliás, o subtítulo é: razões para o capitalismo antes da sua vitória, não é isso? Então você começa a entender... Aí o livro fica mais claro.

H.B. – O que precisa o capitalismo para ter, para ser vitorioso.

E.N. – Para ser vitorioso. É você se articular em torno dos interesses e não das paixões ou não das ideologias. Então obviamente, uma coisa é você ler isso. Outra coisa é o Sarney, que te demitiu no Jornal Nacional, ligar para a sua casa e ele próprio dizer: “Não tem moossa. Não é para deixar marca, nós fizemos o que tivemos que fazer.” Olha, isso é um aprendizado notável. Isso vale para vida em quê? Ah, eu acho que vale muito. Primeiro você domestica um pouco as suas emoções e as suas lutas mais virulentas com relação a valores, não é? Você relativiza

⁸ A publicação a qual se refere é “*A gramática da política do Brasil: clientelismo e insulamento burocrático*”, livro publicado pelo entrevistado em 1997 pela editora Zahar.

muito alguma coisa. Não que você perca os valores, os valores fundamentais, mas eu acho que as emoções que vem junto com eles ficam *muito* relativizadas pela ideia de que sempre é possível uma negociação ao fim e ao cabo de interesses. Foi isso que o Partido Comunista tentou me ensinar lá atrás e eu não tinha aprendido, lá na época do IBGE, que são os velhos políticos que endentem as relações de interesses. Quer dizer, essa ideia desse pragmatismo, que é anfótero, como dizem em Química, ele reage com sal e base, ele tanto faz, eu acho que é um aprendizado vital porque ele não é só acadêmico, ele impregna, eu acho, que ao seu jeito de olhar o mundo. Ele tira algumas aflições, eu acho. Tira algumas urgências. Ele cria um certo cinismo. Ele não precisa te deturpar a personalidade, mas eu acho que cria uma visão que a gente não tem na academia, porque a gente tem embates por ideias, não é isso? Por preferências. E as ideias são adaptadas aos interesses.

H.B. – Talvez porque a política tenha que lidar com regularidade, com instituição e nem um processo desse tão regular suporta essa ida e vinda de...

E.N. – De tensões e de...

H.B. – De emoção.

E.N. – De amores e paixões.

H.B. – É. Tão fortemente.

E.N. – É. Além disso... É exatamente isso e, além disso, tem uma outra coisa, que é que é em torno dos interesses que você faz coalisões e alianças, em torno dos valores. O que é estranhíssimo. Aliás, a melhor aula disso foi dada pelo PT após 2003, não é isso? É em torno dos interesses você faz coligações. Veja, esse pragmatismo ele, o aprendizado dele, é tão natural que a mim não scandalizou o que o PT começou a fazer em 2003. Ou seja, hoje as pessoas estão fazendo essa crítica dizendo ficou pmdbizado ele estava perfeitamente preparado para isso em 2003 e em torno desse...

H.B. – Por isso escreveu a carta, não é.

E.N. – A carta aos brasileiros. A carta, você sabe que a carta aos brasileiros, nós... O embaixador brasileiro na Espanha levou uns camaradas aqui para discutir com os investidores. Os camaradas estavam comprando as telefônicas, tinham comprado tudo aqui e vai entrar esse maluco? Nós passamos três dias na Espanha conversando com investidores europeus para acalmá-los e eles não se acalmavam. Eles, aí com... Para você ver o nível de nervoso que dava se o governo fosse um governo à lá Chavez, um governo ideológico. Eles queriam saber: “Os juízes são nomeados ou são de carreira? Há como interferir nas cortes? Um presidente novo pode derrubar os juízes? Pode derrubar os tribunais? Pode mudar o Supremo? A ordem jurídica vai funcionar?” Quando eles te começam a te fazer essas perguntas, você tem ideia da magnitude do problema de você mudar o olhar de um país do tamanho desses. Mudar um elefante desses no meio da trajetória. Daí a carta aos brasileiros, que é a ideia do Palocci, não é isso?

H.B. – Mas, Edson tem um incômodo nisso, porque se a mensagem é que nenhuma política se faz desconsiderando os interesses você pode imaginar então que todo processo político é igual. Você pode chegar a uma conclusão também um pouco melancólica de que política é assim mesmo. Tem como...

E.N. – Não, porque os interesses são divergentes. Porque é o seguinte, os interesses incluem o seu cálculo de reeleição. Tem pessoas cujo cálculo de eleição depende de uma política distributivista, depende de incorporar o Bolsa Família, depende de você se voltar para combater a pobreza de fato. Ou seja, mas isso aí é, são valores importantes, ninguém pode ser contra, não há ninguém que seja contra isso, mas as pessoas custaram a descobrir o valor político disso também. Ou seja, embora a esquerda tivesse esse valor em si, ela não imaginava que ela podia fazer esse valor usando recursos públicos para dar bolsas individuais para milhões de pessoas simultaneamente. Ora, isso é uma forma de interesse, não é só valor. Quer dizer, os interesses servem perfeitamente a uma variada gama de valores, mas você não precisa fazer política tudo igual, porque veja, se você pegar a...

H.B. – Mas eu posso ler isso ao contrário. Eu posso ler com um governo que é tão comprometido do ponto de vista dos valores com a distribuição, que criou uma estratégia política e acabou resultando em um interesse muito bem-sucedido.

E.N. – Isso.

H.B. – Não é? Então, você não descartou os valores aí.

E.N. – Você não descartar... É isso o que eu estou dizendo, você não descarta os valores, você faz uso dos interesses em função de valores, mas esses valores também estão associados à sua probabilidade da vitória política.

H.B. – Sim.

E.N. – Ele não é vazio. É um valor simples e é uma economia de troca. Porque você veja, os mesmos valores adaptados aos grupos que, que acham que a sociedade deve ser baseada em valores exclusivamente individuais, portanto você não deve ter política de proteção, são valores também. Ou seja, você quer proteger a iniciativa, o capitalismo selvagem, não é isso? O espírito indômito dos capitalistas são valores também e esses valores também têm recompensas tanto monetárias, financeiras, quanto também eleitorais. Então eu não acho que a política seja toda igual, mas se você não entender que os valores são permeados por interesses substantivos dificilmente, às vezes você faz uma política de valores. Porque se a política de valores não desse, não pagasse de volta, olha o incentivo que você teria para fazer o que o governo do PT acabou fazendo, que é de fato gastando uma parte pequena de dinheiro, porque é pouco dinheiro, para fazer esse massivo processo de incorporação contra o qual ninguém hoje consegue ser... Está certo?

H.B. – Ninguém pode retirar.

E.N. – É. Não, e ninguém pode dizer isso é imoral, isso está errado. Isso não está errado. Além de não estar errado, isso não está errado, é barato. Mas se é barato e não está errado, que raio...

H.B. – Porque é que ninguém fez?

E.N. – Não fizeram isso antes. É um negócio que estava aí, está certo. É porque os outros valores não eram compatíveis com a ideia de que você deve proteger alguém. Você deve educar o sujeito se for possível, mas deixa ele por conta dele. Então veja, tem valor na base disso. Ou seja, tem valor não. Tem valor, tem visão de mundo ideológica e substantiva na base desses interesses, não é isso?

[interrupção]

E.N. – Eu estou começando a falar a dar volta, fomos parar lá na frente.

H.B. – Não, não. Você saiu do IBGE e volta para, para... Fica ainda no Rio um tempo, mas depois você não volta a Brasília?

E.N. – Não.

H.B. – Não mais?

E.N. – Não mais. Eu voltei a Brasília em em postos transitórios. Eu fico... Eu fiquei... Eu fui para o Ipea é... Veja só, eu vim parar de volta na Candido Mendes em 88. Por uma razão simples eu conhecia o Candido de longa data.

H.B. – Essa é uma pergunta que eu ia fazer, porque a Candido Mendes é muito permanente nisso tudo, não é?

E.N. – É. Eu conhecia o Candido desde a década de 70 por causa do Iuperj. O Iuperj sempre pertenceu à Universidade Candido Mendes. Eu era diretor do Iuperj, portanto tinha um relacionamento com ele. Mas eu reencontrei o Candido, veja só, por causa do Plano Cruzado, de novo: não só era responsável pela parte de orçamento pela fase, pela área leve da economia, não é, cultura ciência e tecnologia como no Plano Cruzado eu era responsável pelos ajustes de preços também da área leve. A área leve é educação, creche, plano de saúde, colégios, consórcios, cursos de inglês, etc. Nós dividíamos um pouco o acompanhamento disso e eu

fiquei com isso. E quem me aparece no meu gabinete? Candido Mendes, que era presidente da Associação Brasileira de Mantenedores do Ensino Superior, e foi lá por causa do reajuste porque estava tudo congelado. Então voltamos a conviver, o Candido passou lá algumas vezes. Isso meio que reativou, reativou um convívio. Quando eu vim para o IBGE eu me lembro de ver o Candido na plateia, na minha posse. E quando eu saí do IBGE, no outro dia ele me procurou convidando para ser diretor-geral da universidade porque achava que a minha experiência... A universidade precisava de um diretor-geral, por isso eu vim parar aqui de novo em 88. Mas eu vinha para cá depois do expediente no Ipea. Fiquei ligado ao governo de que maneira? Logo em seguida, ainda no governo, acaba o governo Sarney, começa o governo Itamar é... Logo assim que o Collor sai, o Itamar traz um ministro do Planejamento chamado Alexis Stepanenko e o Stepanenko me conhecia, me convidou para ser secretário de Planejamento, em Brasília. Eu disse que não poderia voltar a Brasília e ele pediu que eu fosse representante do Ministério do Planejamento no Rio de Janeiro. Então eu ficava aqui como representante, ali no... – tinha um gabinete aqui no BNDES – e eu ia a Brasília sempre que precisava. Então eu fiquei meio que na ponte aérea durante o governo Itamar. Mais tarde, no começo do governo Fernando Henrique, eu já... Eu tinha começado a me dedicar a questões do Estado, reforma do Estado, as questões das greves do setor público, já estava escrevendo sobre modernização e reforma do Estado quando o Bresser vira ministro e o Moreira Franco é eleito deputado federal e assumiu a responsabilidade pelo plano de reformas do Estado. Então o Moreira Franco me pede para ajudar a fazer uma coisa que era ter uma relação com os movimentos sindicais estatais organizados, que tinham aprendido a gostar de mim porque eu não... Eu saí do IBGE por não os demitir e o que é pior eu fui nomeado... Eu fui eleito vice-presidente dos sindicatos dos funcionários do Ipea depois que eu saí. Eu me lembro que o Britto que era o porta-voz do Tancredo, o Britto dizia: “Isso é um atestado de bons modos morais perfeito. O sujeito sai da direção e é eleito para o sindicato. Você não precisa de atestado de bons antecedentes. Isso é tudo o que você precisa.” Então o Wellington, o Moreira Franco pediu para eu fazer reuniões com os movimentos sindicais estatais organizados para discutir reforma do estado. E começamos a fazer isso no Rio e em Brasília. E o Bresser Pereira, ao contrário, que estava do lado do executivo discutindo as reformas, conhecia o livro da gramática política, gostava das coisas que eu discutia, me pede... Então eu fiquei meio que indo para lá e para cá durante uma parte do governo, durante o primeiro governo Fernando Henrique. E logo no final do segundo governo, eu fui nomeado para o Conselho Nacional de Educação.

Aí me deu mais dez anos, ou seja, mandato de quatro anos nomeado pelo Fernando Henrique primeiro e pelo Lula em seguida. Então eu fiquei nessa ida e vinda entre 88 e 2010. Sendo que em alguns desses anos eu praticamente morei em aeroportos ou em hotéis em Brasília. Então eu não voltei mais lá, mas fiquei indo e vindo.

H.B. – Indo e vindo.

E.N. – Ou seja, minha *season* acho que com o governo, no Estado, acabou em 2010. É muito longa.

H.B. – E muito recente também.

E.N. – É.

H.B. – Edson, o Conselho Nacional de Educação é um capítulo à parte nessa trajetória toda. Pelo menos de um ponto de vista. É... Porque é dentro do Estado, mas lida com uma questão muito mais direta de regulamentação, de autorização, de desenho da política educacional brasileira. Como é que você foi parar lá e o que é que você...

E.N. – Sempre a mesma coisa. É sempre por causa de um artigo de um livro ou de alguma coisa. Como eu estava dizendo outra vez, eu sempre tentei transformar a atividade em objeto de estudo. Quando eu vim parar aqui na Candido Mendes em 88, eu tive que começar a lidar com o governo federal, cuja área educacional eu só conhecia porque eu fazia o orçamento deles, mas eu não conhecia a parte regulatória. Não era uma coisa que eu conhecesse. Comecei a conhecer, comecei a ver as dificuldades e comecei a estudar isso. Nessa época o Banco Mundial queria fazer um documento sobre a reforma do ensino superior no Brasil. O Edson Machado, que veio a ser depois do Ministério da... Que tinha sido presidente da Capes. O Edson me recomenda e diz: “Falem com o Edson Nunes que eu acho que é o sujeito que está estudando ensino superior.” Aí o *paper* do Banco Mundial permitiu que eu consolidasse o que eu vinha estudando. E aí escrevi, no começo, na década de 90 comecei a escrever sobre isso, sobre as disfunções regulatórias, sobre a confusão entre Estado, setor privado, porque o Conselho *Federal* de Educação, que era a figura antecedente ao Conselho Nacional de Educação, havia

sido fechado pelo Itamar por suspeita de corrupção. E não era uma suspeita infundada. Aquilo ali era um...

H.B. – Que caiu de podre.

E.N. – É. Aquilo ali era um balcão de... Mas ele podia ter investigado mais do que fazer o gesto teatral de fechar. O gesto teatral é... Murílio Hingel, que era o ministro, quis muito fazer isso. Então quando refazem o Conselho Nacional de Educação... Ele é recomposto em 96. Com a LBD eu acho, eu acho que é 96... Ele é recomposto em 96. Eu já vinha escrevendo sobre essas funções e no começo do ano 2000 eu fiz um texto mais longo que é esse *Teia de relações ambíguas*, que era um manuscrito sobre o fato de que o Estado brasileiro não sabia lidar com a regulação, não sabia lidar o setor privado. Ele que já havia criado um setor privado por estímulo próprio desde o governo militar para antagonizar em seguida, porque tinha uma loucura, uma esquizofrenia institucional e uma dissonância cognitiva entre, como é que você estimula um negócio depois você vira, contra? E escrever sobre isso e escrever que o estado brasileiro não tinha achado o jeito de lidar com os órgãos regulatórios – que eu vim fazer depois um livro sobre agências reguladoras. Esse texto foi parar, que eu dei na mão da moça que era presidente do Inep e secretária do Ensino Superior, que era Maria Helena Castro e a Maria Helena falou: “Eu quero publicar isto.” E me chamou lá e disse: “Você vai para o Conselho Nacional de Educação, será nomeado por nós, por sua independência.” Eu achei estranho, é...

H.B. – Mas você foi como membro do Conselho.

E.N. – Isso. Não tem outro jeito.

H.B. – Não. Mas não é a presidência. Depois...

E.N. – Não a presidência, você é eleito pelos seus pares.

H.B. – Pois é. Isso é depois.

E.N. – Ela falou: “você precisa entrar em uma lista”. Porque é o seguinte: o Conselho era nomeado tinha uma porção de entidades, sindicatos, UNE, mantenedores, clube que cada um indicava três representantes para a câmara o ensino superior, três para a câmara de ensino básico e o presidente da República escolhia a partir dessa lista tríplice. O Ministro da Educação levava isso e o presidente da República nomeava. Ela pediu: “você entra em uma lista e você será nomeado.” E eu achei que tinha entrado na lista da Social Democracia Sindical, da SDS, e fui embora, esqueci disso. Estou em casa, me liga a Maria Helena dizendo: “Mas Edson, não pedimos para você entrar em uma lista, nós estamos aqui fazendo a nomeação e seu nome não está nas listas.” Eu disse: “Claro que está.” Ela disse: “Não está?” “Você está aonde?” Ela estava viajando, eu tive que mandar o fax, da cópia que a Social Democracia Sindical me deu, indicando o meu nome. Eu mandei o fax para ela, ela me ligou de volta e falou “Roubaram isso aqui no Ministério.” Ou seja, fechar o Conselho por corrupção não era exatamente uma coisa esquisita, porque dentro do gabinete do ministro, eles trocaram aqueles papéis. O Paulo Renato ficou uma arara com aquilo, tentou descobrir. Depois viemos mais ou menos a entender quem tinha feito isto, que era um empresário educacional que tinha um candidato próprio, trocou as listas para botar o nome. Então, você veja o nível de interpenetração de interesses e aí por conta disto o Paulo Renato resolveu que eu seria nomeado sem estar em lista nenhuma. Foi a primeira vez que nomearam pessoas fora da lista de recomendação.

H.B. – E não deu confusão isso?

E.N. – Não, não deu. Tem umas coisas que eu não devo contar em vídeo porque o... nomearam... Aí o Paulo Renato como já ia me nomear, nomeou uma representante dos movimentos negros.

H.B. – Paulo Renato, ministro da Educação.

E.N. – Ministro da Educação. A Petronilha, que era uma antropóloga, professora da Universidade Federal de São Carlos, nomeou uma representante dos indígenas para câmara de educação básica. E me nomeou sem nada. Ao que os amigos dizem o seguinte: “Você...” Disseram lá: “Você tem que escolher a qual das minorias você pertence. Porque vieram índios, negros, e o senhor representa qual minoria?” Obviamente queriam me colocar na conta do

Feliciano, não é isso? Representava gays, lésbicas, transexuais e não sei das quantas. Então, essa é uma piada que ficou porque não havia acontecido antes nomeação de pessoas fora dessas listas.

H.B. – Quer dizer que você foi Benedito Valadares uma vez.

E.N. – Não é isso? Nomeado? Pois é. Fui nomeado. Fui interventor, não é isso?

H.B. – “Então presidente qual dos oito?” “O nono.” [risos] Mas enfim, e você entra e o que é que era diferente do Conselho das outras experiências que você tinha antes?

E.N. – Primeiro, era um órgão esquisito. Porque as reuniões eram secretas, as reuniões eram fechadas. E entramos uma meia dúzia de pessoas que não estávamos acostumados com este jeito com que eles vinham praticando essa coisa desde 96. E era muito estranho porque você ia para as reuniões, era em uma sala pouco maior que essa, 12 pessoas: as secretárias, a gravação, os microfones e pilhas de processo desse tamanho para você aprovar. E era um modo de vida muito estranho porque os processos eram sorteados para relatores diferentes. São processos que valem milhões de reais. Virar centro universitário, virar faculdade, virar universidade, você... Nós acompanhamos a dificuldade que foi com a Fundação Getulio Vargas a gente fazer os cursos da Fundação, não foi isso? E os processos a gente não via. O relator pegava o processo, falava sobre o processo, relatava e pedia para você votar. E nós, que éramos os novos, nós falamos: “Nós não podemos fazer isso. Ou vocês deixam a gente ler esse negócio ou vai ser...”

H.B. – Vocês só liam o resultado do [inaudível] estava lá.

E.N. – Você não lia era nada. Você não lia nada. O relator relatava o processo e as pessoas votavam. Obviamente eu imagino que eles faziam esses acertos antes da reunião: quem vai votar, quem não vai. Com os novos, nós que entramos em 2002, 2003, a gente fez uma confusão que primeiro ocasionou que todos os conselheiros recebessem cópias dos processos para que pudessem discutir e analisar e em seguida já havia, tinha havido um escândalo horrível antes de eu entrar que levou à saída do Giannotti. O Giannotti era do Conselho Nacional de Educação.

Levou à saída do Giannotti por causa da transformação da universidade, da... Duas universidades, a Anhembi Morumbi de São Paulo e da Uniban de São Paulo, em Universidade. O Giannotti achou que aquilo era um escândalo e se demitiu e saiu. Por conta disso, a gente começou a fazer uma pressão, e conseguimos, que todas as reuniões passassem a ser públicas, o que foi uma grande vantagem. Então logo em 2003, logo no começo, o Conselho Nacional de Educação deixou de ter reuniões privadas, fechadas e passou a ter reuniões públicas. O que faz uma enorme diferença porque você tem uma plateia, você tem gente, quem bem quiser pode participar daquilo. Então essa, ou seja, a entrada no Conselho...

H.B. – Participavam?

E.N. – Não, as pessoas não têm direito a voz. Elas tinham direito a assistir.

H.B. – Sim. Podiam... Isso criou um público?

E.N. – Criou um público *permanente*. Um público de representantes de universidade, de proprietários de escolas, de consultores, de professores de... Ou seja, um público permanente está lá nas reuniões o que tem uma vantagem, não é, cria um... Isso é uma forma de controle social. Então, a perspectiva que tive ao entrar no Conselho foi muito esquisita. Porque... Como é que você vai se comportar em um negócio desse jeito? E parecia natural que fosse assim. Então, uma vez transformados em reuniões públicas eu acho que teve um... Ou seja, é aquele negócio, que o melhor detergente é a luz do sol, não é isso? Teve uma abertura e eu nunca tive, nunca tive... Você tinha boatos o tempo todo sobre troca de dinheiros, influências e isso sempre me deixou perplexo, porque eu nessa época eu comecei a perceber que a UNE participava dessas coisas. Eu achei estranhíssimo porque às vezes você era convidado para jantares rituais com os *grandes* titulares das *grandes* universidades, os *grandes* negócios educacionais, você vai no papel formal de conselheiro e está a presidente da UNE, diretores da UNE. Eu nunca entendi aquilo. Eu havia sido presidente de diretório eu não ia a jantar de ninguém. [risos] Me recusava a conversar com qualquer pessoa daquele negócio, “que tivesse mais de 30 anos”, não é isso? “Não vou, não converso.” Está lá aqueles meninos sentados, hospedados em hotéis cinco estrelas, participando das conversas. Daqui a pouquinho um casou, o dono da faculdade foi padrinho de casamento.

H.B. – Mas é porque é que iam?

E.N. – Porque eu acho que a UNE se ofereceu para ser cooptada. A UNE se ofereceu para se transformar em uma entidade semi honesta, meio corrupta, meio vendida para interesses, meio vendida para algumas facilidades, que essa gente podia dar – recursos de viagem, não sei das quantas. Porque iam? Eu não faço *ideia*! Eu só sei que eu sempre achei aquilo completamente ofensivo. E se eles faziam isso durante o governo Fernando Henrique, durante o governo Lula eles faziam a mesma coisa com o sinal trocado, está certo? Com o sinal trocado. Ainda continuavam lidando com os empresários privados, mas também se vendiam, se entregavam à vontade pela cooptação do governo do PT. Então o CNE me deu uma nova perspectiva de vida sobre como é que é a articulação de interesses econômicos, processo decisório e me deu a clareza de que o Ministério da Educação ainda não fez a remota ideia do que está acontecendo, porque eles criaram um setor econômico novo, chama-se Setor educacional com finalidade lucrativa, e não sabem o que fazer com ele, não o que regular. Hoje metade da educação superior, mais da metade já é toda ela com finalidade lucrativa. Não, com fim lucrativo, porque privada ela sempre foi, 75%. Só que com finalidade lucrativa o governo inventou a partir da década de... Do ano de 2000, não existia. Era igual ao Chile, não existia entidade lucrativa no setor educacional. Ou eram sem fins lucrativos, ou eram filantrópicas, ou eram fundações, como a Fundação Getulio Vargas. Então criaram um novo setor, que cria... De novo, um intelectual olhando, cria uma nova arena de conflito político, uma nova arena de interesses. Porque essa nova arena fica grande, poderosa, adquire um poder no Congresso, hoje tem uma frente de representação do ensino superior privado no Congresso que congrega mais de 10% do total de congressistas. Deve ter 60, 60 e poucos deputados afiliados a isso. Portanto, cria uma arena política mesmo, cria uma nova arena de interesses, um novo... Um novo modelo de articulação política para a criação de uma, por assim dizer, uma indústria nova no Brasil.

H.B. – Quanto pesa sob o Conselho? É uma força poderosa.

E.N. – É... O Conselho... Quanto pesa em termos de participação?

H.B. – De decisão, de... De conseguir alterar...

E.N. – O governo tem conseguido fazer com que o setor privado seja sempre minoritário ou quase inexistente. Porque é que eu fui nomeado? Uma das razões para eu ter sido nomeado é para evitar que entrasse um mercantil comum, ou seja, você põe um intelectual, autor de uma entidade sem fins lucrativos, o setor privado não pode dizer que quer é mais um cargo. Já tem um cargo ali que é do setor privado, mas você garante que não seja alguém que seja alguém que não seja consultor do setor privado. Então eu, por exemplo, eu acho que eu ocupava um lugar – e no governo Lula foi a mesma coisa – eu ocupava um lugar que evitava que entrasse...

H.B. – Um pior.

E.N. – Um pior. Não é muito elogio para mim, não é isso?

H.B. – Não, não. [risos] Mais arriscado. Nesse sentido, de pressão.

E.N. – Mas, sempre, sempre, sempre o setor privado consegue fazer um ou dois conselheiros. O governo sempre procurou evitar que exista uma pressão, uma participação muito grande.

H.B. – Mas não pode, por exemplo, ter claro isso? O Conselho não pode ter uma representação do setor privado maior do que x percentagem.

E.N. – Claro, isso vem ficando de uma maneira não dita. Sempre tem dois ou três associados ao setor privado, em um total de 12. Já aconteceram quatro ou cinco, mas é raro. No governo Lula isso mudou um pouco mais porque o Fernando Haddad ficou tão aborrecido com a pressão dos interesses comerciais, que ele fez uma revisão da lista, até fizemos juntos com ele isso, alguns amigos. Tirar da lista todos os interesses particulares, tirar sindicatos, tirar sindicato patronal, sindicato do empregado, CUT, tirar todo mundo e deixar só entidades educacionais e acadêmicas, que foi uma mudança boa. Uma mudança boa. Ou seja, a lista ficou depurada para ter um significado mais acadêmico. Ah... E eu fui eleito, dois anos depois eleito para a Câmara Ensino Superior, que era uma raridade, porque não era suposto de pessoas associadas ao setor privado serem eleitas. Antes de mim, apenas um sujeito tinha sido eleito, mas ele era reitor da PUC de Salvador. A PUC não qualifica muito como setor privado, não é, a PUC é meio... E

também quando eu fui eleito presidente do Conselho Nacional de Educação, só tinha havido um, eu acho, que tinha sido, que vinha egresso do setor privado.

H.B. – Mas talvez o nome mais associado a um empreendimento privado fosse o do Candido e não você.

E.N. – Pois é, mas o nome do Candido era um problema, porque o Candido tinha uma briga enorme com o Fernando Henrique, a vida inteira. Eles tiveram... O Candido a vida inteira teve uma certa, sei lá, dificuldade de relacionamento com ele. E da primeira vez que eu não fui nomeado, o Fernando Henrique brincou, falou: “Avisa ao Candido para não brigar comigo não, que eu não nomeio as pessoas da universidade dele.” Mas era uma brincadeira porque ele me conhecia desde, desde Berkeley. Mas então o Candido meio que não era uma ajuda muito boa.

H.B. – Pois é. Por isso, eu estou dizendo. Quer dizer, não estranho que você possa ter sido eleito porque essa identificação era...

E.N. – Ah entendi.

H.B. – Entendeu?

E.N. – Entendi. Pois é, mas aí eu acho que tem uma vantagem da posição do intelectual. De novo, a gente volta para o começo da sua pergunta. Eu acho que tem uma vantagem sobre a posição do intelectual. Não é apenas um professor que está lá, nem um dirigente educacional, porque lá tem sempre muitos reitores, ex-reitores de católicas, ex-reitores de federais, mas são pessoas que tem trajetória de gestão. É muito raro ter pessoas com trajetória intelectual. Você teve a Eunice Durham, mas a Eunice foi porque ela era secretária do ensino superior, que tinha lugar cativo. Você teve o Giannotti... Se você olhar na trajetória do Conselho, não há muitas pessoas claramente identificadas com a trajetória acadêmica... O Jamil Cury da Câmara Básica, que é claramente um intelectual. Mas não muitos, não muitos associados com trajetória acadêmica. Eu acho que o simples fato de eu ter uma trajetória acadêmica, de ter uma produção acadêmica e ter uma extração de natureza acadêmica também relativiza isso um pouco. E eu depois descobri que os grandes conglomerados do setor privado, tem uma lista de pessoas na

cabeça deles, que são as pessoas que apoiam o setor privado, as pessoas que são contra e os independentes. O Simão é um. O Simão é independente, eu sou independente, o Cláudio Moura Castro... É a lista que você podia imaginar.

H.B. – João Batista.

E.N. – João Batista. Está certo? É a lista que você podia imaginar. Então, quando você é colocado nessa posição de independente, eu acho que... Primeiro, é bom que seja assim. Segundo, o próprio governo se tranquiliza sabendo que tem ali uma pessoa que não é... Que não tem um lado sistemático. E acho que foi isso que me trouxe de volta ao Conselho, porque você só pode ser reconduzido uma vez. E eu fui nomeado de novo pelo Lula, por interferência *pessoal* do Fernando Haddad, que era o ministro do PT, claramente associado ao PT. E eu não esperava muito ser reconduzido até um seminário em Londres onde estávamos eu, o reitor da PUC, o Ronca, e o Fernando Haddad e o secretário dele Ronaldo Mota. O Haddad começou a conversar sobre as nomeações. Perguntando opinião ao Ronca, que era do Conselho e a mim. Ficou claro naquele jantar que ele estava me tratando como uma pessoa que ele tinha interesse em nomear. Aí ele falou: “Você vai ser nomeado porque os grandes conglomerados chegam e querem e me botar nomes aí eu falo, está bem. Você quer o seu nome? Eu vou tirar o Edson, aí eles falam: ‘Não, não tira o Edson.’” Porque era melhor ter um independente talvez... O Fernando falava isso rindo porque ele entendeu como é que é esse jogo de interesses de novo.

H.B. – Sim.

E.N. – Aqui dentro da... Então, foi uma experiência... Oito anos.

[FINAL DO ARQUIVO I]

H.B. – Edson esses dez anos, praticamente, de Conselho, somado à reflexão que você já tinha sobre formação, sobre ocupações e... Deve ter te dado uma noção muito clara do que são os cursos de graduação. Onde é que o Brasil tem isso, onde está melhor, onde está pior. E voltando um pouco para o nosso campo aqui da entrevista, como é que você vê os cursos de Ciências

Sociais, por exemplo, nessa sua experiência de ensino superior? Se você tivesse que dizer, como estão hoje os cursos de Ciências Sociais, o que é que um jovem deveria adquirir em um curso? O Brasil está muito longe de uma coisa interessante, está perto, é desigual? Que avaliação você tem? Dessa nossa área? Ciência Social no sentido mais...

E.N. – É, mas você não consegue fazer uma avaliação dessa sem ter um *steal over* sobre as outras. Porque você vê, o Brasil fez escolhas estratégicas sobre o ensino superior da qual ele não vai poder voltar atrás. Você fez a escolha por um modelo francês, português, de profissionalização precoce, ou seja, é meio que da universidade napoleônica, porque Napoleão queria formar técnicos, mas não queria formar cientistas para não encher a paciência dele. Nem grandes intelectuais. Então a ideia de uma formação profissional precoce, é uma ideia originalmente francesa e parte do continente copiou, Portugal copiou e o Brasil entrou *direto* nisso. O Brasil entrou tão rápido a ponto de que, acho que Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, talvez a de Salvador, que são faculdades antigas, na ausência do regimento, eles usavam o regimento da escola francesa, em francês e tudo, enquanto não havia um regimento local. Exatamente. Então veja, a escolha por levar os meninos de 18 anos a uma escolha profissional talvez seja irreversível e eu acho que é um modelo ruim porque o modelo francês, apesar da crítica que se faz à escolha de Napoleão, o modelo francês tem uma virtude que dificilmente... A Alemanha tem virtude, difícil, outros países têm, é um ensino secundário de classe mundial. É um ensino secundário maravilhoso. Quando você acaba aquele *bacalaureat* você está preparado de fato talvez para ter uma... Mas mesmo a França está recuando nisso por causa do Pacto de Bolonha. Os Estados Unidos fizeram uma coisa meio que diferente. Fizeram o ensino secundário uma porcaria, esses meninos não sabem nada, nós não vamos fazer profissão na graduação. Vamos dar a eles uma formação genérica na graduação. O Brasil meio escolheu o pior de dois mundos. Tem um ensino secundário de quinta categoria e escolheu uma profissionalização precoce muito cedo. E aí, isso deu origem a uma das outras características cruéis do Brasil em que os interesses se transformam rapidamente em corporações, corporações se transformam rapidamente em sindicatos, que rapidamente conseguem uma lei no Congresso. Então veja: a política educacional brasileira hoje, o MEC, não adianta, você não enfia na cabeça dele, ela é feita no Congresso e não no MEC porque qualquer conjunto de interesses... – os sociólogos conseguiram regulamentar a profissão – qualquer conjunto de interesses

razoavelmente competente consegue extrair do Congresso uma lei de monopólio profissional. Advogados, médicos, sociólogos...

H.B. – Jornalistas.

E.N. – Jornalistas e tudo mais. Então veja, o fato de que existem leis que dão, criam direitos corporativos, criam barreiras de entrada, em algumas áreas, é um problema complicado. Como no Direito e em Administração, Contábeis... Agora a encrenca dos médicos é parte disso, os odontólogos, Psicologia. Nas Ciências Sociais a coisa é mais flexível, porque a cara profissional do cientista social é muito precária no Brasil. Mas, ao mesmo tempo, a qualidade ainda não é muito relevante, para curso nenhum. Porque a diferença de remuneração do camarada que só tem o diploma secundário e o camarada que tem o diploma superior é de tal ordem cavalgar, ou seja, o prêmio educacional no Brasil... Tem poucos países que tem um prêmio desse tamanho. A Itália tem, mas o Brasil tem um prêmio tão cachorro, que não interessa a qualidade do ensino que você tenha tido.

H.B. – Tem que ter o diploma, não é?

E.N. – Qualquer diploma vale. Ao mesmo tempo é o seguinte, você ainda tem um prêmio etário muito grande. Na medida em que a gente envelhece, o salário aumenta, mas não aumenta nas licenciaturas. Nas licenciaturas o salário é mais ou menos estável ao longo da vida. Então veja, essa escolha de profissionalização precoce cria um dilema para as Ciências Sociais porque, de fato, elas não correspondem a uma profissão muito clara. Elas correspondem a um campo de saber, mas ao mesmo tempo você empurrar os meninos nesse campo de saber aos 18 anos, já com a ideia de que tenha alguma profissionalização no futuro, você tira da educação o valor intrínseco. Você põe na educação o valor profissional. Porque uma das outras coisas que os americanos e os ingleses conseguiram fazer – e aí tem muito mais a ver com protestantes e com puritanos – é a ideia de que educação tem um valor em si mesmo. Ela não precisa ser aplicada, ela vale porque você está educado, está certo? Tanto é que as primeiras escolas não servem para nada. Tem escola de religião até ciências abstratas. A ideia de que a educação tem um valor em si mesma, é absolutamente destruída pela escolha, pelo padrão de escolha brasileiro,

porque não é para ter valor, é para ter profissão, é para ter diploma. Então isso tem impacto em todas as profissões, inclusive nas Ciências Sociais, porque se você tinha...

H.B. – Quase que sobretudo, não é? Ela própria deveria ser a mais...

E.N. – Mais a aberta a isso. E você tem... Ela foi durante o governo militar, ela foi quando isso era uma área de estudos de oposição, não é isso? De jovens opositores e sonhadores. À medida que deixa de ser, você começa a ter regulamentações, você tem coisas que são monopólios dos sociólogos. Mas ainda são muito fracos. Você veja, você tem uma regulamentação sobre pesquisa eleitoral que exige a presença do estatístico, mas não exige a representação do sociólogo. Porque o sociólogo é fraco. Então se você olhar no TRE tem que ter um estatístico associado à pesquisa, não tem que ter o sociólogo. E se tiver o sociólogo, não substitui o estatístico. E esses monopólios, por exemplo, eu durante um tempo o DataBrasil, que é um instituto associado aqui, fazia pesquisa de opinião eleitoral e variada, pesquisa de opinião, prestou consultoria durante muitos anos sobre pesquisa de opinião e nós publicávamos, nos jornais, alguns resultados de pesquisa e alguns tinham tabela, umas tabelas. Algumas tabelas tinham algumas estatísticas básicas. Uma ou outra tinha uma estatística mais sofisticada. Eu fui autuado pelo Conselho Federal de Estatística porque eu... Essas corporações, veja, elas não só têm uma lei, quando você cria uma lei para elas cria-se uma autarquia federal. Autarquia federal, se você olhar, ela tem o símbolo da República e tem autoridade. Ele te autua como autoridade! Ele vem aqui e lavra um ato de infração. Veio um fiscal do Conselho Federal Estatístico aqui e autuou o DataBrasil por invadir a área profissional...

H.B. – Uso indevido dos números.

E.N. – Uso indevido dos números. E aí a obrigação que eu tinha assim, ou eu contrato um estatístico ou para de fazer. E ele veio me informar aqui e disse olha: “A Fundação Getulio Vargas já aceitou. Já botou um estatístico lá nas pesquisas deles.” Eu fiquei tão aborrecido com isso que eu fui parar lá no Conselho de Estatística, obviamente, todos são ex-funcionários do IBGE, então eu já conhecia muitos deles. “Eu vim aqui perguntar a vocês onde é que acaba o direito meu e onde é que começa o de vocês. Medida de tendências central. Pode? Pode. Média, mediana, desvio padrão, isso tudo pode? Pode.” Agora vamos começar...

J.S. – O que é que não pode?

E.N. – “Regressão múltipla, análise de regressão, pode?” Então assim, o que é que é... Onde é que acaba... Porque o seguinte, veja só, eu tenho uma moça que é matemática de formação, estatística no mestrado, professora da Faculdade de Estatística. Eles não abrem, ela tem que ser graduada em estatística. Ela é graduada em matemática, não vale. Então eu estou descrevendo o inferno astral do ensino superior. Então é o seguinte, como é que não vale? Ela não forma... Seu filho se for estudar Estatística, não é ela que vai estudar? Mas é o diploma de graduação. Ele falou: “É igual a esse Pedro Malan, empulhador, que diz que é economista, mas não, o Pedro é engenheiro. Ou o Regis Bonelli, ou o José Serra, nenhum desses é economista.” Então você tem... Ou seja, quando a definição é dada pelo diploma de graduação é um inferno astral você dizer o que é que vai fazer com os cursos de Ciências Sociais, porque você não tem um valor intrínseco. Vamos estudar, porque vamos estudar, não sabemos em que vai aplicar. Nós vamos estudar porque eu quero aplicar em alguma coisa. Tanto é que a Fundação⁹ e outros órgãos estão achando saídas, estão achando concentrações. Arte e cultura, política e produção cultural, porque os meninos acharem que tem uma aplicação. Porque Ciências Sociais sozinhas... O diploma da Fundação sai sem nada, mas o diploma dos outros sai com a ênfase. A Fundação sai bacharel em Ciências Sociais. Os outros sai bacharel em Ciências Sociais.

H.B. – [inaudível] Relações Internacionais.

E.N. – Política e Produção Cultural, Relações Internacionais, etc. Então, veja, isso é um abastardamento da universidade de tal ordem que não tem muita saída. E você não consegue falar para o menino assim: “Você não precisa saber o que você vai fazer até os 23, 24 anos.” Primeiro que isso talvez fizesse sentido quando a expectativa de vida era de 50, 55 anos. Hoje a expectativa de vida de um menino de 18 anos é 90. Portanto, ele ainda tem...

H.B. – Está cedo demais.

⁹ Referia-se à Fundação Getúlio Vargas

E.N. – Cedo demais para tomar qualquer escolha, não é isso? Então eu acho que os cursos de Ciências Sociais eles estão com uma dificuldade, por causa desse modelo brasileiro e porque você não consegue mais ensinar os fundamentos das Ciências Sociais. Ou seja, as pessoas não... História das Ciências Sociais ninguém ensina, ou clássicos de fato nas áreas é difícil você consumir. É difícil você dar uma base disciplinar vasta para que as pessoas possam escolher a aplicação lá na frente. Ah, obviamente o perfil sócio econômico dos estudantes também mudou muito. São estudantes que não vem de uma formação muito sofisticada no ensino médio, portanto eles têm dificuldade com os textos, com textos complicados.

H.B. – Ampliou muito, não é?

E.N. – Tem meninos aqui que não... Tem uma professora que me contava esses dias que os meninos não conseguiam ler o livro de Introdução ao Direito porque eles achavam que era muito complicado. Aí ela ficou irritada, leu o livro em voz alta e perguntou: “O que é que tem de complicado aqui?” O camarada falou: “Quando a senhora lê eu entendo, mas quando eu leio, eu não entendo.” Quer dizer, em voz alta ele conseguia entender, mas a capacidade de apreensão e de leitura...

H.B. – É mais oral.

E.N. – Então você veja: cria uma dificuldade muito grande para você ler os clássicos. Nesse ponto você não tem um currículo, não precisa ter porque você tem diretrizes curriculares nacionais para Ciências Sociais, cada curso faz o que quiser, mas a gente não tem mais o hábito de ler os grandes livros. Os meninos não têm que ter erudição e eu acho que isso é um defeito da universidade brasileira que não tem solução. O impacto sobre Ciências Sociais talvez seja pior do que o impacto nas outras profissões, porque nas outras, você ensinar ele a mexer no estetoscópio, ou mexer no Código Civil e fazer umas contas de contabilidade o cara dá conta do recado, mas em Ciências Sociais eu acho que tem uma complicação e aí ela piora nos mestrados e doutorados, que estão dando consequência à mesma concepção exigindo que você tenha um tema de tese cedo, um tema de dissertação cedo...

H.B. – Isso tudo tem que acontecer em dois anos no mestrado.

E.N. – Ah, por causa das bolsas?

H.B. – E tudo tem que acontecer em quatro anos no caso do doutorado.

J.S. – É, mas é uma defasagem que vem do ensino médio, não é?

E.N. – Pois é.

J.S. – Eles já sabem do ensino médio não sabendo interpretar um texto adequadamente.

H.B. – Pois é, mas eu estou dizendo, essa orientação do mestrado que não é do nosso tempo.

E.N. – Não.

H.B. – Já é uma reformulação.

E.N. – Mas de novo, isso é a captura, veja só, além da captura pelas corporações...

H.B. – É levar às últimas consequências isso.

J.S. – Esse modelo que [inaudível].

E.N. – Mas aí você tem que agradecer à Capes.

H.B. – Claro.

E.N. – Você tem que agradecer à Capes, porque a captura dos programas pela maluquice o tempo pelo qual você dá a bolsa e dá taxa de bancada para a PUC e para os outros e dá a bolsa para o estudante e a forma pela qual você avalia o desempenho dos professores é uma correlação altíssima entre apertar o estudante e você ter um número de graduados no seu curso de mestrado. Então eu acho que vem piorando, a ideia das bolsas vem piorando. Ou seja, a

ideia da Capes com essa estrutura de produtividade vem piorando. E aí ela tem várias consequências deletérias que se seguem a ela. É de que o seguinte: nenhum sujeito de pós-graduação, nenhum professor de pós-graduação que queira continuar ali e que queira manter a nota do seu programa, vai conseguir dar aula na graduação durante muito tempo. Ele consegue fazer uma coisa ou outra, mas a pressão é de tal ordem para produzir, revista indexada, revista do tipo tal, etc, etc, que *naturalmente* esse sujeito é empurrado para uma área de investigação que faz com ele não queira lidar com a graduação. Então a ideia é desgraçada. E você veja, são desses mantras, além de você ter isso tudo você tem a miserável da Constituição que diz que pesquisa e ensino e extensão são...

H.B. – Indissociáveis.

E.N. – São indissociáveis. Não só elas são perfeitamente dissociáveis, com o governo está forçando a dissociabilidade. Separando estratos, por meio das bolsas do CNPq, por meio das bolsas da Capes.

H.B. – Quanto dessa discussão habita a rotina do Conselho? Quer dizer, isso é uma discussão que tem eco no Ministério?

E.N. – Bom, isso é outra... Isso é outra frustração. Não, o Conselho é um órgão burocrático. Ele é desenhado para frustrar qualquer intelectual que apareça lá. A não ser que você transforme aquilo em objeto de estudo e faça um livro. Então, cada vez, cada problema que você tem, você ao invés de fazer um parecer, você estuda, ver como é que os outros países... Eu acompanhei o processo de enlouquecimento da Marilena Chauí no CNE. É engraçadíssimo porque a Marilena é aquela mulher... – agora deu azar com esse negócio da classe média – mas a Marilena é uma mulher combativa, doida para fazer discussões fundamentais. Foi nomeada pelo Lula, que tem o maior apreço por ela, para o Conselho Nacional de Educação. Eu já estava lá quando a Marilena veio. Mas ela veio para reformar o sistema educacional brasileiro e ela veio... Você não faz ideia do que a Marilena ia fazer, e ela achava. Inclusive as primeiras entrevistas...

H.B. – Mas, explicitava?

E.N. – Explicitava. Mas é o seguinte, é normal que você... Se você tivesse na França você ia achar que era uma coisa que você tinha razão e tem um conselho de Estado na França que faz isso, tem discussões a fazer. No Brasil você despacha processo. Processos e trâmites. Processo, parecer, processo de autorização de... Você é um cartório. E a Marilena fez as grandes entrevistas e a... E é muito ruim essas entrevistas porque, mais ou menos, é como alguns petistas falavam, mais ou menos assim: “Antes de nós era uma enorme bola de fogo, vieram os dinossauros. Aí chegamos nós e a gente vai domesticar a terra, não é isso?” É um pouco desse discurso. [risos] Antes de tudo era uma enorme bola de fogo e eu vim aqui para dizer o que esse Conselho deve fazer da vida. Cada vez que eu vejo esse discurso que... Depois dos dinossauros viemos nós, [risos] que é um discurso político muito típico, não é isso? [risos] É o que o Bresser fez no prefácio do meu livro *A Gramática Política*, se você olhar, ele diz: “Esse livro do Edson é muito bom, mas não vale nada, porque nós acabamos com o clientelismo, com o corporativismo. Antes de nós é que tinha essa porcária, nós acabamos com isso tudo.” Bola de fogo, dinossauro, não é isso? [risos] Igualzinho ao PT depois. Então, rapaz eu fiquei olhando o discurso da Marilena, mas é o seguinte. Ela é uma pessoa de boa paz, ainda bem. Quando ela viu aquele monte de processo. Tinha que fazer parecer. Aquilo é um inferno e ela quase não consegue terminar. A gente conseguiu ajudar, ajudar a fazer pareceres para que ela ficasse, mas as reuniões são as coisas mais chatas. Eu conheço um que foi embora no primeiro dia. Foi nomeado para o Conselho Estadual de Educação. Ele sentou lá, puseram uma pilha de processos desse tamanho e ele falou: “Pois eu não vou voltar mais aqui.” E foi embora. Chamado Simon Schwartzman, nunca mais voltou. [risos] Ele falou: “Não volto, eu não vim aqui para fazer essa porcária, para relatar processo.” Mas então, as instituições no Conselho são muito primitivas. São muito primitivas e elas são pressionadas por um processo de avaliação do MEC que é igualmente primitivo. Vocês conhecem isso. Vocês viram que a Fundação Getulio Vargas, eu discutia com eles lá. Eu digo: “Mas como é que vocês mandam alguém avaliar o curso de História da Fundação Getulio Vargas, se essa gente que vai lá possivelmente estudou nos livros que a Fundação Getulio Vargas fez? Vocês estão falando com as pessoas que escreveram os livros onde [inaudível] possivelmente vocês estudaram, onde os alunos de vocês estão estudando. Como é que vocês vão avaliar aquela gente?” Não adianta, entra por um ouvido e sai pelo outro. Ou seja, deixa de fazer o curso que eles quiserem de uma vez e pronto. Então, veja, você tem um sistema de avaliação que é completamente caolho. Você tem um sistema que é só de trâmites de processos. E ao mesmo tempo você tem um sistema em

que o Conselho é o órgão recursal, tudo o que o MEC diz não cai lá, para analisar se está certo ou se está errado. E agora vai piorar inclusive, com esse novo instituto que estão criando. Então a...

H.B. – Que instituto?

E.N. – Instituto Nacional de Supervisão, Avaliação e Regulação do Ensino Superior [Instituto Nacional de Supervisão e Avaliação da Educação Superior], chamado Insaes, que é uma agência reguladora que está em trâmite no Congresso, já foi aprovado em comissão. Vai sair. É um pedido do MEC para criar um instituto nacional, uma agência reguladora para o ensino superior. Vai acontecer. Vão criar 500 cargos técnicos burocráticos, uma carreira enorme. Um instituto caro que vem aí para tirar do Inep o resto de função que o Inep tinha, para tirar do Inep a função de avaliação. Então vai haver uma agência reguladora. Ou seja, essa... De novo: o Brasil criou esse setor industrial privado de ensino superior que tem 75% das matrículas. Às vezes até 80% das matrículas. Ora, obviamente os processos desse setor ocupam a vida do MEC por completo. Porque o setor federal não precisa. A universidade pública já nasce com o nome de universidade no dia em que a lei é aprovada. Pode não ter nada lá, mas já é universidade. E eles não dependem de regulação, eles fazem o que quiserem. A regulação, portanto, a regulação só existe para o setor privado. A avaliação do setor público é mais ou menos irrelevante também porque não tem impacto sobre o setor público, porque ele oferece ensino gratuito, portanto, ele sempre terá uma demanda altíssima de alunos de boa qualidade. Então veja, o Conselho Nacional de Educação e a Secretaria de Regulação do MEC vive por conta dessa indústria que o governo criou, indústria privada de ensino superior. Portanto os processos... Olha o... Eu te dou o número, eu tenho o número de processos. Eu tenho tudo isso ali. Processos por ano são, é... Você passa três dias lá, você vota 35, 36 processos. Mais ou menos 12 por dia. 12 por dia, você tira oito horas de trabalho, mais umas horas que você tem que trabalhar particularmente com outras pessoas, você veja, você passa... É um processo atrás do outro, julgando e discutindo e votando. Não há tempo para uma conversa conceitual. E se você quiser, como a Marilena queria, fazer discussões conceituais, as pessoas não têm paciência, naturalmente, porque têm um monte de processo que tem que despachar. Em segundo lugar, as pessoas não estão preparadas para isso, porque elas são gestoras. É um ex-reitor com um ex-administrador, um padre não sei de onde. As pessoas não têm essa... Porque

não é um conselho de Estado à lá francesa, que tem lá os seus grandes intelectuais para discutir isso.

H.B. – Para pensar a ideia da educação. A gente não tem isso.

E.N. – Não. Não só não tem, como o MEC odeia a ideia de que exista o... Veja só, o governo brasileiro odeia qualquer independência. Agência reguladora independente. “Não gostamos.” O Lula dizia isso: “Isso é a terceirização do estado brasileiro.” Tanto é que eles acabaram com a independência das agências durante um tempo. Conselho Nacional de Educação, tem que depender do ministro. Então ele não tem voz, o Conselho Nacional de Educação depende de que o ministro homologue cada deliberação sua. Caso contrário, ele não tem voz porque ele não é um Conselho de Educação, ele é um órgão assessor dos caprichos do ministro. Nós conseguimos, em uma época, de um acordo que eu fiz com Fernando Haddad de nós começarmos a ter voz autônoma. Então havia algumas súmulas que o Conselho definia e a gente assinava e elas tinham valor. Demorou duas semanas para eles cassarem isso. Porque obviamente você não sabe se eu podia ter feito aquilo, ou se aquilo era atribuição do ministro. O jurídico deles rapidamente achou que eu estava exorbitando, e eles não estavam errados, eu estava mesmo para poder ver se criava uma voz mais autônoma. Então o Conselho é um órgão... Todos os conselhos brasileiros, se você pensar, eles são órgãos sem autonomia pronta.

H.B. – Que referendam, não é?

E.N. – Que referendam. As agências reguladoras são o mais próximo que você tem porque elas são ouvidas. A nomeação dos diretores passa pelo Senado, mas de novo, as coisas quando começam a voltar a passar pelo Senado você tem a captura política na ponta. Lá no Senado. Então você começa a brigar por um bom dirigente. E o governo Lula acabou de estragar isso porque negociou as diretorias das agências reguladoras no Brasil inteiro. Entregou a ANP, é do PCdoB, entregou a outra agência não sei a fulano e fulano. Então veja, na *teoria* do governo brasileiro sobre a sua relação com o Estado, na sua relação com a sociedade, essa teoria não contém a ideia de que possa órgão autônomo. Primeiro porque eles acham que autonomia é igual a soberania, o que é uma besteira. Autonomia poderia ter um significado muito importante. Então...

H.B. – Isso é uma particularidade do estado brasileiro, isso é mais latino-americano ou isso é da lógica de poder?

E.N. – Olha, o modelo de agência reguladora nós copiamos dos Estados Unidos, mas não copiamos ele por inteiro. As agências reguladoras americanas têm um volume de independência muito grande, mas elas são órgãos que prestam contas ao legislativo e não ao executivo. Isso faz uma diferença, porque no legislativo é claro onde há briga de interesses. Porque o legislativo permite que fique claro onde cada um está. Quando você é regulado pelo governo a briga de interesses meio que fica sumida porque aquele diretor daquele ministério ele é de que lado dessa equação de mercado *versus* regulação? É muito difícil. Se quando é supervisionado pelo Congresso, você tem uma taxa de autonomia maior, portanto nos estados Unidos você tem uma regra, uma regra regulatória que no Brasil não foi feita, um regime regulatório. Nós criamos as agências, mas não criamos a constituição das agências. Tem uma lei para cada agência. Portanto, o Lula quando quis dizer que elas eram a terceirização do Estado... E no começo do governo aconteceram seminários importantes sobre isso. Eu estava acabando aquele livro, a Dilma era ministra de Minas e Energia, eu acho, participava tecnicamente de maneira muito competente sobre o arcabouço de agência reguladora. Então, eu acho que a brasileira e a doença latino-americana é um pouco mais acentuada do que doença anglo-saxã, que é mais compatível com supervisão legislativa do que nós. O legislativo não reservou para si nenhuma supervisão. E eu acho que ele não quer. Sabe por quê? Porque se você vai fazer isso você vai ter funções de Estado e o legislativo, de fato, é composto por um monte de vereadores federais que precisam de negociar emendas e portanto uma função de Estado no legislativo ainda não se constituiu. E é uma doença brasileira e uma doença que a gente pode dizer que é latina porque se você olhar em volta, você não tem um modelo de autoridade independente do Rio Grande para baixo, do México para cá. Na Europa você tem, nos países nórdicos tem. Ou seja, é possível você ter órgãos de Estado que não sejam órgãos de governo nem órgão da sociedade que respondam à sociedade, óbvio, como o Estado tem que responder e respondam ao Congresso. Nós não chegamos lá, nem o CNE é isso e nem as agências reguladoras são isso.

H.B. – Edson, desse trajeto todo, a gente já falou disso, você mantém, com a Candido Mendes um vínculo desde 88, bastante permanente, já faz muito... Você quer falar um pouco da experiência, por exemplo, do DataBrasil, que é uma...

E.N. – O DataBrasil foi uma tentativa de fazer aquilo que talvez tivéssemos feito no Iuperj lá na década de 70.

É um Iuperj técnico, um órgão técnico de pesquisa aplicada, não é pesquisa acadêmica. E então fizemos pesquisa muito interessante. Fizemos pesquisas sobre propensão a pagar da ponte, do pedágio da ponte Rio-Niterói. Um estudo econométrico, você entrevista pessoas ... Vai perguntando quanto vale aquilo, faz uma enorme matriz de regressão com aquilo tudo e vê onde é que está cruzado melhor propensão a pagar para calibrar pelo preço da ponte, por exemplo. Fizemos a mesma coisa, propensão a pagar pelo uso da água, que é uma discussão importante. Se a água... Fizemos estudos lindos sobre o Paraíba, desde o nascimento do Paraíba até a chegada dele aqui. Então, além dos estudos, então intere... Fizemos estudos sobre turistas ali... E fizemos muito estudos sobre pesquisa eleitoral. Estivemos no olho do furacão, logo no começo do governo Garotinho, não é? A gente fez toda a campanha da primeira eleição do Garotinho e nós estávamos muito empolgados com o DataBrasil fazendo isso, mas essa empolgação durou uns dois ou três anos. Talvez cinco anos. Eu acho que a fase produtiva do DataBrasil, de estar na rua... E fizemos muitos estudos sobre o carioca. O que é que carioca pensa, quem é o carioca. Fazíamos muitas coisas associados com a Vejinha, publicava muita... Cansou rápido. Porque, primeiro não tem desafio intelectual em pesquisa aplicada, é uma pesquisa muito rotineira, mas isso não era um problema, porque você tem meninos que aprendem a fazer isso muito rapidamente e a gente faz isso rotineiramente como uma fábrica, [inaudível] de produção. Eu... A desistência se deu por causa dos políticos, porque aí nos períodos eleitorais nós ficamos completamente consumidos por pesquisa eleitoral. Um monte de político que vindo, vendo resultado, contratando e junto com pesquisa eleitoral, junto com políticos, prefeitos, vereadores, deputados, vem uma porção de cheque sem fundo e a gaveta... [risos] E aí você começa a perceber o seguinte. Eu não vou lidar mais com isso. Lidar com uma coisa que não tem desafio intelectual, lidar com pessoas que, cujo resultado para elas é o seguinte: se o resultado não for o que eu quero é porque a pesquisa de vocês não é boa. Aí eles perguntam: “Vocês passaram na rua tal, lá na rua tal eu tenho muitos votos. Aposto que vocês

não perguntaram as pessoas da rua tal.” Depois de um par de anos, isso te cansa porque a estrutura política brasileira é *tão* primitiva, que não dá pra continuar.

[Interrupção]

E.N. – Quer dizer, então, houve um desestímulo para a gente continuar e o DataBrasil foi se, foi se deixando de fazer essa parte prática, começou a fazer mais alianças e convênios com órgãos de governo e devagarzinho meio que se estabeleceu como uma fundação de apoio da universidade. Cuidando de cursos de pós-graduação, fazendo convênio para cursos de pós-graduação que hoje é uma caixa meio vazia, que é como se fosse um Nuseg¹⁰, uma fundação de apoio da universidade. Ou seja, fez um ciclo da produção até a inação. Não decepciona muito não, não decepciona muito não. Eu acho que é muito difícil manter um instituto desses sem uma das duas condições. Uma, ou eu vou ser estritamente de mercado e vou servir o empresário e vai fazer isso e viver disso, como a Sensus fez, como a Vox Populi fez, são institutos razoavelmente novos, como o Instituto do Alberto, que saiu da Fundação, foi para São Paulo. Quer dizer, o Instituto Análise fez, a Fundação tentou, também não progrediu, não é isso? Ou você vira estritamente empresarial ou você tem que estar associado a alguma estrutura de ensino que dê estabilidade. Portanto, eu acho que faz sentido em um instituto como o Iuperj, ou uma coisa como o CDPOC ou nos cursos, você ter um componente de pesquisa de opinião, de pesquisa, mas aí você precisaria eu acho, que precisa a realimentação do ensino. Então eu acho, ou tem empresa, ou tem um misturado com o meio do caminho que era o nosso, que era nem empresa, nem ensino eu acho muito difícil institucionalizar.

H.B. – Quer dizer, ele se mantém como essa...

E.N. – Como uma caixa vazia, uma fundação de apoio. É, mas o grupo que trabalha comigo aqui que a gente criou o Observatório Universitário, que é um grupo de pesquisa, que é uma ONG de pesquisa que se dedica a assuntos, ou seja, pelo menos se dedicou durante esses dez, onze anos em que eu estive envolvido com a questão de regulação e política de ensino superior comparada. O Observatório ainda mantém alguma vivacidade, mas assim... Mas ele só mantém

¹⁰ Núcleo de Estudos Governamentais, vinculado à Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

porque ele não trabalha para ninguém, não faz dinheiro nenhum. É a agenda que a gente faz, quando a gente tem um texto, a gente diz: “Ah, esse texto é do Observatório e põe lá.” Mas então é meio que... Em universidades privadas e vinculadas possivelmente ao mercado só é muito difícil você manter acesa qualquer chama de pesquisa se a universidade vive de mensalidade da graduação, que não é o caso da Fundação.

H.B. – Eu já estou caminhando para você descansar, mas queria te ouvir em duas coisas ainda. Primeiro, a atividade de magistério, a gente falou pouco disso. Como foi a sua experiência, você de fato teve, mas de uma maneira também singular, não é?

E.N. – É foi muito curta. Eu tive a experiência do magistério assim na graduação antes de ir para os Estados Unidos, antes de 77. Ensinava na Faculdade de Economia, Sociologia de Desenvolvimento, que era um pouco Introdução à Economia. E ensinava na Faculdade de Direito, Sociologia Jurídica. Gama Filho, Candido Mendes, Candido Mendes Ipanema, Centro Educacional de Niterói, mas muito breve. Nos Estados Unidos, eu tinha uma posição de professor assistente porque – é uma coisa, também, que não foi desenvolvida aqui – é que há uma política sistemática dos departamentos do doutorado, em ter os doutorandos como professores assistentes, porque eles estão sendo treinados para serem professores. Então eu tinha uma base de apoio de professor assistente nos Estados Unidos, mas também não era muito intensa. Você, às vezes, você discute textos com os alunos, no caso do curso do Fernando Henrique já eram alunos de doutorado, que ajudavam a montar a bibliografia, ajudavam a analisar o texto dos alunos, mas não era uma posição criativa, nem era uma posição docente como talvez possa ser entendido na pós-graduação. E na volta de lá, na volta de lá... Nada.

H.B. – Teve a experiência na Escola de Governo. Aí já é...

E.N. – Ah é. Pois é, mas a Escola de Governo, veja só, nem conto isso. Fui da Escola de Governo durante muitos anos. Mas a Escola de Governo eu já entendia como fato de que era um intelectual misturado com reforma do Estado. Por causa do *A Gramática Política*, claro, e por causa do Bresser Pereira. Mas, é interessante eu não vejo como uma experiência didática, eu vejo como uma experiência de preparação...

H.B. – Formação de quadros.

E.N. – Formação de quadros para o setor público. É muito difícil, eu acho, você resolver essa dicotomia de executivo, empresário – porque agora eu também sou empresário – executivo, empresário e analista intelectual, porque eu tenho impressão que um doutorado, quando você resolve fazer um doutorado integral no exterior, meio que me lembra o trabalho do Celso Castro sobre a caserna. Quer dizer, o sujeito entra à paisana e sai militar, ou seja, depois que ele abre... A discussão que ele faz na tese de mestrado dele, quando você entra naquela porta, você vai lá para dentro e aprende uma porção de rituais. Você aprende cultura, formação, valores. É de tal ordem intenso aquele negócio, você vira uma outra pessoa quando você passa de volta vestido de cadete na porta. É uma imersão meio como aquilo que o Goffman chamaria quase de uma instituição total. Quando você lá dentro você refaz a cabeça. A sensação que eu tenho é que um doutorado residencial como nos Estados Unidos, eu fiz, ele é parecido com a experiência da caserna porque você fica – porque nós ficamos lá até acabar a tese – você fica cinco, seis, sete anos, vivendo na caserna. Você mora com, mora ao lado de estudantes de doutorado. Você mora em uma vila que é de estudantes de pós-graduação, não tem nenhum estudante... Mora em uma vila de apartamentos de dois quartos, portanto todo mundo tem filhos, mas você tem ao seu lado físicos, químicos, biólogos, sociólogos, etc, no seu quarteirão. Então é uma vida voltada para um doutoramento e muito diversa. Quando você vai para a universidade você vive exclusivamente daquilo. Se você passa seis, sete anos fazendo isso, me parece muito parecida com a experiência do cadete que vai virar aspirante. Você refaz a cabeça de tal ordem, que você prepara a sua vida para aquela... Meus colegas de doutorado são todos professores nos Estados Unidos, todos eles... Raro, raro. Tem um de Economia, qual? Que foi para o Banco Mundial. Os economistas, um pouco diferente, porque eles vão mesmo para o Banco Mundial. Alguns ficam na universidade, mas os outros, químicos, físicos, é... Cientistas sociais, todos voltados para a vida acadêmica. Então quando você volta para o Brasil tendo passado por uma experiência de caserna como essa muito intensa, fica meio difícil você fazer um papel novo. Se fosse nos doutorados aqui, eles não são doutorados em tempo integral. Eles não são doutorados de caserna, não são residenciais. Nem os professores, nem os alunos, está certo? São doutorados semi-integrais, nesse sentido. Então a identidade, quando você sai de uma caserna muito forte dessa, ela tem que ser retrabalhada de algum jeito. Eu acho que você não consegue desvestir nunca mais a educação que te deram, que é o fato de que você foi educado

para fazer pesquisa autônoma. Quando eles te dão o título de doutor, é porque estão dizendo: “Você já sabe fazer, você pode treinar os outros.” E esse é único pedaço da identidade que eu acho que eu consegui manter. Porque sempre os meninos aqui em processo de treinamento e em processo de que estão indo para outro lugar depois. Mas a relação com o setor privado exige esse ajuste inescapável. E com o setor público, igualmente... Exceto no Ipea, exceto no Ipea. Porque o Ipea era não é mais. Era um órgão de pesquisa *stricto sensu*. Você ali, se você voltasse do doutoramento e ficasse ali como pesquisador a identidade estava, a identidade estava garantida.

H.B. – E você é empresário do quê?

E.N. – Eu sou empresário do setor educacional. Eu aprendi e aprendi uma porção de coisas e aprendi que eu não podia viver *da* Candido Mendes, porque a Candido Mendes o salário... Eu deveria ter um salário... Eu tenho um salário formalmente, considerado um salário de executivo, compatível com o mercado. Só que eles não pagam, fica lá na carteira, todo mês eu recebo o contracheque, mas não recebo. Então se eu fosse viver disso, eu percebi muito cedo que eu não ia conseguir sobreviver. Por conta da experiência do DataBrasil eu percebi... Por conta da experiência antiga do Iuperj eu percebi rapidamente que você tem valores, que você pode colocar no mercado e conseguir viver com eles de uma maneira adequada. Eu criei um instituto chamado AVM, que fazia, faz ainda programas de pós-graduação e ele se transformou em uma faculdade separada. Tem uma faculdade integrada AVM, fica aqui na Rua do Carmo, da qual eu sou diretor-geral e sou um dos sócios. Tenho dois sócios nessa faculdade. E é uma faculdade bem arrumadinha, bem feita. Tem cursos de pós-graduação robusto. Tem seis mil alunos de pós-graduação, seis mil alunos de pós-graduação e tem mil alunos de graduação exclusivamente de educação a distância. É a única, só tem duas no Brasil que vivem exclusivamente de educação à distância, é uma de Administração de Empresas em Brasília e o AVM aqui. Só tem graduação à distância. Então é o seguinte: dá uma renda, te dá uma tranquilidade, te dá uma independência econômica que te dá uma independência mental de todo jeito. E lidar com educação à distância foi um prazer, porque é um público, tiraram notas altíssimas, tiraram nota quatro e cinco nos exames do ENADE. Aí você vai ver quem são, são... Os alunos de Pedagogia, por exemplo, são mulheres de 35 anos, entre 35 e 40, com alguma carreira que tem a disciplina e a vontade de estudar com a idade madura. Nem um menino de

18 anos fica, é um público muito especial e é um público que primeiro, tem uma parte do público que vai lá porque acha que vai ganhar o diploma, quando descobre rapidamente que aquilo dá mais trabalho do que daria na sala de aula, porque tem que ter disciplina, tem que ter horários, tem que dar conta daquilo, fica um público *muito* interessante na educação a distância, mas não é muito grande. Então veja, eu sou empresário por causa disso.

H.B. – E que cursos são?

E.N. – São Pedagogia, Administração, são bacharelados típicos. O resto são cursos tecnológicos são: Administração Hospitalar, Administração de Recursos Humanos, Processos Gerenciais, é... Eu não lembro os outros. São seis cursos, agora vão acontecer mais dois ou três. Agora em agosto o MEC deve autorizar mais. Vamos ter um total de oito cursos e vamos tentar transformar isso em um Centro Universitário. Será o único Centro Universitário de Educação à Distância do Brasil, cuja existência eu tenho certeza que o MEC não vai permitir. Não vai.

H.B. – Mas, Edson, e o que é que alguém precisa fazer para se matricular? A mesma exigência do curso formal?

E.N. – Mesma exigência do curso formal. As pessoas normalmente acham as informações na internet e os alunos sempre vem por recomendação de outros alunos.

H.B. – Pois é, mas basta ter o ensino médio completo, por exemplo.

E.N. – O ensino médio completo. O diploma do ensino médio.

H.B. – Então você não tem vestibular, nada disso? É uma disposição em fazer?

E.N. – É uma disposição a fazer. Não, mas tem um processo de seleção que não é complicado, é um processo simples, que é um processo de uma redação e uma entrevista. Mas é a redação normalmente que define, e a gente não admite as pessoas que não tenham pelo menos uma capacidade de expressar adequadamente por escrito. Tem gente que acha que a gente não deve fazer isso, que deve fazer o modelo argentino, que a entrada é livre.

H.B. – Faz muita diferença.

E.N. – É. Que a entrada é livre e sai quem puder. Entra todo mundo e sai que puder. A gente está... Achou que não vale a pena isso. Porque é uma trabalhadeira infernal, principalmente em educação à distância. Você meio que aí vira babá dos estudantes. Então você prefere, a gente prefere estudante mais maduro, mais autônomo e independente. Porque é que o MEC não vai deixar? Porque o MEC acha que para você ter, por isso que só tem uma no Brasil, de educação à distância, porque o MEC acha... – duas – o MEC acha que para você oferecer educação à distância, você tem que ter experiência em educação presencial. O que é uma sandice, porque são dois módulos completamente diferentes. [risos]

J.S. – Não faz nenhum sentido.

E.N. – Não, mas para o MEC faz todo sentido. Faz todo sentido. Quero abrir curso à distância. Você tem um presencial pode? Pode. Não tem? Não pode. Mas porque são completamente...

J.S. – São duas coisas completamente diferentes.

E.N. – É. Eu queria falar inglês, mas você só pode saber se você falar francês. Não faz sentido, está certo, então... Eu não sei se vai acontecer, mas esse tipo de coisa entusiasmo porque são disputas de compreensão regulatória. E além dessa coisa de empresário *stricto sensu*, eu sou chamado muito para fazer conferências. Eu consigo, vivo no circuito das conferências, menos hoje, mas vivo em um circuito de conferências e em um circuito meio que de...

H.B. – Muito de imprensa, de formação de opinião também.

E.N. – Quando, é... Cada vez menos de imprensa, cada vez menos de imprensa. Às vezes, mas cada vez menos. Tem gente que é mais voltada pra isso. Eu não tenho muita tentativa de disposição na imprensa. Às vezes vem naturalmente, mas não tenho. E às vezes com um circuito de consultorias, de consultorias simples de... Por exemplo, agora a criação desse Instituto Nacional de Regulação não sei das quantas, os grandes conglomerados precisavam

ouvir algumas pessoas sobre modelos regulatórios. Mas aí, eu e meus meninos estudamos, a gente conhece o que é que acontece nos outros países. Então, eles às vezes encomendam texto ou simplesmente às vezes tem uma reunião. Que é bom, te mantém ativo e estimulado para estudar. A Candido Mendes, portanto, é mais uma associação de um casamento antigo que não poderia acontecer se eu não tivesse me divorciado antes para ter independência.

H.B. – Duas coisas só. Prometo, mas sempre...

E.N. – Eu não estou... Eu não me canso não. Pode ficar...

H.B. – A primeira é que recentemente você voltou, por isso é que eu estou falando de imprensa, a propósito da movimentação cívica de junho, isso voltou ao seu livro lá da Revolta das Barcas e eu fico impressionada porque eu te falei que os estudantes leram com muito gosto, muito impressionados. Talvez até pelo fato de terem visto que não é tão absolutamente singular, nem único, nem... O que está acontecendo, não é? Foi assim para você também? Você voltou com essa...

E.N. – Não, não é porque não fui completamente. Sempre que tem alguma coisa aparece, aparece algum repórter, a CBN e as rádios, ou às vezes televisão, sempre que tem alguma encrenca em transportes e as barcas aqui são prósperas em arranjar encrenca para as pessoas, sempre aparece alguém quando tem algum movimento de violência ou algum tumulto em transportes. O que me impressiona é que às vezes os repórteres leram essas coisas, eles perguntam e acompanham bem. Obviamente, enquanto a Lúcia Hipólito estava na CBN isso era um pouco mais frequente. Mas aparece também imprensa por causa de questões de reforma do Estado, por causa do livro de agências reguladoras. Tem um circuito que... É paralelo, às vezes é um circuito mais de Economia Política, um circuito mais de Administração Pública e continua ter gente que às vezes aparece por aqui por causa do *Gramática Política* na hora de interpretações de... Então, mas é muito infrequente, porque há intelectuais, que eu chamaria de intelectuais públicos, que se voluntarizam para estar presentes no mercado de opiniões. Publicam e disputam. É um tipo de função. É um tipo de papel apropriado para advogados, para cientistas sociais, etc. Não, eu não me sinto confortável nesse papel porque eu acho que ele exige, ele requisita que você tenha opinião sobre tudo e tenha opinião muito instantânea, e

acho que opinião sobre tudo e opinião instantânea tem um risco danado, porque você só consegue ser razoável se você tiver um cunho ideológico que seja provocativo, no intelectual público. Você pode reparar que os intelec... É raro um intelectual público que seja isento, ele sempre tem um lado da equação que sustenta a posição pública dele. E ao mesmo tempo, você ter opinião sobre o instantâneo – você viu agora episódios horríveis de pessoas que tiveram opinião sobre os movimentos e tiveram que voltar atrás de maneira... Então eu acho que esse é um perfil de intelectual muito útil, tem um livro interessantíssimo do [inaudível], que é um advogado americano sobre o intelectual público, tipo *Henry Kissinger* e outros tais. Então eu evito um pouco essa exposição. Se o que a gente sabe tem valor, tudo bem. Se o que a gente sabe não tem valor... A outra coisa que as pessoas fazem nessa época, é que algumas pessoas vivem disso monetariamente e eu estabeleci como princípio fundamental de que as coisas que eu aprendi porque eu estudei nas universidades públicas, ou porque mesmo que durante um tempo eu tive bolsa do setor público para fazer doutorado, eu acho que eu não tenho direito de me remunerar em nada que eu saiba por conta disso. Então, eu acho que é uma postura correta. Porque, diabos!, me deram isso, porque é que eu vou cobrar agora para falar sobre essas coisas? Então, eu não acho que eu tenha muita cara de quem vai para a imprensa, não.

H.B. – Sim. isso é o que importa. Edson, esse projeto é um projeto de trajetória de cientistas sociais em países de língua portuguesa. Sua própria trajetória teve pouco que ver nesse sentido da formação de aprendizado com Portugal, por exemplo. Mas, acho até que tivemos uma relação muito mais distanciada, nesse sentido, as Ciências Sociais daqui e de lá. Você tem alguma opinião sobre isso? Você acha que vale a pena, você acha que essa é uma aproximação que pode render?

E.N. – Acho que pode render, acho que pode render porque eu acho que os dois países estão em um processo de reflexão sobre como é que toca isso para a frente. Portugal um pouco mais difícil do que a gente, porque o processo de Bolonha pegou Portugal em uma situação muito peculiar, porque as faculdades profissionalizantes meio que tiveram que se entregar ao processo de integração europeia de uma mudança da formação de graduação em Portugal. O que cria uma dinâmica complicada sobre como é que é a pós-graduação porque o processo de Bolonha inventou aquele negócio três, mais dois, mais três. Portanto, você fez uma graduação de três anos e, com alguma tintura profissional se for, mesmo se for pequena, mas você espera uma

profissionalização em mais dois com mestrado, mestrados orientados para a profissão. E um doutorado de mais de três anos, que seria para formação acadêmica. Eu acho que Portugal não completou a transição. Alguns países ainda não completaram a transição nessa direção. Então acho que tem muito a conversar, porque a própria formulação dos programas de pós-graduação, dos programas de doutorado eu acho que estão precisando de uma reflexão substantiva lá e cá. O que é que nós vamos fazer com isso? O que é que é isso? Por isso que eu gosto desses camaradas aqui, da Carnegie Foundation que tem uma discussão sobre o processo de formação. Que é um defeito em Portugal e um defeito aqui, que as pessoas consideram que entendem de ensino superior porque trabalham no ensino superior. Não transformam aquilo em objeto de estudo. E já é suficientemente complexo para ser um objeto de estudo em si. Tanto é que Bolonha colocou esse processo. Então acho que, por exemplo, você tem no Porto, você tem no Porto uma... Eu acho que está lá ainda, do Amaral, uma ONG, eu não sei se está associada à Universidade do Porto, que só lida com o ensino, estudos sobre ensino superior. E tem uns autores importantes, inclusive publicam sobre a evolução de Bolonha no mundo europeu. Então, eu não sei o quanto Portugal está usando adequadamente esse tipo de reflexão que cresceu lá e no Brasil não tem reflexão nenhuma. Não, não tem. Nós consideramos os professores de ensino, qualquer professor de ensino, acha que é especialista em ensino superior porque está no ensino superior. Então acho que essa contribuição poderia crescer no sentido que a gente ainda não viu, que é transformar isso em objeto de estudo. Mas aí tem outro problema, que vem junto, que é o que fazer com o setor privado nesse processo? Portugal começa a ter as dores de lidar com o setor privado. É pequeno, é incipiente, mas está começando...

H.B. – Está chegando.

E.N. – Está chegando. Está chegando. Agora, algumas empresas de Portugal, como o grupo UnYLeYa, por exemplo. A UnYLeYa já está no Brasil, é sócia da AVM, a UnYLeYa.

H.B. – E é editora também.

E.N. – É. A UnYLeYa comprou 10% do AVM porque ela tem um programa grande de pós-graduação que ela quer fazer com... – e ela funciona muito em educação à distância. Então a

UnYLeYa, por exemplo, está tentando fazer esta ponte, mas eu acho que está muito, muito primitivo ainda. E Brasil e Portugal podiam aprofundar, sendo que o nosso problema é muito diferente do deles, porque a nossa relação com o setor privado, mercantil, ou nós vamos dar um jeito de entender isso e consertar isso, ou a gente vai jogar fora o bebê e a água de banho, porque o governo está apertando as federais para aumentar o número de vagas, para aumentar o número de cursos noturnos, como se isso fosse uma solução para diminuir o peso relativo do setor privado. Veja, qual é o problema? Portugal não tem esse problema que nós temos. É que a burguesia educacional que começou a funcionar no Brasil é uma burguesia de primeira geração. Eles não sabiam o que era ensino superior até pouco tempo atrás, até dez, 15 anos atrás. Então é gente, primeira geração, que não sabe o que é que é aquilo. E ao não saber o que é que é aquilo, o Brasil não oferece ainda paradigmas claros do que é uma universidade de qualidade. Se o governo federal não se sentir responsável por criar o norte doutrinário do que é que é uma universidade, o setor privado não vai saber o que fazer. Nós vamos ficar amarrados no modelo da PUC, fica espremida ali, uma universidade pequena. E o modelo do setor privado que esses conglomerados... A Estácio está com 150 mil alunos no Rio de Janeiro. A Kroton, a Kroton que comprou a Anhanguera agora tem 1 milhão de alunos no total. Ora, quando se tem um conglomerado – e é o maior conglomerado de educação do Brasil, ele é maior do que o grupo chinês que era o maior do mundo. Então, você veja, o Brasil já tem hoje o maior grupo econômico de educação superior do planeta. Mas a modelagem para isso, para onde vai essa burguesia nova brasileira? Qual é o modelo de ensino? Qual é o conteúdo que se quer ensinar? As famílias brasileiras sabem onde é que está a qualidade? Elas acham que qualidade está naquilo que é público, mas está começando a deixar de ser. Você vê a crise... Você vê, São Paulo conseguiu manter isso nas suas estaduais. O Rio de Janeiro está um inferno astral para manter a qualidade nas suas estaduais. E as federais, elas estão sofrendo por um modelo brasileiro de pasteurização que é o regime jurídico único. Todo mundo ganha igual, todo mundo é igual, todas as carreiras são iguais exceto bolsista do CNPq. Então veja, essa confusão brasileira tem em Portugal de certa forma, porque os professores são funcionários públicos. Acho que a gente vai precisar deslindar isso. Porque que é que Portugal pode ajudar? Porque Portugal tem universidades de verdade, com trajetória, com...

H.B. – Tradição.

E.N. – Com tradição, com fundamento. Nós temos alunos aqui, de Direito, que foram para Coimbra estudar e quase enlouqueceram. Porque eles acharam que Coimbra era uma coisa boba, porque eles só tinham que fazer dois três cursos. Se deram conta de que para fazer dois três cursos, tem que estudar 12 horas por dia. Dia e noite, está certo? Esse modelo de universidade no qual quem trabalha é o aluno, é um modelo que nós não temos. Nós temos um modelo de *aulificação*, ou seja, a educação brasileira transformada em hora/aula, não é isso? Saiu dali se você pegar as pesquisas de opinião dos alunos, pega o provão e pega o ENADE, a média de tempo que 60, 70% dos alunos estuda é três horas por semana. *Se...*

H.B. – Se.

E.N. – *Se.* É três horas, sobreavaliadas. Então, há muito a fazer sobre concepção não só de Ciências Sociais, mas concepção de universidade. A adesão de Portugal à Bolonha e a adesão ao que ele chama de ICTS, sistema de troca de crédito no processo de Bolonha, diz que o aluno tem que trabalhar mil e quinhentas horas por ano. Mil e quinhentas horas você dá equivalência em Barcelona, da equivalência em Londres, etc. Mil e quinhentas horas por ano é o dobro de um ano letivo brasileiro. O ano letivo brasileiro tem 200 dias, as faculdades privadas estão dando, hoje, mais ou menos duas horas de aula por dia, divididas em dia e noite. Em blocos de 40 minutos. São duas horas por dia em 200 dias, dá 400 horas, para assistir aula. Se eles estudassem mais um pouquinho, dava umas 600. 600 é quase um terço do que você espera de um aluno europeu, um aluno português, mas como é que você vai discutir a formação de elite em um país em que você dá aula em 200 dias e mesmo se desse muito, pega alguma escola que dê muita aula, dá 800 horas de aula. Tem pouco trabalho estudantil. Compara isso Brasil e Portugal e vê se nós não temos assuntos a discutir? De modelagem de futuro? Como é que a gente vai fazer isso? Não sei. Eu tenho até discutido com a Fundação¹¹, ver se a Fundação não quer puxar um pouco isso, porque o Governo não vai pagar para fazer isso. Nós não vamos ter financiamento para fazer isso e nós não temos institutos especializados. Você tem intelectuais interessados nisso, mas você não tem instituto especializado no futuro do ensino superior.

¹¹ Fundação Getúlio Vargas.

H.B. – Uma pergunta que a gente sempre faz, que é uma pergunta, às vezes é estranha, mas às vezes dá certo. Se você tivesse que falar de um livro que tenha tido uma influência sobre você, um autor ou mais de um... Depois desse...

E.N. – Bom, você está falando de Portugal tem um autor, que não é acadêmico, chamado Albino Forjaz de Sampaio que é um jornalista pancadíssimo do lá do começo século XX, que escreveu um livro chamado *Palavras Cínicas*, é um sujeito ateu, sujeito contra tudo. Ele apanhou em Portugal, encheram a paciência dele. Esse sujeito foi uma referência para mim quando eu era adolescente. É estranhíssimo, não é? Eu lembro do nome e me lembro do livro, chamado *Palavras Cínicas*. Agora, fora esse português endiabrado, eu acho que eu tenho mais contexto do que livros. Livros que eu considero assim, os trabalhos do Bendix em geral em geral. Os trabalhos do Dahrendorf, dois deles um chamado acho que *A Queda do Muro de Berlim*, não sei se é *A Estrutura da Revolução na Europa [Reflexões sobre a Revolução na Europa]*, que é um livro que ele escreveu, era uma carta que ele ia fazer. Eu acho que eu falei disso com você, não? O sujeito depois da queda do Muro de Berlim, um amigo dele, porque ele é alemão, foragido na Inglaterra perguntou a ele: “Como é que gente faz um país moderno nessas repúblicas todas que vocês se arrebutaram aqui pelo império da União Soviética?” E ele começou a escrever uma carta para o sujeito que redundou em um livro primoroso de como montar o estado moderno. Livre, independente, uma sociedade aberta, um estado contemporâneo. Esse é um livro imperdível. O outro dele imperdível chama-se [inaudível] *Freedom*, que é um livro... Os livros do [inaudível] é... E um livro maluco, um livro de 70 e pouco do Arthur Stinchcombe, um livro chamado métodos... *Theoretical Methods in Social History, Métodos Teóricos em História Social*, que é um trabalho que ele analisa três autores. Eu acho que ele pega o [inaudível], ele pega Trotsky, eu acho, e Durkheim e vai ver como é que é a metodologia científica daqueles caras. E o Arthur Stinchcombe era conhecido por ser um quantitativista robusto, um cara de métodos quantitativos. E ele mostra a genialidade desses camaradas ao estudar a sociedade com método, com organização e ele te mostra aquilo ali. Então acho que esses pequenos... São pequenos livros, são todos esses são pequenos livros, mas pequenos livros que eu acho que eu às vezes eu fico lendo... Eu leio de novo. Porque são as referências e você... Engraçado, se fosse procurar entre todos eles tem um traço – que eu estava pensando nisso, e obviamente o Bendix tem uns pedaços de Weber que vem de contrabando por exemplo – você sabe qual é o traço entre todos eles? É a ideia de possibilidade.

É a ideia... É até uma frase do [inaudível] que ele fala do possibilismo. É a ideia de que a... Eu me lembro do Bendix irritado dizendo o seguinte: “Esse negócio de historiador dizer que só podia ser [inaudível], isso aqui é uma falácia retrospectiva.” O cara pega o evento, aí olha para trás e falava: “Só pode ser esse evento.” Que é o que eu tentei evitar nesse livro das barcas. A ideia de que eu acho que cerca todas as coisas que eu acho que em Ciências Sociais são interessantes, é a ideia da probabilidade de que as coisas sejam diferentes. De que você só pode fazer isso, se você se livrar de parâmetros ideológicos muito pesados ou de preferências muito fortes. Então eu te diria que são esses livrinhos. São três, são livros pequenininhos, mas eu acho que eles contêm a sua metodologia... – o Bendix não, são livros mais robustos – contêm essa metodologia de uma forma tão interessante, que eu acho que eles contêm uma formação completa.

H.B. – Queria ficar muito mais. [risos]

E.N. – Eu..., não, você tem que me orientar mais...

H.B. – É...

E.N. – Se não eu me perco.

H.B. – Muito obrigada, Edson. Foi muito, muito bom. Muito obrigada.

[FIM DO DEPOIMENTO]